

*Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação / Tese de Mestrado / Doutorado,
apresentada à Faculdade de Ciências Médicas, para obtenção do Título de Mestre / Doutor
em SAÚDE MENTAL.*

CAMPINAS (SP), _____/_____/_____

Marília Vizzotto

Orientador(a)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- UNICAMP -**

Faculdade de Ciências Médicas

**PSICODINÂMICA DA PATERNIDADE
UM ESTUDO SOBRE HOMENS QUE ESPERAM O
NASCIMENTO DE SEU FILHO**

MARILIA MARTINS VIZZOTTO

CAMPINAS, 1994

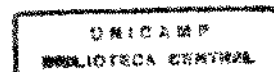
MARÍLIA MARTINS VIZZOTTO

PSICODINÂMICA DA PATERNIDADE :
Um Estudo Sobre Homens que Esperam pelo Nascimento de se^u Filho

Tese apresentada no Curso de Pós-Graduação
em Saúde Mental da Faculdade de Ciências
Médicas da Universidade Estadual de Campi-
nas - UNICAMP, como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutora em Saúde Mental

Orientador: Prof.Dr. Maurício Knobel

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS- UNICAMP
Faculdade de Ciências Médicas - FCM
Campinas, 1994



6156186

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
V.	
TÍTULO:	3425f
PROC.	395/98
C	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	16/06/98
N.º CDD	

CM-00112877-7

Ficha Catalográfica Elaborada pela
Biblioteca Central - UNICAMP

V839p Vizzotto, Marília Martins.
Psicodinâmica da Paternidade: um estudo sobre homens que
esperam o nascimento de seu filho / Marília Martins Vizzotto --
Campinas, S.P. : [s.n.], 1994

Orientador : Maurício Knobel
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Paternidade. 2. Gravidez. 3. Relações Pai-Filho.
4. Psicanálise. I. Knobel, Maurício. II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Aos queridos

**Dudu, Camila, Fê, Pedro, Ana Helena
e Rodrigo**

" não há, entretanto, nenhum absurdo em se supor que, se o pai não leva o filho no ventre, pode, como Zeus com sua filha Atena, levá-lo na cabeça ".

Geneviève Delaise de Parseval

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho desta natureza requer de nós muito empenho, esforço e dedicação. Todavia, mesmo com toda ânsia e entusiasmo, nunca o fazemos sozinhos.

Algumas contribuições são diretas -- técnico-didáticas; outras, as indiretas, passam a ser também tão necessárias, que mesmo por um simples gesto de carinho, ou um incentivo, faz-nos avançar sobremaneira.

Gostaria de expressar minha gradidão a algumas pessoas que estiveram muito próximas a mim neste período, e que não só me ajudaram a elaborar este trabalho, mas também aspectos de minha vida que serviram como suporte para realização deste estudo.

Primeiramente, gostaria de agradecer a alguns professores, os quais, simbólica e carinhosamente eu chamaria de "figuras paternas", dos quais recebi apoio especial durante este percurso :

Ao Prof. Dr. Maurício Knobel, meu orientador, a quem respeito como clínico e acadêmico, e com quem pude muito aprender durante estes anos, passando a representar a "figura paterna intelectual".

Ao Prof. Dr. José Tolentino Rosa, meu professor, supervisor, meu amigo, cujas contribuições são inumeráveis não apenas neste trabalho, como também na minha vida acadêmica, que ele mesmo me oportunizou adentrar, e que representa a "figura paterna ética".

Ao Prof. Dr. Joel Sales Giglio, meu professor, coordenador e amigo, pelo incentivo no campo da pesquisa, e por me impulsionar para aplicabilidade desta na prática clínica social-comunitária, e que representa a "figura paterna da praxis".

Neste rol, também gostaria de inserir :

André, Bernardo, Carlos, Damião, Emanuel, Fernando, Geraldo, Hugo, Ivan, João, Luis e Marcos - nomes fictícios dos sujeitos deste estudo, sem

os quais, este trabalho nunca poderia ter sido realizado - "Os Pais da Gravidez".

Desejo ainda expressar minha gratidão :

À Profa. Dra. Eda Marconi Custódio, que enquanto minha coordenadora tem confiado e acreditado no meu trabalho, enquanto professora contribuiu enormemente na realização deste estudo, e enquanto pessoa tem me dado atenção, carinho e respeito.

Ao Prof. Dr. Sergio Luiz Saboya de Arruda, e à Profa. Dra. Lidia Strauss, pelas valiosas contribuições na ocasião da qualificação, e que que foram de grande utilidade.

Ao Prof. Dr. Roosevelt Cassorla, com quem pude muito aprender sobre pesquisa e ética no trabalho clínico, durante o curso de saúde mental.

Ao Núcleo de Estudos Psicológicos NEP/ Unicamp e ao Instituto Metodista de Ensino Superior - IMS de S. B. do Campo, instituições as quais me vinculo, e onde venho podendo desenvolver meu trabalho com muito reconhecimento.

Aos meus amigos do NEP/ Unicamp - Profa. Zula Garcia Giglio, Psicóloga Marisa Lúcia Fabrício Mauro, e Dra. Letícia Marin Leon, com quem pude dividir angústias e trocar informações valiosas durante este percurso . Também incluo o pessoal administrativo : Alda Spadella e Renata Cristina Cardoso, sempre muito solícitas.

À Sandra Aparecida Moreno, da secretaria administrativa do curso de pós-graduação Saúde mental - FCM, por ter se colocado sempre à disposição ao nos atender enquanto alunos, realizando seu trabalho sempre com muito empenho, competência e bom humor.

À Rosana F. Paulão e à Elizabeth da secretaria administrativa de pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior de S.B. do Campo, que também acompanharam de perto este meu percurso.

Aos meus amigos, professores do Instituto Metodista de Ensino Superior IMS e aos meus alunos, com quem tenho aprendido mais, a cada dia.

Aos amigos que também acompanharam todo este processo e que me apoiaram em momentos difíceis : Profa. Jamili Neme, Profa. Lúcia Cetolo, Profa. Carla B. Souza.

Finalmente, quero agradecer ao meu pai Dr. Moacyr e à minha mãe Profa. Hilda, - as figuras parentais afetivas, sempre continentais.

SUMÁRIO

Cap. I

1. PRIVILEGIANDO O TEMA DA PATERNIDADE ... 01

Cap. II

2. A PATERNIDADE NUM ENFOQUE PSICANALÍTICO ... 08

2.1. A Construção da Paternidade ... 08

2.1.1. A Psicodinâmica da Paternidade à Luz do Conflito Ediplano ... 09

2.2. A Qualidade das Primeiras Situações Ansiosas e o Exercício Paterno no Homem Adulto ... 29

Cap. III

3. A PATERNIDADE NO CONTEXTO PSICOSSOCIAL FAMILIAR ... 33

3.1. O Contexto Vigente ... 33

Cap.IV

4. ALGUNS ENFOQUES DADOS AO TEMA DA PATERNIDADE ... 38

4.1. Paternidade e Desenvolvimento ... 38

4.2. Paternidade e Psicopatologias Familiares ... 40

4.3. Paternidade na Gravidez/Parto ... 42

Cap.V

5. MÉTODO ... 47

5.1. Nossa Opção Metodológica : o método clínico psicanalítico ... 47

5.2. Os Instrumentos Utilizados ... 51

5.3. Os Sujeitos Participantes ... 64

5.4. O Procedimento Durante nosso Trabalho com os pais ... 68

Cap. VI

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO ... 72

6.1. Análise dos Resultados Agrupados ... 75

Primeira Parte

6.1.1. Ser Pai : Da Preparação à Concepção ... 75

Segunda Parte

6.1.2. Lidando com a Gravidez ... 85

Terceira Parte

- 6.1.3. No momento presente: os pais e empreendimento da tarefa projetiva ... 102**
- 6.1.4. Algumas Peculiaridades do Mundo Interno ... 111**
 - 6.1.4.1 O sistema tensional dominante ... 112**
 - 6.1.4.2 Considerações sobre algumas emoções básicas ...126**
- 6.2. Um Caso Ilustrativo ... 137**
- 6.3. Breve Nota sobre Saúde Mental e Paternidade ... 151**

Cap. VII**7. CONSIDERAÇÕES FINAIS ... 153****REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ... 159****ANEXOS ... 167****LISTA DE QUADROS xi****LISTA DE FIGURAS ... xii****RESUMO ... xiii****ABSTRACT ... xiv****RÉSUMÉ ... xv**

LISTA DE QUADROS

Quadro I

Características dos Sujeitos Participantes 65

Quadro II

Síntese de Aspectos Manifestos das Relações Objetais
apresentadas pelos doze casos no T.A.T. ...104

Quadro III

Médias de Tempo de Reação inicial e Tempo de Reação
Total Obtidas por cada Sujeito no T.A.T. ... 110

Quadro IV

Agrupamento de Aspectos do Sistema Tensional Domi-
nante 113

Quadro V

Esquematisação do temor da Parte Feminina do Eu
"em André" ... 140

LISTA DE FIGURAS

Esquematização Simbólica das fantasias em torno
da Trama Edipiana 115

RESUMO

O presente trabalho é um estudo clínico de abordagem psicanalítica; investiga aspectos da psicodinâmica da paternidade em doze casos de homens cujas esposas encontram-se grávidas do primeiro filho, em meses variados de gestação.

Esta análise procurou estudar aspectos do conteúdo manifesto e do conteúdo latente, a partir do material colhido através de um roteiro de entrevista clínica não diretiva e do Teste de Apercepção Temática (T.A.T.).

Os resultados mostram que, naqueles pais estudados, houve, em muitos momentos do período de gestação, uma mobilização de situações conflitivas mais precoces do seu desenvolvimento. O remanejamento libidinal remete-os, principalmente, ao período edipiano precoce, postulado por Melanie Klein. Surgem, naqueles pais, reações sintomáticas variadas: alterações do sono, do estado de ânimo, alterações alimentares e das atividades sexuais, as quais são interpretadas como "acting out" (defesa contra a inveja).

Fantasias - conscientes e inconscientes, expressam esta inveja da capacidade feminina de gestar. Entretanto, as reações e as fantasias mobilizadas são particularmente relacionadas às vivências mais precoces de cada um, dependendo da evolução da libido de cada pai, assim como dos diversos recursos defensivos a que cada indivíduo recorre, em cada situação.

Sugerimos que este tema venha a ser mais estudado, uma vez que pode nos possibilitar uma compreensão humana do pai em seus anseios, medos e limitações, e ainda, contribuir para o nosso trabalho clínico multiprofissional na área da Saúde.

ABSTRACT

This is a clinical study about fatherhood, based on a psychoanalytical approach. It studies the psychodynamic of fatherhood in twelve men whose wives were pregnant of their first child. The pregnancy period of their women varied between the fourth and the ninth month.

This analysis focus mainly the manifest and the latent contents that emerge from the data collected by clinical non-directive interviews and by the T.A.T. (Thematic Apperception Test).

The results show several moments of mobilization of conflictive situations from early stages of the development of these men. The libidinal remanagement led them to the early edipian period, as referred by Melaine Klein.

Different symptomatic reactions appeared in these fathers : sleep and mood disorders, changes on alimentary habits and on sexual activity; all these can be seen as "acting out".

The conscious and unconscious fantasies show an envy of the female ability for gestation. Nevertheless, the mobilized reactions and fantasies are determined by the early life experiences of each individual.

These issues deserve further studies if we look forward to an enlargement of our knowledge and comprehension of the father's role as a human being : longings, fears and blockades. This will also help us in our clinical work as Health professionals .

RÉSUMÉ

Ce travail est une étude clinique dans l'approche psychanalytique qui fait une recherche sur les aspects de la psychodynamique de la paternité dans douze hommes dont leurs épouses deviennent enceintes du premier fils et leurs grossesses ont une durée bien variée (entre 4 et 9 mois).

Cette analyse a étudié les aspects du contenu notoire et du contenu latent, à partir du matériel recueilli à travers d'une grille d'entrevue clinique non directive et du Test de Aperception Thématique (T. A. T.).

Les résultats ont montré, que chez les pères faisant l'objet de cette étude, il y a eu, en plusieurs moments de la période de grossesse, une mobilisation de situations conflictuelles mais précoces de son développement. Le remaniement libidineux les remet, principalement, à la période edipienne précoce postulée par Melanie Klein. Il y a eu, chez ces pères, des réactions symptomatiques variées, par exemple, des altérations de sommeil, de l'état de d'esprit, des altérations alimentaires et des activités sexuelles, lesquelles sont interprétées comme "acting out" (défense contre l'envie).

Les fantasmes - conscientes et inconscientes -, expriment cette envie de la capacité féminine d'être enceinte. Mais, leurs réactions et les fantasmes mobilisés sont particulièrement en rapport avec les vécus plus précoces de chacun, selon l'évolution du libido de chaque père, ainsi comme les diverses ressources défensives auxquelles chaque individu se réfère, en chaque situation.

Nous suggérons que chaque thème soit plus étudié, puisque ça peut nous permettre une compréhension humaine du père dans ses désirs, peurs et limitations, et encore, contribuer à notre travail clinique multiprofessionnel dans le domaine de la Santé.

Capítulo I

PRIVILEGIANDO O TEMA DA PATERNIDADE

O interesse pelo tema da paternidade vem nos acompanhando desde o período de mestrado em Psicologia Clínica, quando desenvolvemos um estudo sobre "Ausência Paterna em crianças com dificuldades no aprendizado" a partir de um referencial clínico psicanalítico. A disposição para continuar trabalhando neste tema fortaleceu-se diante da experiência com crianças; com orientação de pais; e com grupos de gestantes no nosso trabalho em saúde mental no serviço de saúde pública - numa preocupação com a saúde da comunidade, e com a prática preventiva em saúde mental.

No atendimento da demanda infantil, fomos observando a importância da participação do casal parental em grupos de orientação, e não só a participação da mãe, como costumeiramente acontece. Assim, não é raro encontrarmos a ausência da figura masculina como uma das razões pela qual o filho aparece como substituto do pai à mãe, havendo uma pseudo genitalização, impedindo seu crescimento - aspecto já assinalado por SALAS (1972), ABERASTURY & SALAS (1978); e acrescentando-se com especificidade as implicações desta ausência no campo cognitivo, SOARES (1986), VIZZOTTO (1988).

Com relação aos grupos de gestantes, observamos o quanto a participação do marido é de fundamental importância neste período, tanto pelas reações e sentimentos despertados durante este processo, como também pelo simples fato de que o bebê que está sendo gerado é fruto do **par parental**. Entretanto, na prática clínica institucional, encontramos algumas dificuldades no que se refere a uma participação mais efetiva do homem (futuro pai) em grupos de orientação. E, certamente, estas dificuldades estão relacionadas a uma multiplicidade de variáveis.

Dentre esta gama de variáveis, a prática parece nos indicar que existem tanto as razões internas (conflitos primitivos que emergem neste período, representantes da identidade mais genuína de cada pai), como razões externas (tabus da nossa sociedade ocidental que designam o filho-bebê, como sendo produto só da mãe).

Cabe salientar que existem dificuldades também por parte do terapeuta, não só pela questão técnica de manejo do grupo (esta é uma outra questão que não trataremos aqui), mas pelo fato de que, enquanto técnicos, quando buscamos subsídios teóricos que nos norteiem, pouco encontramos. Principalmente quando comparamos com o volume de literatura que aborda exclusivamente a maternidade. Deste modo, parece-nos muito difícil, e muitas vezes "impossível", trabalhar num campo pouco explorado.

Os sentimentos, as fantasias, as reações da mãe no período de gestação são muito bem estudados e definidos, mas não se tem dado igual importância à pessoa do pai neste processo. Isto pode ser visto nas próprias teorias de desenvolvimento humano onde encontramos, tanto na psicanálise freudiana como entre vários neo-freudianos, uma ênfase, durante muitos anos, na importância da relação mãe-bebê, atribuindo à paternidade uma importância mais tardia no desenvolvimento; a exemplo disto, temos os trabalhos de R.Spitz, A. Freud, M.Malher, entre outros.

Mesmo Melanie Klein, grande responsável pelo desenvolvimento e ampliação da psicanálise, a qual atribuiu uma importância mais precoce às relações (relações objetais), também enfatiza a relação mãe-bebê, referindo-se pouco à paternidade especificamente, ainda que a tivesse admitido em período precoce do desenvolvimento (quando admite um Édipo precoce por volta dos 6 meses de idade).

Entretanto, é através da obra de M. Klein que o tema da paternidade começa a ganhar mais destaque. Neste referencial podemos encontrar as contribuições da Escola Psicanalítica Argentina com os trabalhos de Arminda Aberastury, Eduardo Salas. A escola francesa, representada por Lacan, também privilegia o tema, porém, baseia-se em outro ponto de vista.

Caber salientar, que para a compreensão de nossos dados, vamos nos ater à abordagem kleiniana, às contribuições da Escola Argentina de Psicanálise, muito embora não deixaremos de nos referir, em muitos momentos, às valiosas contribuições de S. Freud - "o pai da psicanálise".

Deste modo, diante de uma prática clínica preventiva que nos pede mais subsídios, de uma literatura escassa (de estudos da nossa realidade brasileira), acreditamos na possibilidade de desenvolvermos um estudo que tratasse de aspectos específicos da paternidade.

Porém, falar da Paternidade numa perspectiva psicodinâmica (psicanalítica em particular) abre um enorme leque com espaços ainda muito pouco explorados. Por isto pensamos num estudo clínico que pudesse abordar apenas uma parte, ou um *momento* da Paternidade : a paternidade na gestação.

Assim, com este interesse, surge uma grande indagação : - Como se apresenta esta Psicodinâmica paterna, num período em que o homem vive a expectativa da elaboração e do surgimento de um "produto" que é seu, mas que se encontra, materialmente falando, no ventre de outrem ?

Diante desta interrogação, porém defrontados com algumas limitações acadêmicas e institucionais (questões relativas ao tempo para um trabalho a mais longo prazo), procuramos direcionar ainda mais este estudo.

Deste modo, procuramos fazer uma investigação clínica, compreensiva, porém com objetivos mais limitados.

OS OBJETIVOS

De forma ampla, geral, partimos para uma investigação clínica, de aspectos da Psicodinâmica Paterna, em homens, cujas companheiras encontram-se em período de gestação. Porém, limitamos esta investigação a momentos (dentro de meses variados da gravidez) e não ao acompanhamento de todo período de gestação.

Estamos entendendo por "Psicodinâmica Paterna" as vivências do pai neste período : suas emoções, sensações, bem como reações e comportamentos -- compreendidos em seu sentido dinâmico.

Este sentido dinâmico, por sua vez é compreendido segundo a visão psicanalítica, que considera os fenômenos psíquicos como resultantes da composição de conflitos e de forças (de origem pulsional).

O ponto de vista dinâmico, também diz respeito à consideração da idéia de que no psiquismo há forças que entram necessariamente em conflito umas com as outras, pois o conflito encontra sua fonte num dualismo pulsional (LAPLANCHE & PONTALIS, 1967).

Assim, mais especificamente, procuramos investigar :

1) Aspectos do Conteúdo Manifesto e do Conteúdo Latente, trazidos pelos sujeitos-pais durante o processo de investigação clínica.

Quanto ao conteúdo latente, procuramos compreendê-lo através de:

- a) desejos inconscientes
- b) medos - angústias inconscientes
- c) defesas - recursos defensivos predominantemente utilizados

Estes aspectos referentes ao " mundo interno", ou seja, ao Sistema Tensional Inconsciente do sujeito, são visualizados com a leitura interpretativa do material disponível, colhido na investigação clínica, e que é expressado

através de fantasias inconscientes(*) apresentadas, e, muitas vezes através de fantasias conscientemente expressadas.

2) aspectos referentes a fatores sócio-culturais que se acham presentes na personalidade, no individual, de cada homem em questão.

É importante lembrarmos, que existem "diversas formas de ser pai", ou de figuras da paternidade : pais que doam esperma a bancos; pais que se prestam à condição de meros reprodutores para mulheres que desejam assumir sozinhas o filho; pais que assumem a paternidade de um filho que não é biologicamente seu, enfim. Entretanto, no presente estudo, estaremos trabalhando com pais a que chamamos "pais comuns" - (por mera questão de denominação), os quais são homens que vivem maritalmente com suas respectivas companheiras, dentro do modelo familiar-social preconizado, e que esperam pelo nascimento de um filho seu.

(*) ressaltamos, que a conceituação de "fantasia Inconsciente" com a qual compartilhamos, é apresentada por Susan Isaacs, ISAACS (1952). "(...) os representantes psíquicos dos instintos libidinais e destrutivos, têm de ser encarados como primórdios das fantasias. No desenvolvimento mental da criança, porém, a fantasia cedo se converte também num meio de defesa contra as ansiedades, um meio de inibir e controlar os impulsos instintivos, assim como uma expressão dos desejos reparadores. A relação entre a fantasia e a realização de desejos sempre foi sublinhada; mas a nossa experiência também nos mostrou que a maioria das fantasias, como os sintomas, serve igualmente a vários outros propósitos, a par da realização de desejos; por exemplo negação, renovação da segurança, controle onipotente, reparação etc. É verdade, evidentemente, que todos esses processos mentais, numa acepção mais ampla, que têm por finalidade diminuir a tensão instintiva, ansiedade e culpa, também servem aos propósitos de realização de desejos (...) Todos os impulsos, todos os sentimentos, todos os modos de defesa, são experimentados em fantasias que lhes incutem vida mental e mostram a direção e propósitos daqueles. Uma fantasia representa o conteúdo particular dos impulsos ou sentimentos (por exemplo - desejos, medos, ansiedades, triunfos, amor ou mágoa) que dominam a mente no momento (...)" p. 96 e 97.

AS HIPÓTESES

No presente estudo, também partimos de algumas Hipóteses, que são na verdade uma procura de compreensão, e de confirmação da própria teoria.

Com o marco teórico referendado, que é o psicanalítico, estamos aceitando já como verdade, a existência de uma vivência edipiana precoce postulada por Melanie Klein. Também estamos aceitando as considerações sobre Paternidade feitas por Arminda Aberastury, a qual retoma este conceito edipiano kleiniano e sublinha os três aspectos básicos para a compreensão da paternidade no adulto : *o parricídio, o incesto, o período passivo feminino*.

A partir deste referencial teórico e, ainda com base nos dizeres de M.Knobel (KNOBEL,1987) de que Laio-Jocasta-Édipo interagem num continuum helicoidal indefinido, sendo que com o nascimento de cada filho ou de cada neto esta situação é reativada, de modo que a situação dramática básica é sempre a mesma, levantamos as seguintes hipóteses :

1. Já antes do nascimento, no período de gestação da mulher, conteúdos intra-psíquicos de períodos mais precoces da vida (da situação edipiana em especial) são mobilizados no homem, tal como na mulher - a qual já fora muito estudada .

2. A mobilização destes conteúdos internos no homem durante a gravidez da mulher, traduz conflitos, e pode oportunizar uma re-elaboração desta situação dramática edipiana.

3. O meio sócio-familiar-cultural, inibe a expressão de muitas emoções do homem neste período de gravidez da mulher, podendo dificultar uma "vivência paterna" mais tranqüila.

Torna-se importante colocar, que ao partirmos de Hipóteses que são, na verdade, uma busca compreensiva de dados teóricos já referendados e evidenciados por alguns autores clássicos, não estamos confundindo hipótese com pressuposto teórico.

Este trabalho, de natureza clínica- descritiva, se apoia nestes pressupostos, porém coloca-se como uma forma de ilustração da própria

teoria e, ainda que de modo limitado, também como fonte geradora de novas pesquisas e estudos mais sistematizados -- devido às lacunas ainda existentes e inexploradas no tema da paternidade.

Ao colocarmos estas *limitações* do nosso trabalho já neste momento, estamos admitindo de certo modo, que também nossos resultados serão modestos. Isto nos faz lembrar uma citação de ALMEIDA FILHO (1985), com a qual nos sentimos bastante identificados, e nela o autor se refere às limitações de seu processo de pesquisa, dizendo : "*(...) por este motivo responsabilizamo-nos inteiramente pelas falhas e defeitos presentes no material aqui referido, conscientes de que é impossível aprender-fazendo sem cometer erros. Por outro lado, não há porque envergonharmo-nos da pobreza dos nossos resultados sendo absolutamente necessário trazê-los à público a fim de que todos os interessados possam discuti-los e, quem sabe, retomar algumas hipóteses e sugestões aí contidas. Foi esta, e não outra, a principal intenção que nos animou a reunir neste volume, alguns dos resultados preliminares (e prioritários) de quase cinco anos de trabalho em um campo infelizmente ainda pouco explorado*" p. 12.

Capítulo II

A PATERNIDADE NUM ENFOQUE PSICANALÍTICO

2.1. A Construção Da Paternidade

Dentro da abordagem psicanalítica aqui adotada, estamos entendendo a paternidade a partir do modelo de desenvolvimento psicoafetivo humano, de modo que o exercício da vida adulta se faz a partir do próprio desenvolvimento da vida infantil, na medida em que se estruturam os vínculos com base na qualidade das primeiras relações estabelecidas.

Neste referencial, o exercício da paternidade no homem depende das relações que ele teve com seus pais na infância .

Entendemos, tal como KNOBEL (1987), que o exercício da paternidade está vinculado a um "compromisso evolutivo". O exercício paterno será então entendido a partir de sua própria vivência edipiana, de modo que não haverá Laio sem antes ter sido Édipo (e antes não haveria Édipo sem Laio e Jocasta).

Laio e Jocasta interagem com Édipo num continuum indefinido, num processo evolutivo helicoidal. As soluções edipianas são sempre parciais, de modo que os aspectos primitivos surgem no reaparecimento de etapas mais precoces do desenvolvimento evolutivo -- o complexo edipiano se reestrutura posteriormente na vida adulta com o nascimento de cada filho, ou de cada neto -- de modo que a situação dramática básica é sempre a mesma, KNOBEL (op.cit.).

Visto desta maneira, torna-se muito difícil fazermos uma exposição, ainda que de forma didática, em tópicos separados, sobre a evolução da paternidade a partir do conceito edipiano e depois, sobre o exercício paterno no adulto, já que ambos se misturam neste processo contínuo. Entretanto, para melhor compreensão de nossos dados, vamos expo-los em dois tópicos distintos, numa tentativa de: a) compreender o processo evolutivo do homem através da estruturação do conflito edipiano e b) compreender o exercício paterno no adulto à base deste mesmo processo evolutivo.

Assim, ao entrarmos na temática da paternidade desde uma visão desenvolvimentista, faz-se necessário dizer que os estudos sobre o papel paterno começaram a partir da concepção do complexo de Édipo - o vínculo triangular que Sigmund Freud admitiu por volta por volta dos 4 ou 5 anos de vida.

2.1.1. A Psicodinâmica da Paternidade à Luz do Conflito Edipiano

• A Paternidade : Édipo

Um fragmento da tragédia : << para evitar a maldição dos deuses - de que seria morto pelas mãos de seu próprio filho, Laio abandona seu filho Édipo nas mãos de um criado para lança-lo de um monte com os pés travados por ferros. O menino não morre e é adotado pelos reis Políbio e Mérope. Já adulto, ao consultar o oráculo sobre sua origem, Édipo não ouviu de Apolo uma resposta senão o vaticínio de que mataria seu pai e se casaria com sua mãe. A fim de evitar este horror, foge de Corinto e no caminho, ao enfrentar um ataque, Édipo mata seu agressor -- Laio, seu verdadeiro pai, em defesa própria. Ao chegar em Tebas, Édipo enfrenta a Esfinge e elucida seu enigma. Pela sua acertada resposta e por assim libertar Tebas da terrível peste, é premiado com o casamento com a rainha Jocasta, viúva de Laio, sua própria mãe. O casal gera filhos; mas a felicidade não é por muito tempo, uma peste

invade a cidade. O oráculo declara que este horror só terminaria quando fosse encontrado o assassino de Laio; e, quando paulatinamente Édipo descobre que é ele próprio, e que Laio era seu pai, arranca seus próprios olhos e Jocasta enforca-se ... >> ABERASTURY & SALAS (1978).

Sigmund Freud toma esta parte da tragédia e dá nome a mais conhecida e mais difícil situação humana, apontando que o Complexo de Édipo é o nó das neuroses infantis. Freud demonstrou que a cegueira infligida por Édipo a si mesmo era metaforicamente a sua castração; uma auto punição pelo incesto e pelo parricídio, apesar de suas intenções serem acompanhadas de grande carga afetiva.

A conotação da universalidade da trama básica edipiana é dada pela sua inevitabilidade: o menino não pode evitar a ligação erótica com a mãe.

LAPLANCHE & PONTALIS (1967) ao apresentarem o termo de forma ampla, afirmam que o Complexo de Edipo é" *o conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais. Sob sua forma positiva, o complexo apresenta-se como na historia de Édipo-Rei : desejo de morte do rival que é a personagem do mesmo sexo, e desejo sexual da personagem do sexo oposto . Sob sua forma negativa, apresenta-se inversamente : amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto*" p.116.

Sigmund Freud nunca fez uma exposição sistemática sobre o Complexo Edipiano em sua obra. A elaboração deste conceito, como citam LAPLANCHE & PONTALIS (op.cit.) é paralela à psicanálise.

Em sua obra podemos encontrar que o Édipo é vivido em seu ápice no período de 3 aos 5 anos, durante a fase fálica, e tem seu declínio com a latência; mas também fala de uma período pré-edipiano.

FREUD (1921) explica a história primitiva do complexo de Édipo utilizando-se do conceito de identificação. No caso do menino, este manifesta um interesse especial pelo pai - gostaria de ser como ele e substituí-lo em tudo, é seu ideal. Concomitantemente, o menino começa a dirigir-se à mãe como objeto de pulsões libidinosas. Então, estes vínculos -- um sexual (com a mãe) e uma identificação com o pai, acabam por coexistirem. O desenvolvimento intrapsíquico exige uma unificação, de modo que estes vínculos vão se aproximando até que surge o Complexo de Édipo em si mesmo.

Neste período, o menino percebe que o pai, seu rival, lhe barra o caminho à mãe, de modo que a identificação com ele passa a ter um conteúdo hostil, o que terminará fundindo-se com o desejo de substituí-lo perto da mãe.

SALAS (1978), afirma que o modelo em Freud é sempre masculino, pois não há outro sexo, isto porque o sujeito se apodera do pai por identificação, enquanto que com a mãe existe um vínculo objetal. O vínculo com o pai é o de ser enquanto que com a mãe o vínculo é o de ter.

O desenlace, ainda segundo este autor, acontece de forma que o menino fantasia ser amante da mãe e tenta seduzi-la exibindo-lhe o pênis. A mãe compreende este conteúdo e proíbe-lhe a masturbação, muito embora esta proibição seja limitada pois a mãe não é modelo, mas sim objeto de desejo.

Desta forma, geralmente, a mãe atribui ao pai o poder de ameaça sobre o filho. E o pai, agora seu modelo e rival, é visto como cruel castigador a serviço da mãe. Esta ameaça será verdadeira quando o menino recordar a aparência de um órgão genital feminino (ausência de pênis), e com isto toma a sério esta ameaça, podendo sentir já o complexo de castração. Desta maneira, ele sentirá o trauma mais forte de sua vida, (uma vivência fálica).

A castração não é apenas um medo concreto, mas um medo simbólico percebido internamente pelo menino. O fato de Laio enviar o filho para longe, a fim de evitar a tragédia, mostra-o como o castrador, e este ato paterno é feito em defesa de si próprio e de seu poder fálico. E seu êxito é essencial e básico, já que, do contrário o filho permanecerá ligado à mãe - numa vitória erótica que o impedirá de crescer.

Na teoria freudiana o menino irá transpor a situação edipiana pela castração interna infligida pela figura paterna, uma amputação em relação ao pai e não em relação à mãe. A castração feita pelo pai é portanto uma necessidade ao complemento masculino, enquanto que feita pela mãe não o é.

Na trama edipiana, a castração do pai é introjetada como o superego, uma autoridade que lhe impõe uma ordem, uma lei inflexível, à qual o menino se curvará. De modo que este *menino masculino*, nascerá à medida em que aceitando a autoridade do pai pela ameaça de castração, também aceitará, por via da identificação, ter o mesmo posicionamento agressivo do pai. A exigência do pai de que o filho se afaste da mãe, é uma pré-condição para a identificação do filho com o pai.

Como escreve MONICK (1991) a ameaça implícita da aniquilação na castração pelo pai, tem efeitos variáveis nos meninos, como : um menino

falicamente tímido corre até a mãe em busca de proteção - um risco perigoso para o impulso e para a independência no futuro; já para um menino não tão frágil falicamente a ameaça de castração o deixa numa indecisão (uma parte admira a decisão paterna, e a outra o despreza); e para um menino falicamente forte, o desafio do pai é o que ele precisa, pois será um convite e um aval para que ele adentre no mundo dos homens, é como se o "representante fálico da família lhe tivesse enviado a senha".

Deste modo pode-se observar, que na busca da identidade masculina está implícito que é necessário um certo grau de sofrimento e de sacrifício para alcançá-la.

LAPLANCHE & PONTALIS (op.cit.) descrevem de forma condensada, que S.Freud sustentou funções ao Complexo de Édipo, como:

a) Escolha do objeto de amor, na medida em que, mesmo após a puberdade este se conserva com as características dos investimentos de objeto, pelas identificações próprias e pelo impedimento de realização de incesto.

b) Possibilidade de acesso à genitalidade, uma vez que somente o amadurecimento biológico não garante este alcance. A organização genital supõe a instauração de uma supremacia do falo e esta instauração não poderá ser feita sem a resolução da crise edipiana pela via da identificação.

c) Efeitos sobre a estruturação da personalidade - constituição das instâncias psíquicas, em especial o superego e o ideal do ego (este papel estruturante está ligado ao declínio do Complexo de Édipo e ao início da latência).

. Na Teoria Kleiniana

A escola kleiniana, como já citamos, atribui importância às fases mais precoces da infância e não se refere a um período pré-edípiano. Melanie Klein trás o Complexo de Édipo à posição depressiva, quando já se fala em "pessoas totais".

KLEIN (1932) ao tratar dos "Primeiros Estágios do Conflito Edípico e da Formação do Superego", afirma : *"não creio que se possa fazer distinção muito precisa entre os primeiros estágios do conflito edípico e os ulteriores. Desde que, conforme o demonstraram minhas observações, os impulsos genitais se estabelecem ao mesmo tempo que os pré-genitais..."* p. 185 e 186.

Também em nota de rodapé, a autora diz : *"Não creio por exemplo que Fenichel tenha razão ao diferenciar os precursores pré-genitais do Complexo de Édipo do Complexo de Édipo propriamente dito, como faz em seu trabalho 'Pregenital Antecedentes of the Oedipus Complex' "* p.186.

Baseada em análises de crianças, KLEIN(op.cit.) diz que os impulsos edípicos da criança são liberados pelas frustrações orais e simultaneamente o superego começa a formar-se. E antes, a autora já afirmara, KLEIN (1928), que as tendências edípicas são consequência da frustração do desmame e reforçadas pelas frustrações anais sofridas com o treinamento dos hábitos de higiene.

É interessante ressaltar, que o conflito edípiano na teoria kleiniana, tal como em Freud, faz parte do processo de desenvolvimento, de modo que pensamos ser necessário tecermos algumas breves considerações sobre este processo.

No mundo interno infantil, há um domínio das fantasias. Durante a infância, bem como no decorrer da vida, as pulsões vão tomando características diversas. Nos três primeiros meses -- na posição esquizoparanóide, as defesas da criança possuem um predomínio esquizóide, as angústias pulsionais são de caracter persecutório e o objeto é entendido de maneira parcial, KLEIN (1952).

Neste período, o bebê utiliza-se de um mecanismo rudimentar, a cisão - dele mesmo e do objeto. Com a cisão (divisão) ele ainda alucinará, através de sua também rudimentar percepção - o seio ora será bom , satisfatório (o qual idealiza), ou será mau, não satisfatório (o qual o persegue).

Neste mesmo período que o bebê fará uso de identificações projetivas (os conteúdos inconscientes ruins --objetos maus persecutórios, serão projetados para fora) como forma de alívio das angústias pulsionais, reservando consigo os objetos bons. Por estas razões, M. Klein diz que o bebê se encontra num estado psíquico onde : ou o objeto é bom, ou o objeto é mau (*).

Com seu desenvolvimento, aos poucos, o bebê conseguirá projetar e reintrojetar (embora precariamente) e o ego vai se desenvolvendo, "catando" novos objetos através das projeções e introjeções identificativas boas. Por volta já dos 4 ou 5 meses de vida, as fantasias pré-ambivalentes (objetos bons e maus distintos) começam a ser dominadas pelas fantasias ambivalentes (objetos bons são também maus). E, como nesta passagem o sofrimento é grande, Melanie Klein a denomina posição depressiva.

Neste período, o objeto é visto como total e a ansiedade básica é a depressiva. Novos mecanismos se fazem presentes, tais como a repressão.

O progresso nas funções do ego, segundo HEIMANN (1952), resulta na capacidade da criança em reconhecer pessoas individuais (totais) e assim, amplia seu mundo.

Deste modo, vemos que a criança já integra suas múltiplas impressões que eram vistas antes como dissociadas.

ABERASTURY (1967) ao falar sobre a "Imagem Total da Mãe", afirma que a capacidade de unificar no plano mental é um correlato do que se passa no plano fisiológico, e destaca a *assimetria* - expressão corporal vista na posição esquizo-paranóide e a *simetria*, correspondente à capacidade de coordenação e unificação da posição depressiva.

(*) Melanie Klein 1932, baseou-se nos trabalhos de Karl Abraham, o qual apontava o início da sexualidade na fase oral de sucção - durante os primeiros seis meses, considerando este período como pré-ambivalente, e Klein, diferentemente aponta que a pré-ambivalência (o objeto não amado e odiado ao mesmo tempo) só ocorre nos três primeiros meses. Para Klein, no início da vida estão presentes amor e ódio (na relação mãe-bebê) e, a sexualidade associa-se a estes estados de prazer e desprazer.

Continua ainda esta autora, ao expor sobre o " Predomínio da Angústia Perdida", que a posição depressiva é uma repetição do que já aconteceu na vida intra-uterina com a passagem embrião para feto e para nascimento.

Sobre este aspecto, HEIMANN (op.cit.) afirma que uma agitação oral, uretral, anal (pré-genitais) e genital coexistem e integram um estado caótico de reivindicações contraditórias. Os desejos libidinais misturam-se com os destrutivos; há impotência e onipotência

e um predomínio de fantasias sobre a realidade, mostrando uma confusão entre os impulsos e os objetos.

Neste processo a criança deseja atacar, destruir seu objeto libidinoso já que como expõe KLEIN (1928), estas tendências edipianas são acompanhadas de introjeção do objeto, o qual se transforma no objeto castigador ; deste modo a criança teme também em ser devorada, destruída.

Encontramos nesta explicação, o porquê do temor da criança em ser castigada - pois este temor corresponde à sua ofensa em também atacar e destruir. O superego (rigoroso e castigador) está então, em conexão com estas experiências pré-genitais.

Voltando à HEIMANN (op.cit.) vemos que em sua explanação sobre o assunto, fica muito claro a idéia de que aquilo que é desejado ou é temido pela criança, é entendido por ela como sendo acontecimentos reais. De modo que muitas excitações instintivas são também atividades : impulsos orais conjugam-se com fantasias de chupar, espremer, morder, esvaziar, incorporar o objeto; os impulsos uretrais-anaís conjugam-se com afogar, expelir, queimar. Assim, por estas equações inconscientes entre os órgãos e funções, cada órgão pode ser tido como meio de posse do objeto desejado ou mesmo de ataque ao objeto.

Desta forma, os impulsos pré-genitais sobrepõem-se àqueles que são originados nos estímulos genitais pois, no início, os impulsos verdadeiramente genitais de penetrar ou receber, associados ao desejo de possuir filhos , tem que lutar contra as fantasias pré-genitais , com a falta de fronteiras estáveis entre o libidinal e o destrutivo, originando assim muitos temores.

Ainda no plano corporal, ABERASTURY(1967) diz que o bebê vai adquirindo segurança em apreender objetos e no plano mental surge a capacidade simbólica que lhe permite recuperar objetos em sua mente.

Desta maneira pode-se entender, que a capacidade de formação de símbolos e o controle da motricidade levam o bebê a uma autonomia cada vez maior da mãe.

Cabe ressaltar, que com este reconhecimento de pessoas totais, a criança se encontra de fato com duas pessoas : os pais. E muito embora ela possa ter agora acesso a mais vias de gratificação, ela terá que enfrentar estímulos, excitações inerentes a uma relação entre três pessoas. E assim, ela ingressa num tipo triangular de relação objetal.

Este primeiro e primitivo triângulo, representa a origem do Complexo Edipiano. HEIMANN (op.cit.), mostra que na percepção destas inter-relações, a criança fantasia sobre as interações pai-mãe (até certo ponto reconhecendo uma realidade), porém, em seu primitivo mundo ela concebe estas interações parentais segundo os termos de seus próprios impulsos (noções determinadas pela projeção) que são na verdade uma distorção da realidade. E assim, continua esta autora, neste estágio primitivo, início do conflito edipiano, os impulsos são "polimorficamente Perversos"(*).

Estes temores tornam-se muito claros para nós, quando entendemos na teoria Kleiniana que os desejos edípicos estão ligados ao medo da castração e ao sentimento de culpa (tal como na teoria Freudiana).

Quanto à culpa, Melanie Klein ao se referir aos trabalhos de Ferenczi (KLEIN, 1928) aponta que antes se pensava que o sentimento de culpa aparecia mais tarde. Entretanto ela pode observar que este sentimento é na verdade o resultado da introjeção dos objetos de amor edipianos e concomitantemente da formação do superego; ou seja, esta culpa vincula-se ao predomínio sádico oral e sádico anal, e com surgimento do superego

(*) sobre este período polimorfo-perverso, reconhecido por P. Heimann, Arminda Aberastury (1967), argumenta que dos colaboradores de Melanie Klein, Heimann é a única que reconhece uma modificação entre as fases oral e anal, pois os kleinianos aceitam a existência de impulsos genitais e anais na fase oral, mas consideram que a fase genital é posterior a anal, tal como descreveu Freud.

(por isso o rigor sádico). E o ego, pouco desenvolvido, ainda é muito frágil para lidar com um superego tão ameaçador.

De modo que, associados a estas frustrações orais e anais, está o castigo que produz, certamente, grande ansiedade.

Podemos ainda encontrar na obra de M. Klein (KLEIN, 1932) que, se estas frustrações libidinais (sobretudo orais) intensificam o sadismo, as necessidades destrutivas fundidas às libidinais (não satisfeitas) conduzem a uma intensificação ulterior do sadismo.

A frustração oral, desperta na criança o conhecimento (inconsciente) dos prazeres dos pais e uma "crença" de que estes são de natureza oral. Assim, a criança, por pressão de suas frustrações, é despertada para um sentimento de inveja, que dá lugar ao ódio (seu desejo de esvaziar o seio da mãe a induz para o desejo de chupar e devorar todos os líquidos de seus pais, ou o que receberam um do outro na "copulação oral").

Estes impulsos destrutivos, passam a ser dirigidos não só contra a mãe, mas também para o pai. Isto porque a criança fantasia que o pênis do pai foi incorporado pela mãe no coito oral, e permanece com ele dentro dela. E os ataques contra o corpo da mãe passam também para o pênis que ela retém.

Ao se referir a este aspecto, HEIMANN (op.cit) diz que as fantasias de incorporação prevalecem na relação da criança com os pais. De modo que os pais são internalizados não só como pessoas individuais, mas como casal - com o que Melanie Klein chama de "figura parental combinada".

A criança fantasia sobre a intimidade dos pais, entendendo que eles se incorporam mutuamente. Pela projeção de seus próprios impulsos aos pais, a criança fantasia que em sua união parental a mãe incorpora o pênis do pai(*) e fica com ele oculto no corpo (e o pai faz o mesmo com o seio da mãe).

(*) Heimann diz que como a criança chega à noção de pênis paterno é um assunto que pode ser considerado em aberto. Para seu entendimento tem-se que levar em conta os fatores filogenéticos e ontogenéticos, entre estes últimos se situando as excitações genitais do bebê, Heimann (1952, p.180).

A mãe com um pênis interno possui tudo o que a criança deseja edá-lhe pouco; é rival quanto ao pai. Este ressentimento é intensificado se estiver no período do desmame. A frustração, inveja, raiva, dão origem a impulsos violentos - como de penetrar à força no corpo da mãe e roubar o que ela retém.

Sobre este aspecto, KLEIN (1932) diz : *"Penso que o motivo pelo qual o menino, nas camadas mais profundas de seu psiquismo, sente tão horrível pavor da mãe castradora, e abriga a idéia, tão intimamente associada a este pavor, da 'mulher com pênis', é porque a teme como pessoa cujo corpo contém o pênis do pai; de sorte que, o que ele realmente receia é o pênis do pai incorporado pela mãe. Acredito que o deslocamento dos sentimentos de ódio e de angústia do pênis do pai para o corpo da mãe que o abriga, é muito importante na etiologia dos distúrbios mentais e constituem-se numa das causas mais profundas das perturbações do desenvolvimento sexual e da homossexualidade do indivíduo masculino"* p.183

Pode-se notar que a mãe fálica é neste período, entendida como toda poderosa para a criança . E, continuando no pensamento de KLEIN (1932), este medo (pavor) do pênis contido no corpo da mãe é aplicado, pelo que cita a autora 'do pars pro toto' à pessoa do pai. Assim, este pênis incorporado pela mãe representa pai e mãe reunidos num só, e, como já foi assinalado, com um sadismo centralizado no coito dos pais.

Desta forma, torna-se mais claro para nós, a existência de fantasias sádicas e dos desejos de morte dirigidos aos pais na cena primária. Assim como, a existência de fantasias de destruição mútua sobre os pais por meio de seus órgãos genitais, pois o pênis do pai incorporado ela mãe converte-se em animal perigoso, assim como a vagina da mãe.

Mas, convém salientar um outro aspecto desta vivência infantil, que é o fato de que a criança também tem o sentimento de culpa pelos danos que os pais se infligem um ao outro. De modo que, estes impulsos sádicos contra os pais em cópula, conduzem o bebê a esperar pela punição que lhe será dada por ambos os pais.

KLEIN(1928,1932) salienta ainda que o conflito edipiano surge quando o menino começa a alimentar sentimentos de ódio contra o pênis do

pai e quer consumir a união genital com a mãe para destruir o pênis de seu pai (incorporado pela mãe).

E, apesar destes impulsos genitais surgirem em pleno ápice do sadismo, constituem os primeiros estágios do conflito edipiano para ambos os sexos.

Embora os impulsos pré-genitais da criança estejam em ascensão (desejos orais, anais e uretrais), ela já pode sentir desejos genitais pelo genitor do sexo oposto e ódio/ciúme pelo genitor do mesmo sexo. E Melanie Klein cita: "*Podemos mesmo chegar ao ponto de dizer que o conflito edípico deve sua agudeza a esta situação precoce*", KLEIN (1932 p.185).

Recorrendo ainda a um trabalho bastante cuidadoso, onde organiza didaticamente as diversas fases do desenvolvimento infantil, PUENTE (1989), mostra que na teoria Kleiniana, mais no segundo semestre da vida da criança, haverá aquisições diferenciadas em todas as partes funcionais - ocorrerá um deslocamento da erotização oral para o resto do corpo. Com a dentição inicia-se também o desmame e o aparecimento do pai real, e então o bebê poderá explorar outras dimensões do mundo exterior, além da própria mãe.

Cabe salientar, que é também neste período que ABERASTURY (1967) postula a existência da fase transitória "Genital Prévia", um período entre as organizações orais e anais (aspecto que abordaremos posteriormente).

O que podemos observar nesta exposição, é que as fantasias sexuais infantis que Sigmund Freud apontava no período de 3 a 5 anos de idade, na teoria kleiniana já aparecem aqui - no segundo semestre - ganhando plenitude as características edipianas.

De modo geral, a vivência edipiana, segundo PUENTE (op.cit.), se dá pela e com a posição depressiva, numa perda gradual da mãe. O menino é impelido a buscar outro objeto - o pai (pelas frustrações orais do desmame) e é impulsionado a buscar o pênis do pai como nova fonte de gratificação, e neste relacionamento triangular reforça-se o componente homossexual da sua originária bissexualidade (fase passivo-feminina descrita por Melanie Klein).

No início, nas suas fantasias inconscientes, o pênis paterno é igualado ao seio que ele quer incorporar e também quer penetrar: boca, ânus, pênis do pai, desejando ter um filho dele, tornando-se inimigo da mãe. Mas, com a sequência do desenvolvimento, superará o ponto de fixação da homossexualidade e voltará para a mãe, tentará reparar, intensificando seus

desejos libidinosos, estabelecendo assim a heterossexualidade. (Mas também, como estes impulsos se associam ao ódio contra o pai - agora rival - ele passa a temer a retaliação).

O menino se orgulha pelo seu pênis, nega a vagina, defendendo-se pela masturbação, pelos jogos urinários e exibicionismo. Mas, como estas fantasias ocorrem dentro dele, o menino teme não só ataques vindos de fora (dos pais), mas também os seus próprios - temendo a castração.

Entretanto, gradualmente, neste processo de crescimento e unificação, o qual se estende pelos primeiros anos da infância, ocorrem modificações no mundo interno da criança (com ajuda da introjeção e projeção).

Neste processo de crescimento, HEIMANN(op.cit.) afirma que a criança perde cada vez mais a sua impotência e também a sua onipotência, e sua percepção dos pais vai se modificando, deixando estes de ter características de deuses ou de monstros. E, como estes acontecimentos são concomitantes às transformações nas fantasias sobre os pais internos, a criança passa a senti-los não mais como objetos físicos dentro de seu corpo, mas como idéias, princípios na sua orientação com o mundo.

De maneira geral, podemos observar nesta exposição sobre o Édipo na teoria kleiniana, alguns pontos básicos :

1) Reconhecimento de um Édipo precoce como consequência de uma elaboração depressiva .

2) Muito embora esta precocidade reconhecida entre os kleinianos difira de Freud, não há contradição entre ambas as teorias quanto à organização libidinal.

3) Na teoria kleiniana há um avanço, ao serem reconhecidos impulsos anais e genitais neste primeiro ano de vida (fase oral freudiana), ainda que aceitem que o período genital é posterior ao anal - seguindo assim o modelo freudiano.

Desta forma, para os kleinianos, a estruturação do Édipo se dá a nível oral (como já citamos, em que a frustração oral com o peito materno impelle o bebê a buscar gratificação no peito (pênis) paterno).

Melanie Klein afirma que uma organização libidinal integrada com predomínio genital está ligada ao desenvolvimento do C. de Édipo, mas tem seus princípios rudimentares na fase oral. Isto porque as características genitais (o erotismo genital) é esporádico e subordinado no início à libido oral que é predominante, KLEIN (1932).

É neste ponto que Arminda ABERASTURY (1967) coloca uma diferença ao postular a "fase genital prévia". A autora reconhece a existência de um período genital entre as organizações oral e anal; afirmando que não é possível um desprendimento da mãe e uma procura pelo pai num período oral, pois, *"... as mesmas angústias provocadas pelo desmame (a possibilidade real de destruir com os dentes) impediriam um vínculo oral com o pai"* p.30

Continua ainda esta autora, dizendo que este desprendimento da mãe e a busca do pai, é acompanhada também de uma troca de zonas erógenas - do oral para o genital. E sustenta ainda que esta organização genital acontece desde o sexto mês de vida e caminha até o final do primeiro ano, o que seria então, uma fase genital imediatamente depois da oral. O desprendimento do peito materno exige do bebê uma elaboração dolorosa, e o bebê se orienta para o pai num impulso de buscar uma forma de união que recupere o vínculo antes abandonado; e salienta : *" os orgasmos genitais são os únicos que podem recuperá-lo"* (1967, p. 30).

Entre os autores contemporâneos, M. Knobel, KNOBEL (1977), considera que primeiro ocorre o que P. Heimann chama de "período perverso polimorfo" e só depois ocorre a "fase genital prévia".

Entretanto, temos que reconhecer, que Arminda Aberastury traz uma grande contribuição à psicanálise. E esta contribuição está sem dúvida ligada à importância do pai real na vida do bebê.

Resumindo, podemos verificar, que na teoria kleiniana, no início, o menino passa por uma "fase feminina" de rivalidade sádica oral e anal com a mãe. Mas, o medo da mãe introjetada o direcionará para a adoção de uma posição masculina, recalando o seu "complexo feminino". E isto irá se manter até o Édipo clássico.

Quando o menino abandona as posições orais e anais pela genital, sua finalidade será a posse do pênis e a penetração. Deste modo, ele não só

modifica a posição libidinal, mas conservará como finalidade desta passagem, o seu primeiro objeto de amor.

Assim como a mulher jamais renuncia a sua inveja do pênis, o homem jamais renuncia a inveja à maternidade. E a sublimação do desejo de maternidade no homem se dá nas relações afetivas com a mulher, e no desejo de ter e de fazer filhos.

• *A Paternidade : Laio*

Um Fragmento da Trajédia : << Laio foi banido de Tebas por sua vida "devassa". Foi até Pélope, e foi recebido com amizade, e recebeu abrigo. O rei lhe confia inclusive a educação de seu filho - Crisipo. Laio aceitou amparo, educou Crisipo, mas também seduziu-o, iniciando-o homossexualmente, chegando ao ponto de leva-lo de seu reino. Por este motivo (rapto de seu filho), o rei amaldiçoou Laio e foi ouvido pelos deuses o seu pedido.

O pai de Crisipo pediu que Laio nunca tivesse um filho ou, se o tivesse, que este lhe tirasse a vida.

Tempos depois, já de volta à Tebas e casado com Jocasta, Laio preocupado com a maldição consultou o oráculo, o qual lhe predisse que, seu filho lhe daria a morte e se casaria com a própria mãe.

É então por isso que Laio manda que pendurem seu filho pelos pés, no monte Citerão para que lá morresse....>>

ABERASTURY & SALAS (1978)

Através deste ponto da tragédia de Sófocles, pode-se observar , segundo ABERASTURY & SALAS (op.cit.), que a questão - foco da tragédia- surge não como resultado do parricídio ou do incesto, mas pela maldição recaída sobre Laio. Entretanto, Freud se abstém desta parte da tragédia.

Na tragédia, não há dúvida da culpa de Laio, e o coro em nenhum momento julga Édipo, o qual é visto como o cumpridor da profecia de Laio - 1) por raptar Crisipo e deixar seu reino sem filhos (estéril), 2) por sua homossexualidade. O castigo recai na primeira geração. E, Freud não se ateve a este ponto da tragédia, embora fosse um leitor cuidadoso. Porém, isto pode ser compreendido em Freud já que quando ao escrever a primeira edição de *"Interpretação dos Sonhos"* mencionando a tragédia pela primeira vez, em *"Sonhos com pessoas Mortas"* ele estava em plena elaboração pela morte de seu pai. [Mas é muito importante observar, como fazem estes autores, que os seguidores de Freud também insistiram em assinalar estas amputações, limitando-se ao parricídio e ao incesto sem considerarem a culpabilidade de Laio pela tentativa de morte ao filho e nem mesmo a questão da homossexualidade].

Também é importante observar, que Laio é excluído da sociedade de Tebas por sua vida devassa, mas é recebido depois, com o casamento com Jocasta. Na realidade, dizem estes autores, o nó da culpabilidade de Laio é : o rapto de Crisipo - o roubo de um filho e não de uma filha, já que a casa real de Pélope ficaria sem o varão , o qual lhe traria a descendência e manteria a religião; e com relação à culpabilidade pela homossexualidade, ABERASTURY & SALAS (op.cit.) expõem que a hipótese mais provável é que a homossexualidade era tolerada no adolescente, mas não no homem adulto que desta forma não traria a perpetuação, pois não geraria filhos.

Muito embora este aspecto seja bem evidente em Sófocles, Freud nega a culpabilidade de Laio pelo rapto, bem como nega a homossexualidade. E, reafirmam ainda estes mesmos autores, que mesmo que Freud tenha feito referência à bissexualidade em seu estudo inicial do Complexo de Édipo, as tendências homossexuais do menino com o pai são negadas - exceto quando publica "Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci", mas também traz a conotação psicopatológica.

É sobre este ponto que é fundamental retomar, ainda segundo ABERASTURY (1978), pois o tema da Paternidade teria sido evitado se

não fosse pela contribuição de alguns neo-freudianos com análise de crianças. A primeira e mais importante, são as contribuições Kleinianas sobre a instalação de um Édipo precoce já a partir do quinto/sextos meses de vida - aspecto que fez com que fosse reavaliada a necessidade e a importância do pai neste período.

Certamente, com a admissão deste Édipo precoce pela teoria kleiniana houve um grande avanço para a compreensão do desenvolvimento normal bem como dos transtornos infantis. Mas, também salientamos a contribuição de A. Aberastury na compreensão da importância do pai na vida do menino, bem como de seu futuro exercício parental: "A Fase Genital Prévia" - na qual ela compartilha com Klein que o conflito edípico instala-se precocemente, mas acrescenta: este não se dá com um domínio oral, mas sim genital.

É com este acréscimo que se pode compreender melhor a necessidade real do pai neste período precoce.

A iniciação da fase genital imediatamente após o domínio oral, coincide com o desejo, no menino, de ser pai.

ABERASTURY (1967, 1978), seguindo as investigações de Klein sobre o período passivo feminino, aponta que a necessidade do pai aparece com o Édipo - marcando a heterossexualidade na menina e a homossexualidade no varão. Deste modo, a Paternidade está intimamente ligada ao nascimento da homossexualidade, o que explica em parte, porque é um sentimento tão proibido no homem, [relembrando então, a própria negação de Freud a este respeito].

A autora vem destacar assim, um período em que o menino deseja ter um filho em seu próprio ventre.

. O Varão e o Desejo de Ter um Filho em seu Ventre

Podemos encontrar no menino, o desejo de ter um filho em seu ventre num período do desenvolvimento que coincide com o que Melanie Klein chama de passivo-feminina.

Muito embora já tenhamos nos referido a este período quando tratamos do Édipo entre os Kleinianos, vamos retomá-lo aqui, pois ele será de grande importância para a investigação que ora pretendemos, e também

incluiremos as observações de Arminda Aberastury, numa visão psicanalítica mais moderna, a qual, através dos postulados kleinianos, vem assinalar aquilo que Freud não deu importância : a relação Laio- Édipo, antes do parricídio.

ABERASTURY (1967,1978), seguindo as orientações kleinianas, destaca que o momento em que o menino fantasia ter um filho em seu ventre é um período normal de seu desenvolvimento. Este é um período homossexual, no qual o varão deseja estar relacionado com o pai, tomar o lugar da mãe e ter filhos com ele.

Sobre este aspecto a autora destaca : *"Coincidindo com o que havia observado na análise de crianças, encontrei que as origens do desejo de ser pai coincidem com a iniciação da 'fase genital prévia'. Seguindo as investigações de M. Klein, a necessidade do pai já aparece na segunda metade do primeiro ano de vida, com a iniciação do complexo de Édipo abrindo caminho para a heterossexualidade na menina e o nascimento da homossexualidade no varão. De modo que, no homem, a paternidade está de algum modo ligada ao nascimento da homossexualidade, o que explica em parte por que é um sentimento tão proibido no homem"* (1978, p.73).

A mesma autora analisa quando e sob que condições surge o desejo do filho, e as relações que este desejo tem com o surgimento da genitalidade. E afirma, tal como já destacamos anteriormente, que ao nascimento, o bebê estabelece o vínculo inicial e imprescindível com a mãe; quando entra no que M. Klein chama de "fase depressiva", inicia-se um processo de luta e desprendimento de cargas postas no peito e deslocadas para outro objeto (do peito ao pênis). Na menina, isto a introduz na heterossexualidade e no menino na homossexualidade - ou o que M. Klein chamou de "fase passivo feminina".

Sobre este aspecto, encontramos nos postulados kleinianos, que o menino está então identificado com a mãe e deseja possuir o pai; nesta fase, tanto o menino quanto a menina, têm uma fixação oral de sucção ao pênis do pai, KLEIN (1928,1932), HEIMANN (1952). E Melanie Klein referindo-se ao menino diz : *"Esta fixação é a base de sua verdadeira homossexualidade"* (1932, p.313).

Desta maneira, observamos em Klein que este deslocamento dá-se num plano exclusivamente oral (sucção do peito, sucção do pênis), aparecendo apenas pulsões genitais.

Neste aspecto, M. Klein concorda com S. Freud, quando em sua análise de Da Vinci observa a excessiva fixação na mãe (seio materno) e que esta fora deslocada para o pênis paterno como objeto de gratificação. Mas Klein inova ao considerar que todos os meninos passam por este período, com esta fixação; e argumenta com a postulação sobre a "mulher fálica" - pela qual o bebê tem desejos de atacar e tomar-lhe o pênis (ou os pênis) nela contidos - o que irá representar as mais primitivas situações de rivalidade com a mãe, formando a base desta **feminilidade**.

Continuando ainda dentro do pensamento kleiniano, é observado que os **impulsos genitais** surgem, embora acompanhados dos pré-genitais e afetam este sadismo, levando o menino a tomar o corpo da mãe como objeto sexual. Este deseja então, possuir oral, anal e genitalmente a mãe e ataca o pênis que ela abriga.

Melanie Klein, ao analisar as "primitivas situações de angústia" expõe, que somados aos temores que o menino sente em consequência de sua rivalidade com a mãe, seu medo do pênis perigoso contido impede a manutenção da feminilidade. E assim, seguindo o curso do desenvolvimento, este **medo**, somado aos **impulsos genitais**, faz com que ele abandone sua identificação com a mulher e caminhe para a heterossexualidade.

ABERASTURY (1967) acrescenta que este período passivo-feminino descrito por Klein, é na verdade consequência da frustração de uma primeira posição heterossexual no início do complexo de Édipo (**um acontecimento genital** e não de impulsos genitais) e diz : "*A frustração das fantasias de penetrar o impelem ao desejo de ser penetrado*" (p.203, p.43); e o varão busca assim, o orifício que, como a boca, lhe permite a incorporação do pênis, e encontra, em seus "jogos masturbatórios" o ânus (aí está o ponto de partida para sua verdadeira homossexualidade). Junto com a descoberta de seus genitais (onde acontece a manipulação) o menino sente a necessidade de penetrar.

Seguindo ainda este pensamento, vemos em ABERASTURY(1978), que este período homossexual está ligado ao desejo de transformar os conteúdos de seu corpo (matéria fecal e urina - os quais estão carregados de emoções e muita angústia) em um filho que desejaria oferecer à mãe - uma vez que está identificado com ela. Mas progressivamente, passará deste

desejo de **gestar** para o desejo de **fecundar** . E tanto o seu mundo interno quanto o meio externo exigirão dele esta diferenciação (a diferença entre os sexos homem - mulher) e isto reprime conseqüentemente as tendências homossexuais e também o desejo de um filho do pai , já que em suas origens este filho era mantido em seu próprio corpo.

Destaca-se, em função destas colocações, a importância das atividades lúdicas na criança. Arminda Aberastury coloca que estas atividades são meios de satisfação dos desejos, e comenta que socialmente o menino é impedido de fazê-las, pois esquematicamente a mãe é a possuidora de filhos e então o menino é proibido de brincar de ter filhos, de alimentar as bonecas (tidos como jogos proibidos), e esta pauta se repete no mundo real, proibindo mais tarde o contato direto com o filho, ABERASTURY (1978).

Desta maneira, é interessante observar, como este sentimento está profundamente arraigado no inconsciente e é muitas vezes a raiz das inibições do homem em assumir o seu próprio filho.

Sobre este aspecto, é pertinente ilustrarmos com um trabalho de VOLPE & ALVIM (1986) em que abordam a questão do "papel paterno", apresentando algumas passagens de casos clínicos, e embora trabalhando num referencial diferente do nosso (o psicodrama) é interessante o aparecimento desta mesma problemática. Estas autoras revelam ter encontrado em pacientes homens a dificuldade do estabelecimento de contatos íntimos com os filhos e também de assumir o papel paterno, tal como aponta A. Aberastury. Narram um caso em que o pai era pouco próximo, desajeitado, nos contatos com o filho bebê ao tomá-lo no colo, e isto o incomodava muito. Através da técnica psicodramática, o paciente relembra de uma de suas 'ocorrências infantis', em que fora severamente punido e ameaçado se caso tornasse a brincar com bonecas, acaricia-las ou niná-las como se fossem filhos (o que era exclusivo às meninas).

Ainda com relação a este aspecto, outro autor da escola de psicanálise da Argentina, Eduardo Salas, em seus trabalhos com grupos de orientação de pais, relata, que por estas experiências, pôde compreender muitas angústias de pais , (tanto pai quanto mãe) frente a "possibilidade" do filho ter uma "perturbação sexual" pelo fato de escolher brinquedos ditos femininos (bonecas), pois isto vinha significar para os pais uma ameaça ao filho varão, à sua masculinidade, SALAS (1970, 1972).

Desta maneira podemos também observar que de acordo com estes autores (e destacamos que a base de todos eles está na experiência clínica),

o meio socio-familiar dificulta, e muitas vezes até impede, uma elaboração deste período **normal** do desenvolvimento do menino (impedindo os "jogos proibidos" com bonecos e induzindo-os exclusivamente aos "jogos para meninos"), de modo que o processo se repetirá na vida adulta também com o fato de "assumir o papel paterno".

Parece-nos desta forma, que os adultos desejam mais que o varão salte seu período homossexual - passivo, uma vez que estes mesmos adultos, também por uma imposição sócio-cultural, não têm bem elaborada esta questão.

É interessante também citarmos, mesmo de passagem, o polêmico e criticado trabalho de T.Benedek, muito embora sua abordagem seja diferente da adotada neste nosso estudo. BENEDEK (1959), ao estudar o desenvolvimento psicoafetivo da mulher, traz à tona o "instinto reprodutor no pai". Partindo da teoria de Erik Erikson sobre "Crise de Identidade" - com o remanejamento libidinal (crise) em etapas de desenvolvimento mesmo após a vivência edipiana e ingresso genital, a autora retoma a noção de crise eriksoniana e defende que o tornar-se mãe faz com que a mulher regreda à fase de dependência oral de seu desenvolvimento psicosssexual, e ressalta que isto também é válido para o homem. O homem e a mulher têm em comum as mesmas duas fontes da parentalidade : 1- a bissexualidade biológica , 2- sua dependência materna (dependência oral) que está na origem das tendências parentais - do amor materno e paterno. Nas sociedades onde a organização familiar é baseada na unidade biológica (família nuclear moderna), a interação entre pai e filho se faz por processos de identificação e projeção. O pai portanto, repete com cada filho, da mesma maneira que a mãe, os estágios de seu próprio desenvolvimento e chega (ou não) à resolução de seus conflitos. Deste modo, a paternidade, na melhor das hipóteses representa a integração das fases anteriores da sua maturação da libido.

A única diferença entre o homem e a mulher, segundo a autora, é que na mulher a função reprodutora comporta um processo fisiológico específico, uma estimulação hormonal que reativa de modo cíclico a fase oral primitiva; evidentemente no homem isto não existe, mas em ambos existe sim, o "instinto reprodutor" que se origina das tendências passivo-receptivo da fase oral e se manifesta através das identificações secundárias.

O ponto polêmico desta questão, não está no que é considerado um reavivamento de aspectos internos infantis primitivos no pai (dentro do conceito de crise), mas sim, na consideração segundo a teoria de T.

Benedek, de remontar a psicodinâmica da paternidade, e uma fonte reprodutora, não ao estágio edipiano, mas oral (segundo a psicanálise freudiana) - considerando que tanto pai quanto mãe partem de uma mesma bagagem psíquica consciente e inconsciente, e neste sentido considera que antes de serem seres sexuados, estes são seres humanos.

Esta autora considera então, apenas o potencial biológico inato como Fonte Reprodutora humana como sendo a verdadeira fonte de parentalidade, mesmo aceitando os estágios de desenvolvimento libidinal postulados pela teoria freudiana.

A teoria de Benedek difere dos postulados kleinianos, e das afirmações de Arminda Aberastury - que conecta a paternidade à instalação do conflito edipiano.

Refirmamos então, segundo a abordagem compartilhada por nosso estudo, que para a compreensão da Psicodinâmica da Paternidade, é necessário que nos reportemos à situação conflitiva básica, já que a paternidade coloca o homem : diante de seus conflitos com a figura paterna internalizada; de sua inveja da capacidade feminina de gerar; diante da transgressão da proibição edipiana.

2.2 A Qualidade das Primeiras Situações Ansiogênicas e o Exercício Paterno no Homem Adulto

Segundo SALAS (1978), RASKOVSKY (1973), o exercício da paternidade já se inicia num primeiro momento quando o homem pode oferecer à sua esposa gestante o provimento de sentimentos e emoções com sensibilidade tal, que lhe possa assegurar a tranquilidade necessária para o posterior trabalho de parto .

Contudo, é importante lembrarmos, que para adoção da postura apontada por estes autores, é necessário que o homem tenha conseguido vivenciar as suas primeiras situações conflitivas e ultrapassa-las com uma qualidade tal, que diante dos acontecimentos (externos e internos) pronunciados pela própria situação grávida, seu ego possa ter uma tolerância suficiente para lidar com toda a angústia despertada.

Como cita ABERASTURY (1978 op.cit.), a paternidade pode ser mais ou menos difícil de enfrentar, de assumir, mas nunca é fácil. Ela exige do homem uma entrega afetiva que só se pode alcançar com a maturidade.

Ao ultrapassar a posição passivo-feminina, a angústia e a culpa ~~pelos ataques à mãe~~ são atenuados e isto permite o surgimento de fantasias de reparação - o que mais tarde permitirá que o homem tenha uma melhor compreensão dos aspectos femininos apresentados pelas mulheres. Uma boa relação com a mãe permitirá, como cita SIMON (1986), que fantasias - desejos para com o pai como objeto de amor adquiram uma outra dimensão (isto capacitará o homem a compreender que a mulher introjeta e conserva o objeto de amor). Assim, seu desejo de ter bebês com o pai pode levá-lo a ver na mulher uma criança e irá tratá-la como se ele próprio fosse uma mãe generosa.

Por outro lado, afirma este mesmo autor, se neste período o ódio e a inveja da mãe forem muito intensos, as pulsões orais-sádicas farão com que o sujeito tema muito o pênis interiorizado (a mãe fica então com maus pênis retidos). O excesso de sadismo resulta : num maior ataque à figura parental combinada, e numa dificuldade de construção de boa imagem paterna, havendo prejuízos na formação de um bom superego com imagens protetoras. Estas situações trarão prejuízos na sua genitalidade adulta.

KLEIN (1932) cita, com relação à questão psicopatológica, que se o medo do pênis do pai e da mãe como rival forem excessivos, o menino não superará adequadamente a fase feminina, o que comprometerá sua heterossexualidade. Se o medo do pai e da mãe (na figura parental combinada) for sentido muito cedo e de maneira fortemente hostil, isto lhe trará igual comprometimento em sua heterossexualidade.

A este respeito, ABERASTURY (1967,1978), KNOBEL (1977,1987) afirmam, que pela experiência clínica, puderam observar que uma identificação projetiva com o casal parental em coito satisfatório é fundamental para o desenvolvimento saudável. KNOBEL (1987 op.cit.), afirma que o modelo da identificação primária integradora, é o da **união discriminada** das pessoas pai/mãe (como homem e como mulher, dando e recebendo amor). O tipo de vínculo dos pais pode determinar a evolução do indivíduo e, perturbações neste vínculo sentidos pela criança, pode trazer alterações várias, entre elas estão a homossexualidade e as doenças psicossomáticas (afecções genito-urinárias, reto-colite). Este autor, antes já

havia encontrado, no estudo com crianças hipersinéticas, perturbações no vínculo entre pais, KNOBEL (1977 op.cit).

SIMON (op.cit.) acrescenta, que estas dificuldades relativas às primeiras situações ansiogênicas implicarão, mais tarde, numa relação perturbadora com a mulher : o sujeito poderá caminhar para a homossexualidade ou, ainda que não o faça, verá na mulher uma figura ameaçadora - pelo que ela é capaz de conter (os objetos persecutórios dentro de seu corpo).

Este mesmo autor, ao relatar sobre as "limitações da análise", afirma que as situações externas decepcionantes, ou internas, abalam a confiança nas imagens protetoras e na capacidade construtiva do ego, já que mobilizam antigas situações ansiogênicas com um excesso de angústia.

A.ABERASTURY (1978 op.cit.) ao tratar das "dificuldades no homem em assumir a paternidade" relata, que em sua experiência clínica, encontrou fantasias de que o filho pudesse estar constituindo uma ameaça para o homem-pai (o filho que devora, o filho perseguidor).

Os mecanismos pelos quais estes pais chegam à indiferença, à falta de afeto, ao medo perante o filho, diz A. Aberastury, têm raízes nas situações infantis mais precoces (na relação com os seus pais) e, na situação atual com sua parceira (quando esta funciona como mãe). Não sentir-se com o direito a ter o filho é a expressão psicológica do que é a esterilidade no plano corporal (pais estéreis do amor ao filho por submissão materna).

Trazendo os dizeres de A.Aberastury para a situação de gestação, também pode-se pensar na mesma submissão materna : este homem pode sentir que não tem o direito de ter um filho pois este direito é só da mãe (e a companheira grávida pode estar representando esta figura materna). O filho deve ser entregue à mãe (à esposa) já que só ela tem o direito. De modo que não será necessário que ele se preocupe com os cuidados necessários para com o bebê ou com a esposa neste período, pois : - ele já restituiu sua dívida doando o filho à mãe; - ele não necessita preocupar-se com algo que não lhe pertence.

Como cita ainda ABERASTURY (op.cit.), por sua experiência clínica, pode afirmar, que é com frequência que isto acontece, pois este pai deseja entregar o filho à mãe como restituição do roubo fantasiado na infância precoce, - como na tragédia (...) "*Laio, tu não terás filhos, pois se*

o tiveres, morrerás pelas mãos dele(...)" soam as palavras condenatórias do rei de Pélope pelo roubo de seu filho Crisipo".

A entrega do filho é fonte da hostilidade reprimida que dá origem à compulsão de atacá-lo, ou deixar que ele ataque (o filho perseguidor). De modo que tem-se presente o medo de ser destruído por este bebê, de "morrer pelas mãos dele". E novamente temos na tragédia - a determinação de Laio de que Édipo fosse levado para longe para que lá morresse, pois temia ser morto por ele.

Com a abordagem adotada no presente estudo, entendemos que a Paternidade, por si mesma, pode mobilizar no homem toda uma gama de conteúdos internos, muitas vezes defensivos, e que refletem pólos conflitivos de seu desenvolvimento mais precoce -- antigas situações ansiogênicas, e, as atitudes deste homem, seus sentimentos e suas fantasias, traduzirão a qualidade de suas vivências primitivas (mais ou menos angustiantes, mas certamente angustiantes). Porém, nosso intuito é também o de entender que a mobilização destes conteúdos não podem ser analisados somente dentro do campo da psicopatologia. Se tais conteúdos ressurgem diante da própria condição imposta pela gestação, devemos então estar atentos para a "tradução", pela via interpretativa, deste conteúdo apresentado na situação fantasiada.

Capítulo III

A PATERNIDADE NO CONTEXTO PSICOSSOCIAL FAMILIAR

3.1 O Contexto Vigente

ARIÈS (1973) não faz uma distinção entre família burguesa dos séculos passados e família moderna atual - dando a esta última uma conotação de prolongamento, ainda que outros autores, como POSTER (1978) a denomine de família nuclear .

A conotação de prolongamento é dada por AIRÈS (op.cit.) pela conservação de aspectos como: a privacidade da vida familiar, pela maior importância dada à criança (a qual ganha uma posição praticamente central no seio familiar), e pelos papéis exercidos pelo casal parental (marido como responsável pelo sustento da família e a mulher pela direção do lar e educação dos filhos).

Neste sentido, com a conservação de traços burgueses na família moderna, permaneceu também aquilo que Danda Prado chama de valorização do papel masculino na procriação e redução do papel feminino na reprodução PRADO (1981).

Certamente, continua esta autora, existem distinções no Brasil, entre as diferentes camadas sociais (acrescentamos também as diferenciações culturais/ regionais do país), mas o ideal de família não varia muito de uma

camada para outra - os laços afetivos (amor entre pais e filhos) são traços comuns na formação da família brasileira.

Não é nosso propósito transcorrer sobre a família em si mesma (como célula social, como instituição, etc) já que não é este o propósito do presente estudo. Nossa intenção é a de situar a posição ocupada pelo pai no grupo socio-familiar, no sentido de compreensão de aspectos socio-culturais, na medida em estes aspectos também são incorporados na personalidade. Portanto, tais aspectos se fazem importantes na expressão de emoções, atitudes, e de comportamentos do homem que vivencia um processo (de ser pai).

A família não é só um tecido fundamentado nas relações, mas sobre este há um acréscimo de um conjunto de papéis socialmente definidos. Na organização da vida familiar existe um componente de dependência daquilo que a sociedade espera de um pai, de uma mãe, de um filho, enfim de seus membros.

Certamente, nem sempre a opinião geral é aceita unanimemente, e isto acaba por fazer surgir outras formas de famílias (famílias alternativas). Entretanto, é importante ressaltar, que não estaremos em nenhum momento considerando estes modelos, mas sim tomando como referencial o modelo familiar preconizado.

• *Normatização e Regulamentação do papel Paterno*

A sociedade impõe suas normas, padrões e leis sobre a família estruturadas no Código Civil e isto representa, até certo ponto, o *modus vivendi* desta dada sociedade.

As leis não são "ao pé da letra", um espelho da realidade social, ao contrário, muitas vezes estas leis vão se ajustando à medida em que os hábitos e costumes também vão se modificando. Entretanto, por algum tempo, elas representam aquilo que a sociedade vive.

Neste aspecto, as leis brasileiras consideram o marido como "cabeça do casal", responsável economicamente pela família, pela administração dos bens e fixação de domicílio (Artgs 233 e 234 - Códig.Civil Bras.). Assim, a sociedade coloca o pai como elemento organizador, administrador e provedor

- aspecto comum com a família burguesa dos dois últimos séculos, denotando um caráter patriarcal. Entretanto, é observado também através do próprio código das leis, que a conotação de "autoridade absoluta" dada à pessoa do pai (ou do marido) - o *Pater Famille*, sofre algumas modificações na família moderna; e a exemplo disto, tem-se no mesmo Código (Art.s 235 e 239) a regência de que o marido não pode dispor dos bens sem o consentimento da esposa. Também no Art. 240 - com o casamento, não há necessidade de adoção, pela mulher, do sobrenome do marido, em adição ao seu nome de origem.

Com relação ao "Direito de Família", as leis brasileiras asseguram a divisão de bens em igual proporção para o casal, assim como para os filhos, sem discriminação de qualquer um deles (diferentemente do que era vigente nos séc. XV, XVI e até XVII, onde se privilegiava um filho - comumente o primogênito- varão).

Com esta descrição, queremos dizer que a sociedade caminhou, por razões variadas, através de um processo evolutivo, para a destituição do *poder absoluto* dado à pessoa do pai -- poder até de vida e morte como pode-se verificar com especificidade no Direito Romano, segundo CASTRO & CROCHUIA, (1969) e que teve ainda suas repercussões durante muitos séculos (chegando à família brasileira dos séculos XIX, início Século XX).

Entretanto, esta limitação é ainda compensada pela autoridade moral e psicológica que a sociedade atribui à figura do pai. E isto nos dá indicativos de que não estamos mais diante de um patriarcado absoluto, mas sim diante de uma "moral patriarcal" (PRADO, 1981).

• *Representação Paterna*

Este "Patriarcado" que agora não é propriamente imposto pelo código de leis, mas pela moral social, traz em si mesmo, implicações que dificultam a expressão da paternidade.

O que estamos chamando de "implicações", são aspectos (crenças e valores) sócio-culturais incorporados pelos indivíduos, criando uma "Representação Social" -- do papel paterno.

O principal ponto a que nos deparamos com relação a estas "implicações" encontra-se no fato de que a família moderna caminhou por um processo que a diferenciou em certos aspectos, da tradicional família burguesa do século passado (por exemplo a entrada cada vez maior da mulher no mercado de trabalho como mão de obra necessária e competitiva); de modo que os papéis exercidos pelos membros familiares (principalmente pelo casal) também tiveram que ser redimensionados, ainda que muitos dos valores tenham sido conservados.

O fato é que, "o cabeça do casal" ditado pelo Código Civil, não é mais o principal provedor do lar, mas deverá "representar este papel" porque a sociedade lhe exige.

É por isto que à mulher deverão ser destinados menores salários, em muitos setores produtivos, do que os pagos aos homens, ainda que desempenhe a mesma função (pois assim ela estará desempenhando o papel de auxiliar das provisões do lar) - isto é uma imposição moral-social. É também por isto, que o homem moderno poderá ser visto passeando com seu filho, trocando-lhe as fraldas, mas isto não poderá ser interpretado como execução de uma tarefa que lhe caiba (enquanto pai), ou até que lhe de prazer, mas sim como uma colaboração, já que esta é uma função exclusivamente feminina -- isto também é, uma imposição moral-social.

Entendemos que esta "representação social" tanto da paternidade quanto da maternidade, criada por um sistema ideológico que dá como natural não muito mais que o biológico, acaba por tornar artificial não só a divisão sexual do trabalho e a educação dos filhos, mas também por atribuir uma supremacia feminina à gravidez, ao parto e aos cuidados pós-parto, impedindo a expressão de sentimentos do homem enquanto pai. Nega as sensações, os sentimentos, as fantasias do pai durante a gestação da sua esposa, e impede contatos mais próximos do pai com filho.

Esta divisão de papéis feminino e masculino, segundo DELAISE DE PARSEVAL (1986), em seu valioso trabalho sobre Paternidade, esconde as fases sucessivas do tornar-se pais, como por exemplo : durante a gravidez de sua esposa, presume-se, socialmente falando, que os futuros pais estejam sujeitos a estados de espírito semi-padronizados (homem indiferente ou absorto em seu trabalho, irritado, sexualmente frustrado, não imaginando o bebê que está por vir, esperando obrigatoriamente um varão).

Mas, não incomum encontrarmos pais, como já mencionamos acima, que já são capazes de acalantar seu filho, trocar-lhe as fraldas, dar-lhe a mamadeira, passear com ele, e, muito embora isto ainda tenha uma conotação de simples auxílio a uma tarefa que não lhe cabe, este é certamente, um pai bem mais diferenciado de um pai de 50 anos atrás. E isto é um simples reflexo de mudanças no campo sócio-cultural-familiar que demonstram sutis modificações de alguns estereótipos femininos e masculinos.

Sobre este aspecto esta mesma autora aborda, que estas manifestações são indicativos de uma evolução que já foi iniciada - "uma pequena parte de um 'iceberg da paternidade', atualmente ainda emersa ..."p.239.

Na nossa compreensão, a grande contribuição do trabalho de Delaise de Parseval, está em sua ampla análise psicanalítica e etinológica, a qual permitiu traçar um paralelo entre as duas visões, enriquecido também com estudos de diferentes culturas. Com a leitura psicanalítica freudiana, a autora é capaz de mostrar que existe no pai fantasias que são próprios deste período, tal como acontece com a mulher, e isto não é entendido em sua obra apenas no campo das "psicopatologias graves". Sobre isto a autora diz : "*deixar a imaginação voar sobre o futuro bebê, sonhar com ele, até mesmo que está dando a luz (...) é isso, essa capacidade de fantasmização que fundamenta verdadeiramente o apego, o amor, o instinto maternal e paternal*" p. 228. Por outro lado, a definição de maternidade e paternidade é dada mais pelo uso que cada sociedade e cultura fazem dela em momentos variados de sua história e sua ideologia; com isto a autora propõe que seja melhor refletida esta limitada "parte do pai" institucionalizada em nossa cultura.

Concordamos com esta mesma autora, quando ao se referir a uma "futuraologia da paternidade" dentro de uma visão psicanalítica-etinológica, acredita que existirá o que chama "pai da gravidez", já que começa-se a abrir um espaço para que estes possam ser mais estudados. Com isto, poderão ser reconhecidos com menos pré-conceitos, por exemplo : uma certa sintomatologia do resguardo que poderá ser admitida como tal (tanto pelos próprios pais quanto pela sociedade); o papel da pai no nascimento de prematuros poderá ser melhor compreendida; e a nível da própria pesquisa biológica, a autora acredita que o mecanismo da espermatogênese poderia ser mais estudado.

==== Capítulo IV =====

ALGUNS ENFOQUES DADOS AO TEMA DA PATERNIDADE

Este amplo e complexo tema da Paternidade, embora seja ainda muito pouco estudado (tomando-se como referência os estudos sobre a maternidade), alguns estudos têm sido realizados.

É importante citarmos alguns destes trabalhos, ainda que possamos observar que muitos se referem à paternidade como decorrência do estudo, ou são vistos apenas no campo da psicopatologia. Entretanto, devemos reconhecer, que estes mesmos têm trazido à tona a importância da discussão do amplo tema da Paternidade.

4.1. Paternidade e Desenvolvimento

- *Comportamentos psicopatológicos e Processo de Identificação*

Encontramos estudos que, mesmo não tendo uma preocupação primeira com a paternidade, esta surge como uma variável "determinante" nas repercussões sobre algumas psicopatologias dos filhos. Entre estes, estão os estudos sobre "presença de alcoolismo e/ou drogadição nos pais e o processo

de identificação com a figura do pai" - KALINA & KORIN (1976), GARZA et al (1977), DAVIDSON et al (1982) entre outros. Também encontramos outros autores que argumentam sobre outras patologias, entre elas o suicídio, e fazem a associação com a identificação com figura paterna - CASSORLA (1981) entre outros.

• *Ausência Paterna*

Temos notado um interesse por parte dos pesquisadores para com os estudos sobre a "ausência paterna e suas repercussões no desenvolvimento do filho". Esta variável tem sido vista tanto em relação à falta da pessoa física no lar, quanto em relação à internalização da figura paterna. Estes aspectos são analisados de formas diversas, dependendo do método e do referencial teórico adotado pelos diferentes pesquisadores.

• *a socialização*

Alguns trabalhos versam sobre a socialização da criança e a importância do papel do pai neste processo. Nos anos cinquenta, o marco desta linha de trabalho é representada por Anna Freud e seus colaboradores. Entre estes, A.FREUD & BURLINGHAM (1958) mostram, sem dúvida, a importância do pai no desenvolvimento afetivo e social do filho, mas trazem a conotação de que o pai só é importante quando o filho ganha mais idade (por volta dos 2/3anos de vida).

• *o papel sexual*

Posteriormente, outros trabalhos foram realizados, explorando a questão da ausência do pai e diferenças entre os sexos. BRONFENBRENNER (1967), BARCLAY & CUSUMANO (1967) apontam, em comum nos seus resultados, que a ausência do pai indicou maiores danos ao desenvolvimento dos filhos do sexo masculino do que do sexo feminino. Já HETHERINGTON & DEUR (1971), afirmam que comportamentos efeminados, maneirismos tendiam a desaparecer com a interação da criança na escola mas, entre as meninas, o comportamento heterossexual na adolescência tendia a ser mais prejudicado - indicando promiscuidade e ansiedade sexual.

No Brasil, CARVALHO (1976) mostra que a ausência acarretou mais prejuízos nas filhas adolescentes do que nos filhos com relação à motivação para realização de tarefas. CAMPOS (1979) verificou que as meninas estavam identificadas com seu próprio sexo, enquanto que os meninos apresentavam preferência pelo papel sexual feminino.

Pode-se notar por estes estudos, que não existe um consenso entre eles sobre os efeitos da ausência do pai sobre um ou outro sexo do filho. Deste modo, parece-nos importante lembrarmos os trabalhos de A. ABERASTURY (1978) de que o pai é tão importante como fonte de identificação - tanto para a menina quanto para o menino, pois a condição bissexual do ser humano torna necessário pai e mãe para o desenvolvimento da personalidade.

. faixa etária e separação do pai

A grande maioria dos estudos aceita que a falta do pai em período mais precoce do desenvolvimento traz repercussões negativas na estruturação da personalidade do que em período mais tardio.

Muito embora alguns autores como BARCLAY & CUSUMANO (1967) defendam que o período de 6 a 12 anos de idade é o mais vulnerável aos efeitos da ausência paterna, devido à integração da criança à sociedade, outros autores apontam o contrário. HETHERINGTON (1971) aceita que a ausência do pai antes dos 4 ou 5 anos de idade traz maiores danos ao desenvolvimento da criança do que quando de separações em idade mais tardia. BADAINES (1976), BILLER (1970, 1971), também nesta linha de pensamento, mostram pelos seus achados, que separações mais precoces são mais prejudiciais, mas também consideram que ainda é mais prejudicial para meninos que para meninas.

BILLER & BLANCHARD (1971), afirmam que crianças que sofreram separação do pai antes dos primeiros cinco anos tinham mais dificuldades acadêmicas (habilidades matemáticas) que as que tinham se separado após esta faixa etária. Também as crianças que não viveram separadas, mas que os pais não tinham disponibilidade, ou horas de dedicação à criança, tinham mais dificuldades.

Outros dois estudos brasileiros mostram que a ausência mais precoce é significativamente prejudicial para o desenvolvimento em geral, e especialmente no campo cognitivo - SOARES (1986), e VIZZOTTO (1988), sendo considerado por este último, a ausência da figura paterna.

4.2. Paternidade e Psicopatologias Familiares

Como citado por ABERASTURY & SALAS (1978), o interesse pelo papel do pai do ponto de vista clínico (numa visão psiquiátrica dinâmica) foi ganhando um interesse especial com respeito às psicoses e outras patologias psíquicas graves. Estes autores citam três trabalhos de grande importância e que merecem ser mencionados no presente estudo.

LIDZ & LIDZ (1949, apud Aberastury & Salas op.cit.), ocupam-se, em seu estudo, da psicodinâmica paterna e da dinâmica familiar em grupos familiares onde existia um membro esquizofrênico. Enfatizam que, a influência do pai é tão nociva quanto a da mãe, e que, se o pai tivesse sido uma figura mais estável, o menino potencialmente esquizofrênico não teria estado tão comprometido na simbiose patológica com a mãe.

Em um outro estudo, LIDZ et al (1957 apud Aberastury & Salas op.cit.) são descritos cinco tipos de pais, a partir dos dados clínicos encontrados por estes pesquisadores, da seguinte forma:

- 1) Num grupo de pais de pacientes esquizofrênicos femininos, encontrou-se que: estes pais, em conflito com suas esposas, frustrados com o casamento, tentavam, com atitudes paranóides, alinhar as filhas ao seu lado, tratando de modelar estas filhas para satisfazer suas necessidades.
- 2) Um outro grupo de pais que dirigiam mais hostilidade para seus filhos que para suas esposas. Comportavam-se como irmãos mais velhos ciumentos, experimentando um sentido de rivalidade com seus filhos pela atenção de suas respectivas esposas. Eram estes, pais narcisistas, com características paranóides e apresentavam crises temperamentais violentas.
- 3) Um terceiro grupo de pais, apresentavam um conceito exaltado de si mesmos, uma auto-estima grandiosa - que os distanciava dos filhos. Estes filhos, nos primeiros anos de vida, tinham a idéia de não poder atingir seus pais. As esposas por sua vez, partilhavam da fantasia do marido sobre sua onipotência e privavam de atenção os filhos.
- 4) Num quarto grupo estão incluídos os pais que ocupavam-se pouco dos cuidados com os filhos porque estavam absortos em sua convicção de pouco valor pessoal. Eram figuras patéticas, sem prestígio na família e pouco considerados pelas esposas.
- 5) No quinto grupo de pais de filhos esquizofrênicos, estão incluídos os pais muito passivos. São figuras de identificação masculina inadequadas, ainda que em alguns casos sejam bons e afetuosos.

Um outro importante estudo - Zac, 1973 citado por ABERASTURY & SALAS (op.cit), assinala algumas características do pai do sujeito psicopata. O autor afirma que, às vezes este pai é uma pessoa fria e distante, autoritária, autocrática e que poderia ser um líder comunitário mas que, em sua casa, esta pai funciona como ausente - um pai morto, ou socialmente desvalorizado. Este tipo de pai faz parte de uma dinâmica familiar que mostra uma luta entre pai e mãe, e a constituição, no menino, de um superego

lacunar, no qual aparece um conjunto de valores contraditórios com os valores socialmente preconizados, constituindo uma base de conduta psicopática.

4.3. Paternidade na Gravidez/Parto

Com relação aos estudos que se interessam pelo "estado de pai" no período em que seu filho está sendo gestado, podemos encontrá-los sob dois diferentes enfoques : 1) estudos no campo antropológico cultural (estudos direcionados para observação e análise de comportamentos e rituais entre tribos indígenas e/ou culturas diferenciadas; 2) estudos na área clínica psiquiátrica, voltados às anormalidades paterna neste período, e alguns poucos mais voltados à paternidade em si, sem a conotação patológica.

• *O Enfoque Antropológico*

As observações e análises antropológicas-etnológicas abordam vários aspectos da paternidade neste período de gestação, como : relação entre os conjuges, relações entre o pai e o filho na gravidez/parto, rituais de resguardo, etc.

Pretendemos citar rapidamente alguns destes aspectos.

Com relação à formação do bebê, bem como com relação à concepção, MELATTI (1980) cita que entre os indígenas brasileiros encontram-se muitas distinções. Entre os Tupinambás por exemplo, prevalecia a crença de que somente o pai tinha o poder de gerar filhos; seu corpo tinha a "semente" que passava para o corpo da mãe e esta a abrigava até o nascimento (mas a mãe não tinha o poder de engendrar, apenas de abrigar). Estes, evitavam manter relações sexuais durante a gestação, pois era como que mantê-las com a própria criança.

Entre os Krahós, ainda segundo este mesmo autor, tanto o homem quanto a mulher tinham participação na formação do bebê. Os costumes dos Krahós são semelhantes aos da cultura branca.

Os antropólogos se referem também ao chamado ritual de resguardo. Este é definido como um conjunto de comportamentos que incluem obrigações e proibições do pai e que estão associados à criança por nascer ou já nascida. E, entre as diversas tribos ou em diferentes culturas este ritual é realizado, ainda que varie de cultura para cultura, tal como com relação à concepção/desenvolvimento intra-uterino, como citamos acima. Há privação de determinados alimentos, de determinados comportamentos

habituais (caçar determinados animais, deixar de trabalhar, etc) e, se estas privações serão durante a gestação ou após o nascimento, isto irá variar em cada cultura.

É importante acrescentar, que tais atitudes e comportamentos entre os indígenas, têm um significado "mágico" baseado em suas crenças.

DELAISE DE PARSEVAL (1981) cita diversas culturas, onde se cumpre ou se cumpria este ritual, desde o extremo oriente até regiões bálticas da Europa. A autora cita que, tal como escrevem os antropólogos, (...) "*o resguardo é um verdadeiro balaio de gatos em etnologia*" (p.51), já que os comportamentos simples acabam por tornarem-se extremamente complexos. Estas manifestações comportamentais são muitas vezes analisadas, no campo antropológico social, em torno da noção do animismo e do princípio da "magia por simpatia" - como se existisse um vínculo entre as pessoas de tal maneira que toda ação do pai tem uma incidência sobre a criança. O resguardo seria então, uma garantia de proteção do bebê contra influências nefastas.

Esta autora cita vários outros estudos, entre eles o de R. Coelho (em seu trabalho "*The significance of couvade among the black Caribes*" 1949) que analisa estas manifestações sob um prisma mais psicológico. O autor interpreta o ritual do resguardo como um "rito de passagem", que funciona como uma espécie de amortecedor do choque e da agitação emocionais inerentes a uma situação que é transicional. Nesta abordagem, o resguardo é visto em resumo como : - mobilizador de sentimentos do pai em relação à sua própria esposa; - e como algo inseparável das crenças religiosas, ou da estrutura destas sociedades.

Como podemos notar, por esta pequena exposição, o campo antropológico tem dedicado uma atenção ao estudo deste período da paternidade, porém, encontram-se interpretações - tanto de um ponto de vista teórico referencial, quanto de um ponto de vista da própria variação cultural de cada agrupamento humano.

• O Enfoque da Psiquiatria Dinâmica

No enfoque da psiquiatria dinâmica, encontramos alguns estudos que tratam com exclusividade das patologias paternas na gravidez, no parto e no pós-parto.

. Manifestações Psicóticas no Pai :

No parto e pós-parto — no campo da psicopatologia, as descompensações psicóticas entre pais por ocasião de uma nova paternidade são mencionadas através de observações médicas há alguns anos.

Por ocasião da década de trinta, encontramos um trabalho, ZILBORG (1931) que observou surtos psicóticos em pais por ocasião do parto de suas mulheres. O autor classifica-os como manifestações psicóticas com delírios paranóides marcantes, tendo sido observado que o pai nega a sua paternidade e acusa a mulher de traição. O autor interpreta estes mecanismos de projeção como defesa psicótica (primitiva) contra uma fantasia representante de uma espécie de "pecado" que estes homens tinham de ter concebido um filho.

DELAISAE de PARSEVAL (1981) cita dois trabalhos mais recentes que este referido acima : Bucove, 1964 e Rettersol 1955, os quais são relatos clínicos e trazem em comum, em suas descrições, as manifestações psicóticas em homens que se tornavam pais pela primeira vez, logo após o parto da esposa. Estes autores registram delírios do tipo paranóide.

É importante citarmos, que em todos estes trabalhos, os autores enfatizam que estas manifestações psicopatológicas graves são reações de uma reativação de conflitos da infância.

Na gestação — Os trabalhos realizados que abordam a questão paterna durante a gestação da mulher, referem-se às manifestações psicopatológicas graves.

Um estudo americano COLEY & JAMES (1976) descrevem 04 casos de perturbações psicológicas em futuros pais. Destes, 02 casos apresentaram neuroses bastante severas (do tipo obsessivo e fóbico) necessitando da inclusão de medicação anti-psicótica no tratamento; os outros 02 casos foram tidos como neuroses menos severas.

Ainda em seu livro, DELAISE de PARSEVAL (op.cit.) cita alguns trabalhos mais antigos em que são encontrados surtos psicóticos em homens durante a gestação da mulher. Esta autora cita os trabalhos dos americanos Towne & Afternan realizado em 1955 que estudaram 28 homens que entraram em surto psicótico na final da gravidez da mulher (próximo à data do parto). Segundo a interpretação destes autores, a proximidade do nascimento da criança, de certa forma provocou um "acendimento" de sua reação de dependência em relação à esposa, levando-os a encarar o bebê como rival. Outro trabalho citado por esta mesma autora, é o de Javis, publicado em 1962, o qual relata 02 casos de pacientes homens, que no período de gestação da esposa tiveram descompensações graves - sendo um na gravidez e um no parto.

Nestes trabalhos citados por G. Delaise de Parseval, a autora salienta que eles apresentam alguns dados em comum :

- manifestações psicóticas com delírios paranóides e características de conteúdos homossexuais latentes.
- uma tendência em que os episódios se deem nos últimos meses da gravidez ou por ocasião do parto.

. Reações Paternas na Gravidez

As chamadas "reações paternas", são registros feitos por alguns autores, a partir de experiências na clínica diária ou através de pesquisas especialmente realizadas, que investigam alterações comportamentais e reações sintomáticas (algumas de natureza psicossomática) em pais durante a gravidez da companheira, ou também em face ao parto ou no pós-parto.

Alguns trabalhos norte americanos, têm mostrado que estas reações paternas durante a gravidez da mulher, vão do mais simples e corriqueiro "ato", ou comportamento, ao mais aberrante.

LIEBENBERG (1969), num estudo com 64 pais em período de gestação, registra uma alta frequência de acidentes de trânsito (tendo pais como motoristas), antes e depois do nascimento do bebê - geralmente são acidentes que vêm acompanhados de episódios de brigas com outros motoristas ou com policiais de trânsito. Relata também, uma "agitação" ou hiperatividade física de pais durante a gravidez (necessidade de prática esportiva intensa como o futebol) e também registra "ferimentos", apresentados por estes pais, resultados da própria prática esportiva, concomitantemente às consultas obstétricas das esposas.

COLEY & JAMES (po.cit.) falam também sobre um "auge de stress" dos pais por ocasião das proximidades do parto. Neste "auge", alguns pais chegam a criar situações que os levam a brigas com o obstetra ou com outros profissionais no hospital; outros pais chegam a brigar com o motorista do taxi que leva a esposa ao hospital; e outros apresentam comportamentos extremamente grosseiros com a família ou com a própria esposa.

O comportamento de *fuga* ("action-flight behaviors") é descrito em pais que se entregam ao trabalho de maneira excessiva durante a gravidez, principalmente a partir do 3o. mes de gestação da mulher, também são citados por DELAISE DE PARSEVAL (op.cit.) . Outro estudo HOTT (1976) cita que os pais procuravam além do trabalho excessivo, arranjar viagens mais longas de negócios, mudavam de emprego, alguns pais voltaram

à universidade, e alguns outros desapareceram por algum tempo ou foram embora para sempre.

Estes autores, em especial DELAISE DE PARSEVAL (op.cit.), reconhecem estas alterações como "Acting out" da paternidade na gravidez.

Entre estes comportamentos, ainda encontram-se os referentes às atividades sexuais. HARTMAN & NICOLAY (1966) relatam "condutas sexuais desviantes" encontradas em 41 do total de 91 futuros pais estudados, sendo que destes 41 pais, 16 deles seriam pais pela primeira vez. Entre os comportamentos, ou *acting out*, os autores citam : atos homossexuais, travestismo, masturbação pública, telefonemas obscenos, exibicionismo. Os autores salientam, que estes comportamentos se acentuam principalmente nos quatro últimos meses da gravidez. A interpretação dada pelos autores é que estas são reações adaptativas de modalidade regressiva, uma forma de reduzir a ansiedade dos sujeitos em relação à sua masculinidade, ou seja, são uma tradução de conflitos inconscientes reativados e transformados em ato por esta modalidade.

Outro aspecto ligado às atividades sexuais é relatado por LIEBENBERG (op.cit.), que em dos 64 pais estudados, 32 cessaram quase toda atividade sexual durante a gravidez da companheira, mais especialmente depois dos primeiros movimentos fetais. Estes pais, atribuíram à abstinência, as seguintes razões : a de que tinham receio em machucar a criança, ou de que o bebê os machucasse; e alguns pais passaram a dormir em camas separadas, por causa dos pontapés do feto não os deixarem dormir.

Vemos assim, que as interpretações são variadas, porém os autores enfocam a questão da reativação de conflitos primitivos. E muitos autores referem-se a uma maior "agitação" à partir do 3o. mes de gestação. Sobre este último aspecto, é bastante considerado nas observações de SOIFER (1977) e também da brasileira M. Tereza Maldonado, que por sua vasta experiência em Psicologia da Gravidez, destaca esta questão do aumento de ansiedade e outros variados comportamentos no pai a partir do 3o mes de gestação da mulher, bem como outros importantes aspectos, MALDONADO (1985, 1989, 1979).

Capítulo V

MÉTODO

5.1. Nossa Opção Metodológica : O método clínico Psicanalítico

- *a necessidade do método*

Como já expusemos anteriormente, este trabalho tem como objetivo central uma compreensão da Psicodinâmica Paterna, (ou pelo menos de alguns aspectos desta dinâmica) - já que estamos trabalhando com "momentos" dentro de um "período" da paternidade.

Também como já colocamos no início deste estudo, o interesse por este assunto veio de uma necessidade da prática clínica institucional. De modo que a nossa opção é por uma metodologia qualitativa, num estudo que se realiza através do método clínico (numa leitura psicanalítica), pois enquanto clínicos, trabalhamos num processo de interação com o sujeito - na busca da compreensão desta dinâmica interna.

Deste modo, não poderíamos neste momento, nos afastarmos do método e das técnicas nas quais acreditamos e das quais utilizamos.

Esta investigação compreensiva utiliza-se da observação como conduta científica, a qual é privilegiada pelo método. Ela vem nos auxiliar e nos permitir fazer a distinção entre o que é manifesto e o que é latente. Mas

esta mesma observação não tem a conotação da mais pura "neutralidade", mas coloca -nos em meio a uma *experiência compartilhada*. Assim, nossa opção metodológica é tida dentro de um contexto compreensivo : das relações, das interações, do indivíduo com o mundo, a partir da compreensão do próprio indivíduo.

É também por esta postura que o método adquire qualidades pessoais do observador, já que, aliado à *observação*, estão as *relações* que se estabelecem entre *observador-observado* (colocando em jogo, certamente, a imaginação, os conteúdos da fantasia...) ainda que se procure uma certa margem de "controle".

• *objetividade e subjetividade*

Por esta *experiência compartilhada*, somos muitas vezes questionados quanto à "validade" e "objetividade" de nossos trabalhos.

Sobre este aspecto, Susan Isaacs, em sua exposição sobre "A psicanálise como Método Científico", ISAACS (1939), argumenta que a relação do analista com seu paciente, com a sua mente, não pode ser a mesma que a de um físico ou de um biólogo com seu material de estudo; pois, ao tratarmos com mentes humanas, numa relação viva, dinâmica, não podemos mantê-la num compartimento fechado. O material que lidamos é dinâmico, muda a cada instante - os pensamentos, sentimentos, as intenções humanas não são imóveis. E esta mobilidade é, ela mesma, parte de nosso material de trabalho - tanto trazendo-nos novas informações, quanto, por si mesma, dando-nos uma compreensão da história de vida atual do paciente.

Acrescentamos também, com relação à esta "objetividade", que o próprio objeto da pesquisa humana, na abordagem psicanalítica, só pode se revelar por sua mobilização na relação estabelecida com seu observador. BLEGER (1984) sublinha este aspecto, dizendo que a própria investigação, tanto modifica o objeto de estudo quanto o investigador, e com isto tem-se uma praxis que investiga operando e agindo, tornando-se uma experiência enriquecedora - com a reflexão e com a compreensão dos fenômenos.

Desta maneira, cabe-nos fazer a consideração de que nos processos psicológicos do pensamento, do mundo intra-psíquico (com o qual estamos

trabalhando) não podemos agir sem os processos subjetivos. E é desta subjetividade que faremos uso, fundamentalmente.

• *estabilidade e repetição*

As condições de estabilidade objetivas, bem como a repetição da situação pesquisada, são exigências do padrão científico (derivado das ciências naturais) e coloca à prova nosso método - o qual não pode garantir estas exigências sob a ótica destas ciências formais. Mas, sob a ótica psicanalítica, pode.

ISAACS (op.cit.) argumenta que, esta estabilidade existe como manutenção constante da situação em si, mas esta constância diz respeito à atmosfera psicológica - garantindo tranquilidade e segurança ao paciente, e não como garantia da estabilidade das condições "experimentais" do ambiente em si.

De outra maneira, também Fábio Herrmann trata desta questão, quando procura explicar o método exemplificando-o com a própria análise e diz que é necessário que se compreenda a diferença entre o quadro e a moldura, ... "o *divã*, a *frequência das sessões*, o *pagamento*, etc., *emolduram a análise*". Estes acessórios servem para delimitar aquilo que se faz, mas não são eles que o fazem, HERRMANN (1983, p.19).

Não estamos com isto desconsiderando as "boas condições" ambientais no desenvolvimento de um trabalho de investigação científica. Estas também são motivo de preocupação em nosso trabalho, quando procuramos dar tranquilidade ao sujeito, mantendo um ambiente mais neutro e calmo que lhe assegure isto. Mas estas questões ambientais são apenas aliados da nossa própria postura enquanto observador.

Com relação à questão da repetição das situações (tanto da situação original quanto de uma réplica) feita por outros investigadores, é interessante notarmos que isto é exigido pelas ciências empírico-formais, principalmente para que as conclusões antes tiradas, sejam depois reconfirmadas de maneira precisa e objetiva.

Sobre esta repetição, ISAACS (op.cit.) argumenta que nós não podemos fazê-la com nosso método em seu sentido estrito, já que qualquer experiência modifica a mente, e cada palavra ou cada olhar do analista-observador interfere nos sentimentos e nas respostas do sujeito analisado para

com o próprio analista. Deste modo, não podemos ter as mesmas situações antes e depois da interação e que possam permitir a comprovação de nossas interpretações. Isto é o mesmo que BLEGER (op.cit.) argumentou sobre as modificações que ocorrem a partir da interação observador-observado, a qual já assinalamos anteriormente.

Por outro lado, esta "repetição" ocorre no método clínico, ainda segundo ISAACS (op.cit.), mas sob uma outra óptica. Os pacientes podem trazer a mesma situação essencial (hoje e amanhã) - com alguma diferença na forma de colocação, mas com a mesma estrutura geral.

Entretanto, a "repetição" da mesma situação (em seu sentido estrito), com o mesmo paciente, feita por outro observador é impossível, assim como a estabilidade também o é. E isto é uma limitação do trabalho com este método desde um ponto de vista científico formal. Mas não podemos alterar isto, e temos que aceita-la, afirma S. Isaacs. Esta é a limitação que nos é imposta pela própria natureza da mente humana.

Estas argumentações feitas com respeito ao método, não se devem a uma preocupação em tornar o próprio método aceitável diante da comunidade científica a quem nos dirigimos neste trabalho, já que sabemos que ele é amplamente aceito e utilizado por ela. A exemplo disto, podemos citar alguns trabalhos clínicos aqui realizados, e que se revelaram de extrema importância; entre estes, ARRUDA (1992), BOTEGA (1989), CARVALHO (1992). Vale acrescentar, que estes surgiram a partir da experiência, e de necessidades da prática clínica diária destes pesquisadores, e isto, por si só, já justifica seu valor e sua relevância.

Assim sendo, esta argumentação sobre o método, é uma justificativa de nosso estudo em particular, numa tentativa de esclarecimento, dos procedimentos metodológicos por nós adotados. Estando orientados por 12 casos particulares, cuja condição individual se revela pelo pronunciamento de sua própria história (no quadro de seu estado atual e na constelação em torno de seu mundo), acreditamos, que estas particularidades só são compreendidas com o método que adotamos (pelo menos no que diz respeito à nossa experiência técnica pessoal), no contexto observacional que já consideramos anteriormente : do comportamento externalizado pelo sujeito e da vivência interna que nos apresenta.

Também é importante colocar que, via de regra, diante do material percebido, procuramos compreender, esclarecer e interpretar, dentro desta condição individual, à luz do referencial teórico adotado. Mas também não podemos (ainda que dentro de um trabalho qualitativo), deixar de fazer conexões entre as possíveis "semelhanças" que surgem neste material percebido, na medida em que se apresentarem com a mesma estrutura geral, a qual salientou S. ISAACS (op.cit.) - talvez isto justifique o agrupamento de dados que fazemos nos resultados.

5.2. Os Instrumentos Utilizados

Acima já abordamos o emprego do Método Clínico Psicanalítico, o qual, por si mesmo, já traz uma conotação técnica própria (em se tratando da própria psicanálise como terapêutica), o que faz dispensar o emprego de instrumentos outros, senão os seus próprios recursos como : a escuta e/ou observação rigorosa, a compreensão do significado do percebido, e o assinalamento interpretativo no momento oportuno (dentro do setting analítico). Entretanto, seguindo os passos de BLEGER (1984), o emprego do método clínico é aqui guiado pela técnica de enquadramento introduzida pela psicanálise, mas adaptado às necessidades da situação presente, diante da problemática que devemos enfrentar. Neste sentido a problemática levantada e os objetivos que queremos alcançar, tendem a formar parte do enquadramento, e o meio de alcance é justamente uma investigação exploratória (a qual fazemos através das entrevistas e de um instrumento projetivo).

Desta maneira, utilizando-nos das colocações deste mesmo autor, quando aborda sobre o emprego do método clínico na "psicologia institucional", de que não se trata de uma aplicação da psicologia (e acrescentamos da psicanálise como terapêutica) mas de um campo em que investigamos os fenômenos que nele têm lugar.

Diante destas colocações, é importante salientar, que o modelo de enquadramento o qual nos baseamos, proposto por BLEGER (op.cit.), não consiste somente num registro cuidadoso dos acontecimentos, mas no que ele chama de uma "indagação operativa", e cujos passos entendemos como: a) observação dos acontecimentos (num processo interacional) ; b) compreensão destes acontecimentos (à luz do enfoque psicanalítico); c) inclusão de resultados desta compreensão por via interpretativa -(contudo a fazemos aqui de forma teórico-didática e não no sentido terapêutico

propriamente dito); d) consideração deste passo anterior como uma hipótese - a qual poderá reiniciar o passo (a) - o que dará margem para a feitura de novos trabalhos que poderão levar à novas investigações, ratificações, enriquecimento da hipótese ou mesmo à uma nova hipótese.

A Psicanálise, a partir do que ela descobriu acerca do funcionamento mental humano, permite-nos fazer aplicações e extrapolações. O essencial, nesta descoberta, é a existência do sentido dinâmico nesta conexão inconsciente-consciente e que pode ser revelada nas expressões humanas.

Desta maneira, através destas extrapolações é que fazemos uso desta técnica, e este trabalho pode ser tomado como um estudo exploratório, nos permitindo assim lançar mão destes instrumentos.

• *Utilização de um Roteiro de Entrevista*

Elaboramos um Roteiro de Entrevista especialmente para o presente estudo. Os itens constados neste roteiro referem-se a dados que consideramos relevantes estudar. Esta relevância foi extraída a partir de nossa experiência comunitária-institucional, bem como na literatura referente à psicologia clínica preventiva, como nos trabalhos de BLEGER (1979, 1984), KNOBEL (1977), OCAMPO & ARZENO (1979).

O Roteiro compreende dados como :

- **Dados de Identificação :** procura levantar dados pessoais do futuro pai, como : idade, número de filhos com a esposa atual ou filhos de outros casamentos ou mesmo fora do casamento, tempo de convivência com a atual companheira. Estes dados nos dão uma noção da realidade pessoal e nos possibilita estabelecer em princípio, o contacto inicial com o sujeito na entrevista propriamente dita.

- **Condição Sócio Econômico-Cultural :** compreende dados sobre nível de escolaridade, trabalho-profissão: horários, tipo de trabalho, tipo de habitação. Também compreende dados sobre lazer, ou outras atividades fora do ambiente de trabalho. Estes dados nos dão uma noção do cotidiano do indivíduo e a maneira como ele percebe e lida com este seu cotidiano em relação à sua satisfação ou não com sua vida diária.

- **Dados Familiares :** neste item, procuramos compreender a relação do futuro pai com a sua família de origem, bem como no âmbito geral - esposa, filhos e suas ou outras pessoas que fazem parte deste seu contexto.

Neste item a idéia foi a de ter uma compreensão da qualidade destas relações, e como o indivíduo percebe estas interações .

- Dados sobre Concepção e Gestação : neste tópico procuramos abordar aspectos relativos à concepção : - planejamento ou não deste filho, desejos ou recusa em relação a esta gravidez atual. Neste tópico também procuramos investigar : possíveis mudanças no comportamento do casal - (como e quando houveram mudanças e a qualidade delas, e a percepção do sujeito a este respeito); ocorrências outras nesta ocasião : acidentes, perdas, doenças, e em que qualidade tais fatores relacionavam-se com a situação concepção e gestação. Também neste item, investigamos , reações, vontades manifestadas, emoções, sensações.

- Dados sobre Situação Atual : estes são dados sobre a rotina do casal (são dados que complementam o anterior sobre "situação socio-econômico-cultural") . Neste item procuramos compreender em que qualidade a própria situação de gestação interfere na rotina do casal, e como o sujeito lida com a situação.

Estes foram aspectos básicos que nos nortearam durante as entrevistas. Entretanto, durante todo o processo procuramos estar atentos aos sentimentos, emoções e sensações do sujeito ao se referir a tais aspectos de sua vida presente, já que nos interessamos pela qualidade da situação vivida.

As entrevistas foram feitas segundo a postura dinâmica adotada por BLEGER (1979) e OCAMPO & ARZENO (1979). Estes autores têm em comum tanto o sentido que é dado à entrevista (como um instrumento do método clínico, como uma técnica de investigação científica em psicologia) quanto pelo dinamismo com que ela se dá - na própria situação .

Como colocam OCAMPO & ARZENO (op.cit.) existe, nesta forma de entrevista, a flexibilidade, ou seja, a oportunidade de dirigir quando se fizer necessário a clarificação de dados emergentes de seu contexto ou ainda quando os dados se afastam dos objetivos a serem investigados. O sujeito tem liberdade de expor e iniciar como desejar, mas diferencia-se da técnica totalmente livre, uma vez que, há momentos em que o entrevistador intervêm, a fim de : 1) assinalar pontos de bloqueio, onde o sujeito não tem idéia de como começar ou de como continuar, 2) assinalar pontos de bloqueio surgidos pela angústia; 3) assinalar ambigüidades, ou pontos que ficaram obscuros ou mesmo que não ficaram bem esclarecidos.

• *Utilização do Instrumento Projetivo T.A.T.*
(*Teste de Apercepção Temática*)

A opção por um instrumento projetivo como mais uma técnica a nos auxiliar neste trabalho exploratório, deve-se à nossa própria formação psicológica. Formação esta que nos permitiu utilizar e reconhecer o valor dos Instrumentos Psicológicos (projetivos em particular) como técnicas capazes de nos mostrar conteúdos profundos da personalidade do indivíduo.

Cabe porém comentarmos, que a importância que nós psicólogos atribuímos à utilização dos "instrumentos psicológicos" e aqui particularizamos os "instrumentos projetivos", fora muito questionada (e pode ser que ainda seja) nos meios acadêmicos não psicológicos.

Por um lado estas críticas eram infundadas, mas por outro não.

Elas não encontraram nenhum fundamento digno de sustentação e êxito quando dirigidas ao valor dos instrumentos em si mesmos. Porém, haveremos de reconhecer, que quanto à maneira com estes instrumentos foram utilizados durante algum tempo, é passível de toda crítica. Esta maneira de utilização ou emprego dos Instrumentos Psicológicos em geral, apenas espelharam, e até chegaram a emoldurar, uma frágil identidade profissional (*) já existente.

OCAMPO & ARZENO (op.cit.) comentam sobre esta maneira com que o psicólogo considerava o próprio processo psicodiagnóstico e conseqüentemente como os instrumentos eram utilizados. E, muito embora estas autoras refiram-se à realidade argentina, consideramos pertinente suas colocações, já que a realidade brasileira é tão similar, senão a mesma que a delas neste aspecto.

A utilização dos instrumentos era feita de maneira que, ou o psicólogo por si mesmo aplicava testes e fazia encaminhamentos, ou cumpria solicitação de outros profissionais, os quais chegavam até a indicar

(*) Esta fragilidade da identidade profissional do psicólogo está estreitamente relacionada a razão fundamental : a própria "juventude" da psicologia enquanto profissão (regulamentada no Brasil em 1962), e que teve seus problemas a serem enfrentados.

e/ou solicitar instrumentos específicos (considerados pelos solicitantes como mais apropriados para o determinado paciente).

O psicólogo era então, um "aplicador de testes" que se limitava a uma mera investigação do que o sujeito fazia frente aos estímulos apresentados. E a pessoa analisada, nesta postura, era vista como "objeto parcial" - como aquele que docilmente deve fazer "um Rorschach", "um Desiderativo", "um C.A.T.", etc., sem se levar em conta o processo, a relação dinâmica, e por fim a própria devolução (já que costumeiramente os dados eram cuidadosamente enviados ao remetente).

A preocupação com este distanciamento entre profissional e paciente correu paralelamente à difusão da psicanálise no meio acadêmico, e o psicólogo aceitou-a como modelo de trabalho. Nesta ocasião, acreditou-se que os instrumentos funcionavam como escudos na relação, e, isto acabou por gerar nova "crise" de identidade profissional. Houve sim, um progresso de valor inestimável pelo enriquecimento da compreensão dinâmica, mas foram desvalorizados os instrumentos que não eram utilizados pelo psicanalista.

Entretanto, esta postura tem sido repensada, desde um amadurecimento da psicologia enquanto profissão, e desde que este profissional pôde (e pode, já que ele ainda se encontra neste processo de amadurecimento) perceber qual é sua verdadeira identidade.

É com esta postura que nos encontramos no presente momento; entendendo que podemos nos enriquecer profissionalmente com os conhecimentos da psicanálise, sem precisarmos deixar de sermos psicólogos.

A utilização do T.A.T. no presente estudo, se faz dentro de um processo. E nos encontramos também numa interação com a pessoa analisada, buscando a compreensão e procurando fazer a descrição de aspectos de sua personalidade.

Assim, entendendo que justamente é este processo dinâmico o que caracteriza a nossa investigação é que acreditamos que o T.A.T. e o Roteiro de Entrevista se completam.

Dados sobre o Teste de Apercepção Temática

A escolha do T.A.T. - Teste de Apercepção Temática, entre outros testes projetivos, deve-se, por um lado por nossa familiaridade com este instrumento, e por assim acreditamos que ele nos trará dados deste mundo interno do pai neste momento; por outro lado, também é importante colocar, que este instrumento amplamente utilizado e aceito na comunidade psicológica clínica no Brasil.

O T.A.T., como citado por seu criador, MURRAY (1943), por FRANÇA SILVA et al (1984) e por BELLAK (1975), é um instrumento capaz de revelar alguns dos impulsos, emoções, temores, defesas, revelando conflitos dominantes na personalidade. Seus atributos encontram-se na capacidade de proporcionar ao sujeito a exposição de tendências inibidas/ subjacentes que ele não está disposto a admitir, ou não pode admitir por não ter consciência delas.

Material do T.A.T.

O material do T.A.T. consiste em pranchas feitas em papel cartão (medindo 27 cm x 18 cm), apresentadas sob a forma de quadros (figuras) nas cores branco, preto, e sombreado, e, uma única prancha é apresentada inteiramente em branco. As pranchas são variadas quanto ao grau de realismo, quanto às situações propostas, tipo e número de personagens.

O material completo se distribui da seguinte forma :

- a) pranchas para ambos os sexos e idades (são as Universais)
- b) pranchas para adultos de ambos os sexos
- c) pranchas para adultos masculinos
- d) pranchas para adultos femininos
- e) pranchas para rapazes e homens
- f) pranchas para moças e mulheres
- g) pranchas para crianças e jovens (até 14 anos) de ambos os sexos
- h) pranchas para crianças e jovens (até 14 anos) masculinos
- i) pranchas para crianças e jovens (até 14 anos) femininos

Seu autor assim as distribuiu, baseado na sua experiência (nos vários anos de validação do instrumento), mostrando que as histórias obtidas nesta forma de aplicação, tornam-se mais reveladoras, e a validade das interpretações aumenta quando nas gravuras estão incluídas pessoa do mesmo sexo ou idade do sujeito, facilitando a identificação com o personagem.

Como citado por FRANÇA SILVA et al (op.cit.), as pranchas referem-se às várias áreas do relacionamento, dando ao indivíduo a oportunidade para revelar seus conteúdos internos. Deste modo, algumas se referem - à agressividade, ao perigo e ao medo, à depressão, às relações entre pais e filhos, à sexualidade.

Na escolha das pranchas, SILVA (1989) aponta que Murray vê a necessidade de se aplicar a série completa. Entretanto, considerando-se tanto a necessidade de tempo quanto as áreas específicas que se deseja estudar, alguns estudiosos pós-Murray optam por uma série reduzida. Entre estes estudiosos do T.A.T., encontra-se Bellak, o qual dedicou anos ao estudo deste material projetivo e, pode-se dizer, e está entre os mais aceitos entre os clínicos. E, é neste autor que nos baseamos.

Ao procurarmos embasamento em Bellak, BELLAK (1975), estamos conseqüentemente analisando o material sob o enfoque psicanalítico neo-freudiano (kleiniano) e, portanto desconsiderando a teoria de personalidade de Murray. É importante também salientar, que nossa preocupação foi a de manter a análise do material num nível dinâmico.

Assim, seguindo a proposta deste autor, selecionamos as pranchas indicadas para homens (1, 2, 3H, 4, 6RH, 7RH, 11, 12H, 13HF), e acrescentamos outras duas : prancha 8RH "intervenção cirúrgica" por considerarmos importante na situação estudada, já que os pais (sujeitos deste estudo) passam por um período que culminará com a vivência real de situação semelhante (o parto da companheira), de modo que esta prancha poderia nos trazer dados também quanto à ansiedade e agressividade do sujeito frente a este estímulo; também acrescentamos a prancha 16 (branca), por considerá-la bastante significativa na situação atual, já que esta propicia a projeção total do sujeito e mostra suas necessidades mais prementes.

Apresentamos, a seguir, uma descrição das pranchas selecionadas, com algumas características apontadas por alguns autores, entre eles FRANÇA e SILVA (op.cit.), SILVA (op.cit.) e BELLAK (op.cit.). Estas características são apontadas como sendo conteúdos mais comumente evocados pelo estímulo. Entretanto, isto não significa que determinados estímulos só tragam tais conteúdos, ou que necessariamente tenham que trazer tais conteúdos.

Prancha 1 - "O Menino e o Violino"

É a primeira prancha a ser aplicada, pois não revela uma situação ameaçadora. A temática mais frequente encontrada por vários autores refere-se à relação com a autoridade (pais, professor), atitude frente ao dever e ideal do ego.



Prancha 2 - "Estudante no Campo"

Evoca a área das relações familiares, percepção do ambiente e o nível de aspiração. Por apresentar três personagens traz também à tona a questão das relações heterossexuais, e do conflito edipiano.



Prancha 3H -**"Curvado sobre o Divã"**

Trata-se de estímulo de grande carga dramática. Evoca associações referentes à tristeza, ao abandono, desespero, depressão. Também por apresentar personagem de sexo indefinido, pode evocar aspectos relativos à homossexualidade, ou os conflitos com a mulher e a feminilidade.

Prancha 4 -**"A Mulher que Retém o Homem"**

Esta, envolve também a área referente aos conflitos heterossexuais (abandono, ciúme), e também controle x impulso.



Prancha 6 RH - "O Filho que Parte"

Remete o indivíduo à sua relação com a figura materna (dependência -independência, abandono- culpa, incesto).



Prancha 7 RH - "Pai e Filho"

Remete o indivíduo à sua relação com a figura paterna. Pode trazer vários conteúdos, entre eles, autoridade, ausência, raiva, ciúme, etc.



Prancha 8RH - "A Intervenção Cirúrgica"

trata-se de um estímulo desconcertante na seqüência. A imagem pode ser percebida como um sonho, ou o segundo plano como uma lembrança do passado ou um futuro projetado. Abarca questões relativas à agressividade (auto e hetero).



Prancha 11 - "Paisagem Primitiva de Pedra "

trata-se de estímulo de grande impacto, já que pode ser considerado um dos mais indefinidos de toda a série. Refere-se às atitudes frente ao desconhecido, ao perigo, ao instinto. A presença de elementos primitivos e fantásticos favorece uma análise simbólica, que pode revelar a atitude do sujeito frente aos conteúdos do inconsciente.



Prancha 12 H - "O Hipnotizador"

evoca situações de passividade e impotência. Neste sentido pode revelar atitudes frente às figuras de autoridade, frente à terapia, à própria situação do teste. Pode também evocar novamente a relação com a figura paterna, bem como pode trazer fantasias de morte, abandono.



Prancha 13 HF -

"Mulher na Cama"

estímulo dramático, traz conteúdos das relações heterossexuais e à sexualidade associada à agressividade, entre outros.



Prancha 16 - "Em Branco" - Uma vez que o estímulo é totalmente branco, o sujeito é levado a projetar-se totalmente. A temática em geral refere-se às necessidades mais prementes do indivíduo, ou será um reflexo da relação transferencial. Pela experiência prática, optamos por aplicá-la por último.

Algumas Considerações na Aplicação do T.A.T.

Tempo de Reação

Consideramos o tempo de reação em duas ocasiões : A) (t.r.)- tempo de reação inicial, que é o intervalo entre a apresentação do estímulo e a primeira verbalização do sujeito (comentários, exclamações, ou o tempo em si para o início da história propriamente dita). B) (t.t.) - tempo de reação total , que é o intervalo entre a apresentação da prancha e o final do relato espontâneo (não se inclui o inquérito).

O Inquérito

Refere-se a uma série de perguntas feitas pelo psicólogo após o término da narrativa em cada prancha. Ele tem o objetivo de completar a história ou elucidar algum ponto que não ficou bem esclarecido. As perguntas devem ser sempre amplas (genéricas) não dando margem para respostas sim ou não. As questões que em nossa experiência prática costumamos levantar, são igualmente adotadas por SILVA (op.cit.) como por exemplo : "O Que aconteceu antes?", "O que vai acontecer depois disto", ou simplesmente, "Como vai terminar a história?". É possível também explorar os sentimentos dos personagens. Caso o aplicador considere que a história está completa, não é necessário prosseguir com o inquérito.

Observação de Comportamentos

Consideramos todo o comportamento verbal e não verbal do sujeito. Mudanças de postura, reações, alteração de voz, sinais diversos de agitação.

Tanto o tempo de reação quanto a observação de comportamentos, são considerados, a partir da premissa que o estímulo provoca um impacto no sujeito, e este deve se reorganizar frente a ele. Também, o grau de envolvimento do sujeito com a situação e a conseqüente interferência da ansiedade serão observadas : pelo tempo que ele dispõe para realizar a tarefa (ou querendo sair da situação rapidamente ou, em outro extremo, demorando-se em demasia), e pelos comportamentos, agitações, reações que o sujeito expressa frente ao estímulo.

5.3. Os Sujeitos Participantes

Os sujeitos deste estudo são 12 (doze) homens, numa faixa etária que variou entre 25 - 35 anos. Encontram-se casados, por um período que variou entre 2 anos a 3anos e 2 meses, vivem atualmente com suas esposas, as quais encontram-se em período de gestação do primeiro filho do casal. Estes 12 pais vivenciavam períodos de gestação variados: desde terceiro/quarto mes até oitavo/nono mes.

Todos estes 12 pais estavam vivenciando sua primeira experiência conjugal, bem como gestacional, assim como suas esposas.

Possuem profissões e ocupações variadas: desde empregos assalariados em empresas públicas ou privadas, até profissões autônomas ligadas a vendas e ao comércio. E quanto à renda familiar, esta também variou numa faixa de 12 a 22 salários mínimos vigentes. Destes 12 sujeitos, 02 mantinham a casa já que as esposas não trabalhavam fora; outros 03, as esposas trabalhavam junto com os maridos em estabelecimento comercial próprio, e outros 07 as esposas trabalhavam também como assalariadas em empregos públicos ou privados. O grau de escolaridade variou entre 2o grau (completo e incompleto) até superior (completo e incompleto).

Por questões didáticas, distribuimos os pais em ordem alfabética (de A a M), atribuindo-lhes nomes fictícios, correspondentes às letras do alfabeto).

A seguir, apresentamos um quadro com algumas características dos pais estudados - idade, estado civil, grau de escolaridade, profissão/ocupação, e o mes de gravidez em que a esposa se encontrava.

Salientamos, que quanto ao período de gestação (*conforme quadro 1*), consideramos o mes de gestação da esposa à partir do primeiro contato do sujeito conosco, até o final deste nosso trabalho com ele. Deste modo, vamos encontrar pais que estavam vivenciando o início de um determinado mes de gestação e permaneceu conosco até o final daquele mesmo mes; e vamos encontrar aqueles que no início de nossos contatos estavam em meados de um determinado mes e passou para o seguinte ainda durante nossos contatos.

Quadro I

Algumas Características dos Sujeitos Participantes

CARACTERÍSTICAS SUJEITOS	IDADE	EST.CIVIL e Tempo de Casamento	ESCOLARI- DADE	PROFISSÃO/ OCUPAÇÃO	PERÍODO GESTAÇÃO (meses)
André	32	casado- (3 a. 6m)	superior	administrador financeiro	3o./4o. mes (*)
Bernardo	28	casado- (3a. 2 m.)	2o. grau inc.	ourives/ comerciante	4o./5o. mes (*)
Carlos	27	casado- (2 a. 8m)	2o. grau técnico	técnico manut. industrial	8o./9o. mes (*)
Damião	29	casado (2a. 6 m.)	Superior inc.	comerciante	6o./7o. mes (*)
Emanuel	27	casado (3 anos)	2o.grau .	escriturário	7o./8o. mes (*)
Fernando	35	casado (2 a 9m)	Superior incompl.	comerciante	7o. mes
Geraldo	31	casado (2a. 3m.)	superior inc.	vendedor autônomo	6o. mes
Hugo	26	casado (2a.4 m.)	2o. grau	escriturário proprietário	6o. mes
Ivan	25	casado (2a. 3m.)	superior incomp.	técnico laboratório	6o. mes
João	33	casado (3 a 2m.)	2o. grau	técnico manut. industrial	8o./9o.mes (*)
Luis	30	casado (2a. 1m)	2o. grau	vendedor autônomo	4o./5o. mes (*)
Marcos	30	casado (2 a.5m)	2o grau	comerciante	7o. mes

(*) casos em que os sujeitos passaram de um mes para outro quando em contato conosco

• *A escolha dos 12 pais*

O grupo de 12 pais foi resultado de encaminhamentos que nos foram feitos por profissionais ligados a nós, e atuantes na UNICAMP como funcionários em setores como Hosp.Clinicas, Faculdade Ciências Médicas, Creche, Recursos Humanos, e do Núcleo Estudos Psicológicos, através de seus contatos com funcionários, alunos e pacientes destes setores.

Nossa intenção em recrutar os pais desta maneira, foi uma tentativa de garantir exclusivamente a condição voluntária do pai em nosso trabalho. Não tínhamos interesse em pais que estivessem vivenciando gestações especiais (como as gestações de risco/alto risco), muito embora tivemos um caso em que a gravidez passara por riscos de aborto nos três primeiros meses (caso Bernardo). Entretanto, esta foi uma de nossas condições na escolha destes sujeitos, pois acreditávamos que a gravidez de risco pudesse acentuar muito mais esta "mobilização" de situações conflitivas, e talvez uma exacerbação maior de fantasias de morte, e que não nos traduziria um período vivencial comum, como pretendíamos.

Assim, a questão da gravidez normal da mulher foi uma de nossas condições para o trabalho. Outra condição foi que o casal vivesse junto - o que certamente nos indicaria que o pai estava, de algum modo, acompanhando este período.

Deste modo, estes profissionais com quem contamos, encaminhavam -nos estes pais, ou passavam alguns dados preliminares (telefone, endereço), para entrarmos em contato. Alguns pais (2 casos), chegaram a nos telefonar, dizendo que tinham interesse em participar do estudo, e estes dois pais também nos encaminharam outros 2 colegas de trabalho.

Ao contarmos com estes pais, explicávamos que nosso interesse era pelo estudo da paternidade na gestação, sobre as emoções, sentimentos deles, e que nosso trabalho se resultaria em alguns encontros, onde conversaríamos sobre o assunto. Nestas ocasiões, alguns chegavam a verbalizar que achavam "*muito curioso*" ou "*muito engraçado*" o fato de estarmos interessada em estudar o homem e não a mulher. Para eles, respondemos que sobre a mulher tínhamos muitos e variados estudos, mas sobre o pai tínhamos alguns poucos, e que estávamos interessados em compreender melhor, ou conhecer um pouco mais sobre suas emoções, e que para isto precisávamos conversar

algumas vezes, e não estimávamos um tempo preciso; dizíamos apenas que seriam algumas vezes.

Assim, o trabalho foi realizado em local de atendimento, no Núcleo de Estudos Psicológicos - NEP, UNICAMP, com os pais que tinham disponibilidade de se dirigirem até o local. Com os demais pais, o trabalho foi realizado de forma domiciliar.

Torna-se importante relatarmos, que chegamos a nos contatar com 25 pais. Destes, 08 não aceitaram participar do estudo, alegando já de imediato : falta de tempo, indisponibilidade de horário, viagens de negócios, mudança de residência entre outras razões; 01 aceitou participar, mas não compareceu - sendo novamente contatado afirmou não estar interessado. Deste restante (16 pais), 02 deles, com os quais trabalhamos no estudo prévio, não foram incluídos na amostra atual, pois a partir do estudo prévio, fizemos modificações no Roteiro de Entrevista e também modificamos as pranchas do T.A.T. - incluímos algumas e excluímos outras.

Deste total restante, tivemos mais 02 pais que deixaram de participar do estudo. Ambos tinham muitos problemas conjugais, e falavam em separação da esposa. A gravidez vinha sendo vivenciada em meio a muitos conflitos pessoais e familiares, e assim, compreendemos que nosso trabalho tornara-se um transtorno para eles, e sentimos que o trabalho estava-lhes sendo uma ameaça à "estabilidade emocional". Chegamos a conversar e abordar sobre a possibilidade de que procurassem o setor de psicologia médica na própria universidade, mas eles se recusaram.

Deste modo, nossa amostra resultou em 12 pais.

É importante relatarmos que, em princípio, tínhamos interesse em estudar sujeitos cujas mulheres encontravam-se em período de gestação desde o primeiro trimestre, a fim de fazermos associações com os de segundo e terceiro trimestre (proximidades do parto), com base na divisão sistemática de MALDONADO (1985), e algumas considerações também feitas por SOIFER (1977), de que com o aumento do volume abdominal na mulher, há uma maior exacerbação de fantasias, principalmente de morte na mulher, sendo portanto comum o surgimento de persecutoriedade no homem, MALDONADO (1985, 1989), DELAISE DE PARSEVAL (1981), entre outros. Entretanto, como vimos pela composição de nossa amostra, não trabalhamos com pais no primeiro trimestre propriamente dito, e isto não foi possível dado ao caráter voluntário da seleção destes sujeitos.

Torna-se importante colocarmos também, que fatores como : a primipaternidade, o espaço de tempo relativamente pequeno de casamento destes pais, bem como a idade deles (são pais mais jovens) não foi uma determinação na escolha dos pais, mas uma decorrência.

5.4. O procedimento durante nosso trabalho com os pais

No primeiro contato, como relatamos, explicávamos a natureza do trabalho, tínhamos uma conversa informal, na qual, a maioria dos pais já nos trazia uma idéia de sua vida cotidiana (lar e trabalho) e marcávamos um segundo encontro. Neste segundo encontro já procurávamos entrar nos dados levantados no Roteiro de Entrevista. Levamos, em média, duas a quatro sessões para as entrevistas.

Quanto à aplicação do T.A.T., não estabelecemos exatamente uma ordem, na sequência de sessões, para aplicá-lo. Tivemos a preocupação de não o aplicá-lo primeiro, já que ele poderia causar um impacto, e mobilizar muito o sujeito. Sua aplicação variou de sujeito para sujeito no que diz respeito à terceira ou quarta sessão - procuramos respeitar esta dinâmica de cada pai.

Ainda com relação à aplicação, cabe salientar, que em todos os casos a aplicação do teste foi feita por completo numa mesma sessão, o que é certamente possível, já que estamos trabalhando com um número reduzido de pranchas, entretanto, dedicamos uma sessão especial somente para sua aplicação.

Nosso contato com as Esposas

Fizemos também um contato com as esposas gestantes, em algumas oportunidades : ou no local de trabalho (quando estas atuavam na Universidade da qual fazemos parte - Unicamp), ou no próprio domicílio, quando de nossas visitas domiciliares.

Este contato com as esposas teve uma grande importância no trabalho, oportunizando-nos a uma corroboração de muitos dados da entrevista dos sujeitos com a realidade vivida por eles, e a uma observação mais próxima da dinâmica do casal.

Também nestes contatos pudemos observar (pelo menos aparentemente, nestes poucos contatos) como estas esposas estavam se sentindo em relação à gravidez, como se sentiam em relação à participação do marido neste período : sentido-se ou não protegidas, seguras etc. Nestas oportunidades, pudemos também falar sobre vida cotidiana, lazer, trabalho, aspirações, e, tudo isto propiciou uma visão geral da vida cotidiana e das relações do casal.

É interessante relatarmos, que estes contatos com as esposas só foram feitos após o estudo prévio (após o contato com os 2 primeiros casos - um estudo piloto). Percebemos, nesta ocasião, que o nosso contato com os maridos -pais, causavam nas esposas-mães, uma grande ansiedade, a tal ponto de mandarem recados pelos maridos que gostariam de nos conhecer, assim como, os próprios maridos (em um caso) chegou a trazer fotos da esposa e de sua casa para que tivéssemos "*uma idéia de como era*". Nesta ocasião, tivemos então a lucidez, de que estávamos causando uma grande ansiedade nas mulheres, as quais poderiam estar fazendo as mais variadas fantasias a respeito do *porquê* alguém (e este alguém era uma mulher) estaria querendo saber sobre a *sua gravidez* , sobre *seu filho* e sobre o *seu marido*.

A partir desta percepção, foi que compreendemos, que um contato com as esposas seria necessário. E estes contatos, foram muito produtivos, tanto do ponto de vista técnico (da pesquisa em si) quanto no sentido de amenizarmos um pouco a ansiedade despertada em muitas das mulheres neste período tão especial em suas vidas. Estas mulheres, ao longo deste contato, quando já não se sentiam tão ameaçadas, logo nos convidava para conhecer sua casa, o quarto do bebê, os enfeites, fitas de vídeo cassete da ultrasonografia, depois falavam sobre seu cotidiano, suas expectativas, e chegavam a nos convidar para outras visitas e para conhecer seu bebê ao nascer. Fomos comunicados sobre todos os nascimentos e fizemos esta visita após o parto.

• *Procedimento de Análise*

Nossa preocupação na análise destes doze casos foi a de não fugirmos do caráter dinâmico proposto nos objetivos deste trabalho. De modo que, tanto a análise das entrevistas quanto a análise do T.A.T. obedeceram este "critério".

Procuramos fazer uma leitura clínica - à luz do referencial teórico adotado, de todo este material, levando sempre em conta o conteúdo manifesto e o conteúdo latente apresentado nas entrevistas e no instrumento projetivo.

Com relação ao Teste de Apercepção Temática (T.A.T.), assim como outros instrumentos projetivos, num primeiro momento, sua análise pode parecer desconcertante, pela ausência de parâmetros rígidos, de uma análise quantitativa, e de um sistema de interpretação universalmente aceito. Entretanto, pensamos, que a interpretação deste material requer um tipo de raciocínio diferente do habitual. Como afirma SILVA (op.cit.), estamos condicionados a pensar de modo linear, reduzindo o todo em partes compreensíveis. Mas, no T.A.T., a "prática e a intuição" fazem parte de sua análise.

Assim, nesta ausência de um sistema de interpretação universalmente aceito, e de várias propostas de análise apresentadas por vários autores, podemos dizer que nossa análise aproxima-se mais do esquema de interpretação da análise de conteúdo proposta por L.Bellak.

De modo geral, a análise consiste em identificar a essência do relato. Após a leitura do material, a identificação do Tema é o primeiro passo da análise em cada prancha. Na investigação do tema, iniciamos por uma síntese da história propriamente dita, depois procuramos generalizar a mensagem num nível interpretativo buscando-se assim o que o autor chama de nível diagnóstico: o conteúdo latente explicitado em termos psicológicos com base no referencial teórico adotado.

Depois, procuramos identificar o Herói - personagem principal, em torno do qual gira a trama. Este é considerado a figura de identificação, é a figura na qual o sujeito projeta suas próprias características, reais ou ideais. Identificado o herói, procura-se situar as Necessidades dele (seus desejos). Mais adiante, na proposta deste autor, ele propõe uma análise de conflitos, onde verifica-se o conflito entre desejo de realização e sentimento de incapacidade - de como articula a trama no seu relato, observando-se as ansiedades, angústias, que referem-se ao que está por trás do conflito : do que ele se defende e como se defende. Com isto reunimos a tríade : Medos, Desejos e Defesas.

Ainda nesta análise, considera-se : Figuras, objetos ou circunstâncias introduzidas ou omitidas - são os elementos ausentes na prancha e que são introduzidos ou que são omitidos e que nos dão uma noção - ou de conteúdos

que não se deseja entrar em contato, ou de conteúdos que representam necessidades mais prementes do sujeito, e isto será considerado, principalmente, se aparece com frequência no protocolo. Em geral, verifica-se como indivíduo percebe o ambiente. Considera-se ainda, como as figuras são percebidas pelo herói e como são as relações entre os personagens.

Deste modo, teremos uma idéia do Sistema Tensional Dominante.

O T.A.T., é uma técnica de estimulação visual e produção verbal, -- uma técnica Aperceptiva. O sujeito percebe o seu meio externo e responde a ele em função de tudo aquilo que dispõe internamente, ou seja, segundo BELLAK (1975), numa interação dinâmica entre os objetos do mundo externo e interno, criando-se uma "realidade própria". Esta percepção própria (dinâmica) da realidade é que o autor chama de **apercepção**.

Deste modo, a apreensão dos estímulos do mundo externo terá sempre um componente subjetivo.

De acordo com esta subjetividade, desta "realidade própria", é que se coloca a noção de Fantasia de Susan Isaacs (ISAACS, 1952) e as interpretamos segundo sua natureza oposta, ambivalente - desejos e temores; considerando-se os recursos da personalidade que são colocados à serviço da Tensão no momento -- a capacidade de estabelecer relações mais satisfatórias, ou a falta de "liberdade" insinuam a força do sistema tensional dominante, e podem revelar a qualidade destes recursos internos e por consequência, a "quantidade" de energia que é investida naquele esforço defensivo, naquela situação.

De modo geral, queremos mostrar que a análise do material colhido durante este processo interacional com os sujeitos-pais neste estudo não obedece a um critério pré-estabelecido. Ela se prende num visão clínica que é derivada da prática e da intuição, e se ancora num referencial teórico no qual acreditamos (*).

(*) É importante salientar que os casos foram supervisionados por dois profissionais clínicos : Prof. Dr. Maurício Knobel e Prof. Dr. José Tolentino Rosa.

capítulo VI

RESULTADOS e DISCUSSÃO

Com base nos 12 (doze) casos estudados e, à luz do referencial teórico adotado, optamos por fazer, numa primeira parte, uma análise descritiva dos resultados de forma agrupada. Posteriormente, apresentamos a análise mais detalhada de um caso.

Reconhecemos, que este momento de estruturação dos resultados, foi bastante "complexo", ou, pode-se dizer, "angustiante".

Após todo o processo de coleta do **material clínico**, e, estando diante de toda uma gama e riqueza de dados, a grande pergunta do pesquisador clínico é : como, e qual a melhor maneira de organizá-los e apresentá-los ao leitor?

Diante desta indagação, carregada de grande angústia, sentimos um certo "alívio", ao fazermos a leitura do trabalho de BOTEGA (op.cit.), o qual abre a sessão dos resultados relatando esta mesma preocupação. O autor relata, que a sensação primeira do pesquisador clínico é a de ficar meio perdido diante de uma infinidade de dados, uma vez que, estes mesmos dados apontam para muitos caminhos, ou fios condutores que poderão ser explorados.

Assim sendo, não existindo um esquema padronizado, o pesquisador clínico lança mão do mesmo pensamento clínico que o

acompanhou até então, e, lembrando TRINCA (1984), este é a *"consequência natural da permissão que o psicólogo se concede de usar os recursos de sua mente para avaliar os dados de um caso, e é o que decide, em última instância, sobre a importância e significado dos dados"* p.20

Deste modo, a organização, ou análise agrupada do material clínico destes 12 casos, foi feita à partir dos relatos dos sujeitos-pais e das histórias do T.A.T.. Os temas levantados foram extraídos deste material, mas de acordo com aquilo que pudemos perceber como significativo no contexto, naquele momento de análise. Deste modo, este agrupamento não obedece a uma "categorização" ou "classificação" pré-estruturada ou padronizada deste material colhido, tanto que utilizamos na maior parte da exposição destes resultados, do recurso de transcrição literal dos próprios relatos e da história do T.A.T. .

Acreditamos também, que este recurso de transcrição dá possibilidade ao leitor de ampliar sua visão sobre o tema (considerando-se a amplitude da temática da Paternidade - a qual terá ainda muito que ser explorada), bem como dá possibilidades de se fazer novas interpretações (neste momento lembramos a presença da subjetividade argumentada por Susan Isaacs - ISAACS, 1939).

Assim, num primeiro momento, seguindo os objetivos antes propostos, apresentamos os dados agrupados, com a intenção de termos uma visão mais ampla desta psicodinâmica paterna. E, num segundo momento, apresentamos a análise de um caso, com a finalidade de ilustrar os fenômenos observados e possibilitar ao leitor um contato mais direto, ou mais próximo, com a própria investigação.

Lembramos, como propusemos nos objetivos, que na análise dos resultados, foram considerados : o conteúdo manifesto, e o conteúdo latente. Consideramos o Conteúdo Manifesto, como aquilo que se refere ao nível de percepção cognitiva que os sujeitos têm em relação à situação presente : percepção do conteúdo de realidade. Esta percepção do conteúdo de realidade é observada durante nossos contatos com os sujeitos durante as entrevistas, bem como através do T.A.T (através dos dados de superfície - que referem-se à percepção dos sujeitos em relação ao estímulo apresentado em cada prancha).

Quanto ao Conteúdo Latente, a observação é no sentido de compreensão da expressão inconsciente trazida nos relatos, nas expressões

não verbais, e nas histórias do T.A.T.. Consideramos então, o Sistema Tensional Dominante, analisando-se as fantasias inconscientes (*) predominantes, segundo a tríade :

a) desejos inconscientes - relações fantasiadas com o objeto face às necessidades básicas primitivas.

b) medos e angústias - despertados pelos objetos, e que estariam em oposição aos desejos inconscientes.

c) defesas - esforços defensivos utilizados para evitar as consequências. As reações defensivas surgem como necessidades do ego na procura de uma compatibilidade entre os desejos inconscientes e as exigências externas que levam a uma conciliação destas situações.

A partir destes três aspectos, é que procuramos compreender as fantasias e seu dinamismo.

Acreditamos que, desta maneira, diante do conteúdo de realidade e da estrutura da fantasia inconsciente, podemos ter uma compreensão da psicodinâmica destes pais neste momento.

(*) lembramos que a conceituação de fantasia de Susan Isaacs (1952), com a qual compartilhamos mostra esta coexistência de emoções opostas. E é com este conceito que estamos trabalhando.

6.1. Análise dos Resultados Agrupados

Primeira Parte

6.1.1. Ser Pai : da Preparação à Concepção

No casamento, o plano afetivo nunca se estabelece sem obstáculos – internos ou externos a ele. A construção do convívio do casal implica na formação de um *modus vivendi* diferenciado do que cada um tinha anteriormente. Vai-se criando uma dinâmica própria nas relações desta nova família.

Concordamos com MEYER (1983, p.21) quando afirma que esta dinâmica tende a ter um caráter reprodutivo, uma vez que o casal recém-formado é um "veículo de transporte" das expectativas e necessidades que foram cunhadas numa situação ancestral. Contudo, acreditamos que este caráter reprodutivo terá que sofrer uma adaptação. Em outras palavras, cada um dos membros do casal trará expectativas, necessidades, crenças e valores adquiridos em sua família de origem, mas são também originários de organizações familiares diferentes, de modo que terão, ambos, que fazer um ajustamento, uma acomodação nesta nova família que se forma.

A nova família formará também um novo ciclo vital a partir da interrupção do antigo ciclo, e assim lidará com perdas e ganhos, e isto, demandará num processo de elaboração.

Na formação deste novo ciclo vital, observamos, nos nossos casos estudados, um período de vida conjugal sem filhos. E sobre este período, entendemos como uma percepção dos casais sobre a necessidade de acomodação, de ajustamento à nova situação -- o casamento.

Os pais relataram, que enquanto casal, optaram por um período de união conjugal sem filhos (logo após o casamento), utilizando-se de métodos anticoncepcionais dos mais variados. Este período sem filhos variou de - 1 ano e 6 meses a 3 anos, até o início da gravidez.

Do ponto de vista antropológico-social, este período de vida conjugal sem filhos, tem sido reconhecido como algo mais novo em nossa cultura, e mais comum entre casais mais jovens.

BEJIN (1984) em seu estudo sobre casais não casados e que vivem juntos, os quais chama de "casamento extra-conjugal", analisa que estes "coabitantes", mesmo não recusando um filho a priori, querem dar a si mesmos uma "moratória", adiando a vinda deste filho. O autor analisa este aspecto como uma espécie de tirgiversação ao desejo e ao temor tanto da maternidade quanto da paternidade.

Diferentemente, em nossos sujeitos, não entendemos este período como uma "tirgiversação" face ao desejo e ao medo da paternidade. Houve um planejamento do casal pela gravidez, já que, após este período chamado por A. Bejin de "moratória", ambos - marido e mulher, decidiram-se por um filho.

Entendemos este período como um ajustamento, uma adaptação do casal à vida conjugal : - à coabitação, à vida em comum, o que, sem dúvida, representa uma nova vida para o homem e para a mulher, os quais, antes tinham uma "identidade de solteiros" e, com o casamento, passam a ter uma "nova identidade", todavia, "digeri-la", demanda algum tempo -- um processo de elaboração.

Ainda na abordagem antropológico-social, GOLDENBERG (1991), pesquisando a "construção da identidade social masculina" em homens de classe média, encontra, com relação ao tempo de vida conjugal sem filhos, o seguinte : a)- os entrevistados com mais de 50 anos de idade tiveram seus filhos sem nenhum planejamento ou "moratória" ; b)- os entrevistados que estavam com idade aproximada aos 30 anos, deram-se este tempo (ou continuavam dando), em função de seus projetos de cunho profissional e/ou acadêmicos; c)- os homens na faixa dos 40 anos, viveram esta "moratória" inicial e decidiram-se, após um tempo (1 a 2 anos) terem seus filhos; d)- os entrevistados que ainda não tinham filhos, que são os mais jovens, abaixo de 30 anos.

Na análise desta autora, encontramos pontos comuns com os nossos dados, no que se refere ao fato de que é nesta faixa etária (mais jovem) que ocorrem as negociações entre o casal sobre um período sem filhos, e o momento mais adequado para tê-los é apontado em função dos projetos profissionais (estabilidade financeira), acadêmicos (término estudos) e dos desejos (ou aceitação), de cada um dos membros do casal

sobre ter um filho. Assim, coincidindo com o que encontramos, a decisão é apontada como algo em conjunto, e não como decisão unilateral.

Nos nossos sujeitos, foi durante este período de convivência sem filhos que os casais começaram a falar sobre gravidez e, a partir destas conversas, é que afirmam ter suspenso os métodos de anti-concepção. Entre os pais, Geraldo e Ivan, relataram igualmente, que planejaram a suspensão do método somente para alguns meses mais tarde, todavia, as esposas "esqueceram-se" de tomar a medicação anticoncepcional, e engravidaram muito antes do previsto por eles.

Nos pais estudados, o **desejo consciente pela concepção** de um filho foi verbalizado. Mesmo nestes casos em que a gravidez estaria planejada para meses posteriores, os pais não chegaram a dar indícios de uma possível rejeição por este filho, de forma consciente. Frisamos aqui a questão do consciente, pois concordamos com MALDONADO (1985), que nunca uma gravidez é totalmente desejada ou totalmente rejeitada (embora a autora esteja se referindo com especificidade à mãe, entendemos de igual modo para o pai); há sempre uma oscilação entre desejar ou não este filho. A complexidade de um relacionamento interpessoal é suficiente para se compreender a coexistência de diversos sentimentos, pois ninguém ama ou odeia totalmente outra pessoa. Além do que, o próprio casamento, e a possibilidade de um filho, implica na perspectiva de grandes mudanças, que certamente envolve ganhos e perdas - e isto, por si só, justifica a existência de sentimentos opostos (voltaremos a este aspecto mais adiante).

Entre os pais, alguns deles - André, Damião, Carlos, João, Fernando e Hugo, relatam que houve uma certa "demora" para que a gravidez ocorresse após a suspensão do método anticoncepcional utilizado pela esposas (um período que variou de 3 a 5 meses). E neste período, houve uma certa "preocupação" em relação à infertilidade. Entretanto, a preocupação maior ocorreu com Carlos, André e Fernando, os quais chegaram a fazer consultas médicas com temores de uma possível esterilidade.

A Fantasmática da Esterilidade

Torna-se relevante relatarmos, o quanto, para estes pais, o defrontar com uma possível **esterilidade** foi um dado significativo em suas vidas. Um destes casos é justamente apresentado na casuística (caso

André) - onde podemos observar com mais proximidade, como este dado teve um valor muito significativo em sua dinâmica interna.

Estes pais relatam que chegaram a imaginar, e tinham muito temor por isto, que a causa da **infecundidade** do casal fosse deles e não de suas mulheres. Afirmam que preferiam imaginar, logo em seguida a estes "temerosos pensamentos", que a causa fosse da mulher e não deles - ainda que se sentissem culpados por assim pensarem.

Esta fantasia consciente, que mostra toda uma confusão e uma grande angústia, pode ser vista nos seus próprios relatos. Exemplificando:

André - "... sabe, eu confesso a você que tive muito medo de que eu pudesse ser a causa dela não engravidar..., que eu pudesse ter problemas ..., é, de ser estéril. E sei que é maldoso de minha parte, mas eu preferia que fosse dela o problema, e não meu. Imagine ! ...Ah! eu nem posso pensar, como é para um homem ser estéril (...) ". (sic)

Carlos - "Quando minha esposa parou de tomar as pílulas anticoncepcionais, e nós já estávamos decididos em termos o nosso filho, e aí já fazia quatro meses e 'nada de gravidez', ... ah! aí me deu medo. Eu pensei que eu poderia ser estéril. Foi então que decidimos ir ao ginecologista dela, para vermos se não era dela o problema. (...) acho que fiz uma torcida para que fosse dela o problema, e ao mesmo tempo eu não queria que ela tivesse problemas, porque eu queria um nenê (sic).

e continua depois : "Eu não fiz espermograma, porque o médico disse para darmos mais um tempo, porque tem um período, quando as mulheres param com os remédios, elas podem demorar mais para engravidar. Bom, aí..., logo depois, quando estávamos em plenas férias, mais relaxados, voltamos para casa e ela já estava grávida. (sic)

Fernando - " (...) no início, como eu te disse, nós não queríamos filhos (refere-se ao período inicial do casamento), e quando decidimos, e ela parou com os anticoncepcionais, e já fazia uns meses e não engravidava, ... eu então pensei que pudéssemos ter problemas de esterilidade. Eu fiquei encucado, porque também me lembrei que nunca nenhuma outra namorada havia engravidado. Isto me assustou. Mas fomos ao médico, ele nos tranquilizou muito, ... mas mesmo assim pediu que eu fizesse exames. Eu não cheguei a fazer porque logo depois ela engravidou. (...) na época, só em pensar que talvez não pudéssemos ter filhos, ah! nem quero pensar, isto já não é mais um problema" .(sic)

Com relação a este aspecto, é interessante observarmos o impasse Reprodução X Infertilidade, surgido na imaginação destes pais ainda muito cedo, ou seja, logo em seguida à suspensão do método anti-

conceptivo, mostrando o medo e a angústia face à capacidade/ incapacidade de fecundar.

Na nossa compreensão, esta esterilidade fantasiada apresenta-se com implicações de natureza interna mas, também com um componente social cultural muito forte. Culturalmente, a capacidade de fecundar, baseada estritamente no modelo biológico, vincula-se à "potência viril masculina". Porém, a conotação social aparece de tal modo, que a capacidade de gerar filhos exibe o vigor, o poder, a "masculinidade". Por outro lado, o contrário, dá uma conotação de que, não ser capaz de gerar filhos, trará como resultado, uma esteriotipia de incapacidade.

Deste modo, para estes pais, seria mais ameno, ou menos angustiante, mostrar ao seu grupo social-familiar, que os problemas de esterilidade do casal não eram do homem, ou seja, não comprometia sua "masculinidade". Atribuir a possível esterilidade à mulher (a submissa, a passiva), seria menos penoso - já que, poder-se-ia novamente "fantasiar" ou "exibir" ao seu grupo social familiar, que teriam vigor e capacidade para fecundar outras mulheres. Fazemos aqui um parêntese, e deixamos uma pergunta : (Quem sabe esta não seria uma Formação Reativa a nível grupal-social, numa sociedade predominantemente masculina, que necessita "não ver " o poder de criação - a capacidade feminina de reproduzir quantos homens ela quiser?).

Sabemos, através da história, inclusive bíblica, que a **fertilidade** sempre fora tida como uma **bênção**, enquanto que a **esterilidade** fora tida como **castigo**. A tragédia de Édipo, em Sófocles, também gira em torno deste aspecto.

Assim, também na nossa cultura, há uma grande valorização da procriação, ocorrendo uma espécie de pressão do grupo social familiar para que o casal tenha filhos. Segundo MALDONADO (1989), por esta valorização sócio-cultural, os problemas de infertilidade do casal são acompanhados de sentimentos de fracasso, baixa auto-estima, auto-desvalorização, vergonha, humilhação, inferioridade, inutilidade e muita frustração. Acresce-se ainda, segundo esta mesma autora, o fato de que nesta nossa sociedade predominantemente machista, é a mulher que carrega a culpa pela falta de filhos, mesmo nos casos em que o marido é azoospermico - fato freqüentemente ocultado dos amigos e familiares. De maneira que é freqüente a mulher iniciar sozinha os exames, tratamento etc., sentindo-se a responsável principal pela não fecundação.

Neste aspecto, estes nossos dados vêm ao encontro das afirmações desta autora, tanto pela própria explicitação dos pais sobre seus temores ante uma possível esterilidade, quanto pelo fato de terem se dirigido primeiramente ao "médico de senhoras" na procura de causalidade.

Por outro lado, este temor face à possível esterilidade, que revela uma mobilização de conflitos intra-psíquicos, coloca-os diante do confronto masculinidade/virilidade X feminilidade/ passividade.

Reportemo-nos à tragédia a fim de visualizarmos este ponto. O ponto que desencadeia toda tragédia de Édipo: a **esterilidade**. Estamos então diante do castigo que caiu sobre Laio, por haver privado Pélope de seu varão, roubando-o. Laio, por sua homossexualidade, deixa o reino estéril. - sem perpetuação, sem descendentes, sem continuidade de seu "sangue", da família, do nome, da religião.

O castigo vem do roubo. E nesta conotação de castigo, distingue-se 2 alvos de revide : um, é que o rei de Pélope condena Laio ao mesmo - à esterilidade; e um segundo : ser desgraçado pelas mãos do próprio filho, se viesse a tê-lo.

Vamos nos ater neste primeiro alvo.

Em Melanie Klein, KLEIN (1928), encontramos, que nos primórdios do conflito edipiano, a "fase feminina", de origem sádico-anal, se dá num nível em que as fezes são equiparadas ao filho desejado, e há o desejo de roubar os conteúdos da mãe. E no aparecimento deste "roubar", Melanie Klein distingue 3 aspectos : 1o.) surge do desejo de ter filhos e apropriar-se deles, 2o.) surge do ciúmes dos possíveis irmãos que apareceriam, 3o.) do desejo pelo conteúdo do corpo, incluindo-se o pênis do pai incorporado pela mãe, p. 257. As tendências para "roubar" e "destruir" estão relacionadas com os órgãos genitais (de concepção), da gravidez, e do parto , que a criança pensa existir na mãe, bem como com os seios e a vagina.

Do roubo do conteúdo corpóreo, tal como na tragédia, viria o revide : o menino então temerá que seu corpo seja mutilado, desmembrado, e este *temor também significa a "castração"*, segundo os dizeres de Melanie Klein p. 258. A castração também vem da mãe, e, este temor da mãe é tão acabrunhante, porque ele está unido ao intenso temor de ser castrado também pelo pai.

A esterilidade (a não procriação) é equivalente ao castigo, à "fase feminina" de Laio, por seu desejo de relacionar-se com o homem e por isso não poder procriar. *"O varão, ao atravessar essa fase passivo-feminina que descrevemos, está profundamente identificado com sua mãe, deseja possuir o pai"*. ABERASTURY (1978, p. 74).

Acreditamos, que a temerosa fantasia de esterilidade, estaria intimamente ligada a um remanejamento libidinal, de período bem precoce, nos primórdios do conflito edipiano, onde se encontram as raízes de sua fase feminina - no desejo de roubar e conter para si (bebês e pênis), e no medo de ser punido, castrado.

Como vimos no relato destes sujeitos, surge também um desejo de "livrar-se" da possível esterilidade, atribuindo a possível causa à mulher, que associamos anteriormente com o fato de que, socialmente seria menos penoso para eles (já que seria mais aceito pela sociedade).

Todavia, pode-se também encontrar um sentido para tal situação fantasmática, ao recorrermos novamente à KLEIN (1928), quando argumenta, que a posição genital, incipiente neste período, está mesclada com tendências pré-genitais; de modo que, quanto maior for a preponderância sádica, tanto mais a identificação do menino com sua mãe corresponderá a uma atitude de rivalidade com a mulher, com sua mescla de inveja e de ódio porque, de acordo com seus desejos de ter um filho, sente-se em situação de **desvantagem e inferioridade** à respeito da mãe. De modo que, nossa inferência a este aspecto, é que, seria muito menos penoso para estes homens atribuírem a "desvantagem" e a "inferioridade" à mulher, do que tê-las para si e serem destruídos por esta inveja.

• *Na confirmação da Gravidez : A Capacidade de Fecundar e a Ambivalência afetiva*

Diante da confirmação da gravidez da mulher, surgem em todos os pais estudados, as mais variadas emoções, sensações, e reações. Entretanto, podemos observar dois pólos comuns : o prazer frente ao poder de fecundar, e a ambivalência afetiva.

A sensação de "poder" diante da confirmação da gravidez é um dado evidente, o qual traz em si, todo um prazer e uma imensa alegria. É como se pudessem provar seu *vigor*, a si mesmos e aos demais. É a

confirmação de sua capacidade humana de procriar, de dar continuidade à sua espécie, ao seu nome, ao seu sangue - com uma conotação de espécie humana (biológica), e com outra conotação sócio-cultural.

Por outro lado, os sentimentos ambivalentes já se acham presentes neste período primeiro, observando-se : o querer ser pai, e o medo de sê-lo.

Podemos observar estes aspectos através de fragmentos dos relatos destes pais, quando se referiam à ocasião em que a gravidez da esposa fora confirmada :

Luis : "Eu estava viajando a serviço, e a M. (esposa) ligou pra mim. Eu já estava esperando alguma coisa. Quando, no hotel me disseram que era uma ligação dela pra mim, meu coração acelerou.... e neste minuto eu pensei : ela vai dizer que está grávida ou será que vai dizer que deu negativo!? Ai, eu disse alô, e ela já foi falando : - Bem! deu positivo. E aí eu não entendi direito e pedi para repetir(...). Depois, eu fiquei lá sozinho, me senti sozinho, chorei um pouco, não sei explicar direito, é.... eu ia ser pai e, foi muita emoção. Eu queria voltar pra casa, mas tinha que trabalhar lá no outro dia (...) . Sabe, quando as coisas têm que dar errado, é uma barra. Porque no dia em que vinha embora, eu doido pra vir, e confundi o horário do ônibus e acabei perdendo. Ai eu tive que esperar mais um dia nesta expectativa de voltar e encontrar com a M., ver se estava tudo bem (...) "sic.

Bernardo : " Ah!, nós pulamos de alegria quando abrimos o exame. Eu ia ser pai, era eu mesmo! Eu queria ligar para meus pais, meus amigos, pra todo mundo. Eu senti muita alegria (...) . Eu e J. (esposa) nos abraçamos e nós dois choramos um tempão, mas ela acabou me acalmando, eu fiquei mais exaltado(...). Quando passou aquele instante de emoção, eu fiquei quieto e pensei : - será que vou conseguir encarar essa!? "sic.

André : "(...) eu não sei bem, era muito confuso, eu me sentia leve, nas nuvens, feliz, e queria dizer pra todos que ia ser pai, e ao mesmo tempo eu pensava que a responsabilidade agora ia pesar mesmo"sic.

Emanuel : "(...) quando ela foi buscar o exame, a gente já tinha certeza, ou quase certeza da gravidez (...) Bom, nós ficamos felizes ela estava mesmo grávida (...) nós conversamos sobre muitas coisas, sobre o nosso filho, as mudanças que iam acontecer em nossa vida, e sobre a grande responsabilidade que é criar um filho "sic.

João : "acho que a emoção que eu senti quando soube que ia ser pai foi uma das mais fortes que senti. Também como no dia do meu casamento na igreja... não sei explicar isto, é muito emocionante. Estas duas emoções foram fortes e não sei ... são diferentes, mas é uma felicidade que também faz a gente chorar. É quando a gente quer muito alguma coisa e consegue isto - é esta a emoção, e também a gente se sente importante, as pessoas podem notar isto (...) E é muito sério isto, porque não tem volta. Tem que assumir "sic

Hugo : "(...) aí, é uma alegria que não tem como explicar, mas junto com ela vem também um ... um amadurecimento, acho que é isto, porque ser pai também impõe uma responsabilidade que a gente nunca teve antes "sic.

Fernando: (...) e então a confirmação da gravidez foi a melhor notícia do mundo. Veja bem, um tempo atrás a gente pensou que talvez nem pudesse ter filhos, e agora ser pai; foi incrível. (...) é que pra assumir a paternidade e também a maternidade, pra mulher, tem que ter garra, coragem, responsabilidade e acho que a gente não pode vacilar"sic.

Carlos : " a melhor coisa que tem é ver o exame e ver que é mesmo a gravidez, porque antes ela teve um alarme falso. E, sabe, é bom porque a gente tem mesmo certeza que não tem problemas (refere-se à esterilidade), e ver que agora é uma nova vida pra nós dois, pra mim e pra ela, e a gente já tem que ir pensando, como vai ser quando estiver os três juntos. Acho que vai ser muito bom porque é isto que a gente queria, mesmo com todas as preocupações que é educar um filho (...) "sic

Neste período inicial, já com a confirmação da gravidez, as reações são diversas, mas com repercussões semelhantes, devido ao contexto em que se encontravam : a gravidez foi planejada e era esperada por eles; como também, deve-se levar em conta, que todos seriam pais pela primeira vez. MALDONADO (1985) assinala este aspecto, dizendo que a comunicação da mulher sobre a gravidez, ao seu parceiro e aos familiares, tem repercussões bastante variadas, dependendo do contexto em que ela acontece : se " é mais um ", além da conta e, por isso pouco festejada, se "é um filho muito esperado" a alegria e a surpresa serão mais evidentes.

Muito embora, em Carlos, André, Fernando, a confirmação da gravidez tivesse que acontecer "como uma prova", como "uma luta" contra as fantasias de esterilidade, ficou evidente, que também para os demais pais, teve uma conotação de prova, de confirmação e orgulho de sua masculinidade. Como uma mostra, à si mesmos, de sua capacidade masculina de penetrar e fecundar a mulher. Como um prazer e como um alívio, pela permissão à penetração e exploração do corpo feminino (antes temido pelos horrores e como lugar de destruição). Este aspecto lembra o desenvolvimento da análise de John, quando Melanie Klein comenta seu encontro com a caneta-tinteiro, a qual significava que havia reconhecido a existência de seu pênis, e do prazer que ele lhe dava, mas que também havia reconhecido a existência de seu próprio ego , KLEIN (1931).

Podemos observar também, como aponta Melanie Klein, KLEIN (1945) que com a presença dos impulsos amorosos, esta confirmação de

sua capacidade masculina de fecundar, revela o reconhecimento da existência do orgulho de seu pênis (agora de caráter transformador) e que está convertido num meio de satisfazer e dar bebês à mãe, fazendo também uma reparação.

Todavia, existem sentimentos ambivalentes já nesta fase inicial : o desejo de ser pai e o medo de sê-lo. Observa-se, que em meio a tanta satisfação, Luis perde o ônibus (medo) quando desejava voltar para casa e estar com (ou defrontar-se com) a mulher já grávida e, portanto, ele já pai. Bernardo expressa seu prazer e seu medo em fracassar, em saber se "vai encarar essa". André expressa o "peso da responsabilidade" que lhe trará esta paternidade, assim como Hugo, Emanuel, e assim por diante, cada qual mostrando seu desejo, mas também seus temores frente à nova situação.

Novamente lembramos MALDONADO (1985, 1989), e SOIFER (1977), as quais, com larga experiência em "Psicologia da Gravidez", mostram esta ambivalência afetiva nas mães; que surge a partir da relação materno-filial, podendo iniciar inclusive com a percepção da gravidez (mesmo antes do exame clínico). E, como citamos anteriormente, a gravidez implica numa perspectiva de grandes mudanças (inter-pessoais, intra-psíquicas) o que evidentemente envolve perdas e ganhos, e isto, por si só, já traz a presença de sentimentos opostos.

Se isto é válido para as mulheres, parece-nos claro que também é válido para os homens.

Muito embora, num plano lógico racional, como observa MALDONADO (op.cit.), a contradição de sentimentos não pode coexistir - ou o indivíduo gosta ou não gosta, ou quer ou não quer, no plano da "lógica" emocional, os sentimentos contraditórios coexistem (o indivíduo quer e não quer, gosta e não gosta ao mesmo tempo) em intensidades variadas, de modo que a ambivalência é um fato.

Segunda Parte

6.1.2 Lidando com a Gravidez

- *Encarando as perspectivas de mudanças : as perdas e os ganhos*

Neste momento da vida do casal, a dinâmica que se instala mostrará o modo como este casal reage diante de inúmeras variáveis internas ou externas, que surgem durante este processo de formação de uma "mais nova família", indicando sua capacidade evolutiva.

A situação da gravidez, por si só, mesmo tendo sido planejada, implicará em mais mudanças -- considerando-se a expectativa da introdução de um novo membro na família. Haverá um aumento da complexidade da organização e das interações do casal. Tem-se então, um novo "teste" -- tanto a nível individual, quanto a nível do casal. O casal testará novamente a sua capacidade de acessibilidade e flexibilidade (antes testados na situação do casamento), em função de um outro nível : o nível parental. Lembrando MINUCHIN (1982), o casal fará uma passagem e uma inclusão : de um sub-sistema conjugal, para o sub-sistema parental, ainda que o segundo não exclua o primeiro (flexibilidade).

Como discutimos anteriormente, já diante da confirmação da gravidez, surgiram expectativas e também perspectivas de mudanças. As próprias verbalizações à respeito de que terão que ter "mais responsabilidades" também revela uma percepção de que terão que assumir uma "nova postura" -- a postura que assume o homem no sub-sistema parental -- **de pai**.

Com a evolução da gravidez, aparecem, em outros momentos, novas reações face às exigências de novas mudanças. Variados aspectos destas mudanças que ocorrerão são percebidos por eles (ainda que muitos também não lhes sejam perceptíveis).

Em alguns momentos, observamos que diante de determinadas situações, "neste lidar" com perdas e ganhos levavam os casais a níveis de integração e aprofundamento, enquanto que em outros, pareciam mostrar um estrutura mais fragilizada. O enfrentamento de determinada situação, neste *processo* da gravidez (ou mesmo antes dela - como vimos nos casos em que surgem as fantasias de esterilidade), teria para determinados pais (ou casais) um significado especial, enquanto que para outros não. E, certamente, isto depende de uma dinâmica individual, de como a situação é sentida e percebida por estes homens (ou mesmo pelo casal).

• *Recorrências ou Não-Recorrências à Família de Origem*

Existiram situações em que as mulheres recorreram às suas famílias de origem, por motivos variados, e conseqüentemente os maridos reagiram -- como que reivindicando seus espaços, passando a questioná-las sobre esta busca de "socorro". Por outro lado, existiram também aqueles que contrariamente não o puderam fazer, e sentiram-se muito angustiados por não terem com quem contar.

Na primeira situação, podemos observar este aspecto no relato de Hugo quando diz : (...) *eu falei que não achava certo. Se toda vez que precisar das coisas, ter que correr atrás da mãe dela, então A gente casou; vamos ter que tocar nossa vida. (...) ela concorda comigo; nós já conversamos muito. Ninguém quer magoar ninguém, mas se a gente der muito espaço, a gente acaba ficando dependente "sic.*

Também podemos ver algo similar em Geraldo : *"Não acho que é preciso toda vez ficar atrás da mamãe (sorri). Não existem grandes problemas; é preciso aprender sozinho também (...) e eu perguntei pra ela : - E pra quê que eu existo ? " sic*

Fernando : *"(...) e nós temos um sistema de vida e nossos pais têm o deles. Nós devemos contar com a ajuda dos mais experientes, principalmente logo que nenê nascer, mas acho que temos a nossa própria maneira de fazer as coisas, a nossa vida, e vamos ter nosso próprio jeito de educar futuramente. Não se pode à toda hora ir correndo atrás dos outros.....nós temos que contar um com o outro" sic*

Entre os aspectos insinuados nestes relatos, podemos observar, por um lado, o sentimento de ciúme em relação à mulher, a qual, de certa forma, eles já têm dividido com o bebê que está em seu ventre e, então, porque também dividi-la com outros mais?

Com isto, vemos também que a vinda de um filho altera a rede de intercomunicação familiar e também desperta toda uma gama de sentimentos, emoções primárias — o ciúme despertado pode insinuar tanto uma rivalidade pelo afeto da mãe-esposa (quando este sujeito-pai vê na esposa a sua própria mãe e o bebê como um irmão mais novo que vem lhe roubar o espaço), aspecto discutido por CAVERNAR & BUTTS (1977). Por outro lado, também pode indicar uma competição com os próprios pais, em querer ser melhor que eles foram ou, como destaca MALDONADO (1985), sentem-se incapazes de competir com eles.

De um ponto de vista antropológico-social, SALEM (1985) também salienta este aspecto num estudo com "casais grávidos", afirmando que uma nova ideologia educacional se estrutura em torno dos valores de afeto. A proposta da 'nova paternidade' está associada à da 'nova maternidade', que caracteriza-se pela convicção de que o casal deve assumir tudo sozinho. Ao representar as famílias de origem como usurpadoras e potencialmente contaminadoras do projeto em gestação, o casal supostamente se fortalece na medida em que afirma sua identidade em contradição à eles. E isto parece ter sido bem evidenciado quando Fernando diz : "Nós temos um sistema , e nossos pais têm o deles".

Este embate, continua a autora, entre a ideologia do "casal grávido" e dos núcleos de origem, revela uma tensão entre os dois códigos morais. Mas, se dentro deste código a criança (e antes o casamento), estabelece elos entre os grupos assegurando sua reprodução biológica e social (e acrescentamos, com os dizeres de MEYER, op.cit., também os psicológicos), o projeto do casal grávido está informado por uma tônica intimamente individualista e sua nuclearização se impõe como um valor.

Podemos lembrar ainda, mesmo concordando com esta mesma autora quando diz que este casal "supostamente se fortalece" na medida em que se contrapõe aos pais, que esta também é uma reação face a um período de "crise " ou transição -- envolvendo possibilidades de reestruturação e de ajustamento. E isto pode possibilitar que o casal (e aqui destacamos o homem-pai em particular) atinja níveis de integração e

amadurecimento de sua personalidade, na medida em que deseja e consegue caminhar para um desprendimento e separação de seus próprios pais.

Neste momento de análise, podemos lembrar KNOBEL (1981) quando se refere à Síndrome da Adolescência Normal como um período da vida, um crescimento, que mostra toda uma ambivalência; comportamentos que oscilam de um extremo ao outro e que são aparentemente patológicos, mas que fazem parte de todo um processo de desenvolvimento — que implica em elaboração de lutos. Também podemos lembrar Anna Freud, FREUD (1965) que entende o desenvolvimento como um jogo de regressões temporárias e progressões, sendo que a diferença é que na patologia a regressão é permanente, enquanto que a progressão implica em atingir um novo nível de organização da personalidade a partir das regressões; de modo que é necessário passar por um período de relativa desorganização, representada por estes momentos regressivos.

Isto também nos faz retornar a outros pais (Bernardo e João), que contrariamente aos primeiros, mostraram-se extremamente sensibilizados por não podermos contar com apoio familiar. Vejamos seus relatos :

Bernardo : "quando passamos por este período difícil (refere-se aos riscos de aborto) não tivemos a quem recorrer realmente. Temos amigos, vizinhos, mas não temos mais pai e mãe (seus pais são mortos); só tenho aqui uma irmã, mas ela trabalha (...) Senti falta de ter com quem contar pra valer. Acho que isto foi um teste pra mim, pra ela, mas, graças a Deus estamos aqui "sic

João : "(...) e eu não tenho família aqui, minha mãe (viúva) mora no Mato Grosso e minha mulher não tem mais os pais. A gente se dá bem com os irmãos dela, mas a verdade é que só podemos contar conosco, um com o outro. É, à vezes é difícil mesmo, e muitas vezes é até melhor nem contar com ninguém"sic.

Aqui, vemos que ainda que se possa pensar em contrapor-se à família, ou aos pais em particular, há sempre o desejo de "tê-los" e não sentir-se abandonado. A ausência dos pais (e não importa que tipo de ausência), pode insinuar toda uma gama de sentimentos, entre eles a raiva e o ódio, por terem sido abandonados, excluídos, rejeitados por eles que os deixaram.

Com isto, queremos dizer, que o enfrentamento de situações -- que podem ser aparentemente simples em um nível de realidade, pela via interpretativa, num nível mais profundo, podem ser vistos como mais complexos. Tais acontecimentos mostram-nos aspectos que pertencem ao registro edipiano -- às relações destes pais com seus próprios pais na infância.

A dinâmica que se instala, implica nesta ambivalência -- que surge também como consequência destas mudanças : na perda de aspectos infantis e nos ganhos de novos aspectos de homem adulto. Todavia, o modo como estes reagem ao enfrentamento das diversas situações, depende de sua própria dinâmica, e de como estes pais vivenciaram as suas relações com os seus pais na infância .

Num estudo com casais, o qual enfoca a Construção da Paternidade de um ponto de vista da psicologia social, CARVALHO (1989) aponta também para estas individualidades nos casais pesquisados. Um dos casais mostrou estar caminhando com mais facilidade para um processo de transformação, incorporando formas alternativas de uma nova relação ao modelo familiar antigo, enquanto que o outro casal, mesmo com maior potencial intelectual para compreensão das transformações sociais, encontrava barreiras internas para elaborar este processo, vividos com muito mais conflitos.

Vemos assim, que deve-se certamente considerar estas particularidades nos sujeitos pesquisados. Entretanto, o que queremos demonstrar é que no enfrentamento de situações variadas durante este processo aparece a ambivalência afetiva e também a possibilidade de crescimento.

É importante discutirmos também, um outro aspecto que em nossa observação consideramos bastante significativo. Este refere-se à questão do trabalho da mulher neste período de gravidez.

• *Conflitos sobre a Identidade Profissional da mulher, e ao dilema da mulher Trabalhar na gravidez*

Como argumentamos na parte introdutória do presente estudo, o crescente ingresso da mulher no mercado de trabalho como mão de obra competitiva, evidencia também sua contribuição no orçamento familiar. Entretanto, na ocasião da gravidez surgirão conflitos em relação a este aspecto, tanto por parte da mulher quanto por parte do homem. MALDONADO (1989) já afirmou que estas angústias, na mulher, acontecem com mais frequência após o nascimento da criança; são conflitos (culpa) entre sentir-se no direito de cuidar de si, dedicar-se às atividades de seu interesse e a cobrança em dar assistência integral às crianças. Com relação a este aspecto, também podemos lembrar as colocações de PRADO

(1981), de que com a conservação de traços burgueses na família moderna, do papel feminino espera-se ainda que tenha a conotação de reprodução da família e cuidados exclusivos com o lar e educação de crianças.

Com relação ao homem, pudemos também observar um conflito em relação a este aspecto, e acreditamos que esta conotação sócio-cultural é, sem dúvida, muito significativa. Nestes homens, o conflito (culpa) surge em função de uma "cobrança" a si mesmos, ante ao fato de ter (ou não ter) que sustentar a casa sozinhos, e darem uma estabilidade maior à esposa grávida. Este conflito, na nossa compreensão, parece se intensificar, quando a contribuição financeira trazida pela mulher é bastante significativa para o orçamento familiar. Mas, existe também um outro lado, como já salientou DOWLING (1981), a mulher também conserva (e isto está muito arraigado em sua conduta), uma ânsia de proteção e segurança, de modo que muitas mulheres renunciam à autonomia financeira pela proteção do homem de quem possa depender. Com isto, as próprias mulheres, em muitos momentos, também "cobram" esta proteção de seus maridos, os quais passam a sentir uma angústia maior, quando a contribuição orçamentária feminina é relativamente significativa.

Entre os casos estudados, como relatamos no método, em três casos, tinham seus trabalhos ligados ao comércio, e as esposas atuavam junto com seus maridos, dois casos as esposas não estavam trabalhando fora, e outros sete casos as esposas tinham ocupações fora do lar em trabalhos como assalariadas .

Entre os sujeitos cujas mulheres exerciam atividades de trabalho fora do lar como assalariadas, é interessante a observação de que em determinados momentos surgiam "cobranças", a si próprios, com uma conotação de culpa, por não poderem sozinhos, custear as despesas orçamentárias. Entretanto, um dado interessante a ser acrescentado, refere-se ao mês de gestação da mulher e a intensificação desta culpa sobre o dilema : trabalho da mulher X condição de gravidez. Observamos, que nestes casos, os maridos demonstraram muito mais preocupações com este aspecto a partir do 7o. mês da gravidez. A expressão desta angústia pode ser observado por exemplo quando Emanuel verbaliza "(...) e ela ter que ir trabalhar neste estado... já tão pesada" sic ; ou como verbaliza Carlos : "mesmo trabalhando na mesma empresa que ela, e então qualquer coisa eu estou lá, mas me dá pena de ver que ela sai assim, já no final para ir trabalhar..."sic ; ou como expressa João : "Às vezes me sinto até inútil, porque ela sai pra trabalhar pra um lado e eu pro outro. Sei que o pessoal do

banco é muito bom, e se acontecer alguma coisa eles ajudam, mas... é eu não estou lá, e ela tem que ir trabalhar até a última semana... ah! é difícil agora tão perto do parto" sic.

Entre os casos em que as mulheres trabalhavam juntos aos maridos — Bernardo, Fernando e Hugo, a angústia não é evidenciada deste modo, pela flexibilidade do tipo de trabalho exercido pelas mulheres, (tanto pela flexibilidade de horário, quanto pela não obrigatoriedade de estarem no estabelecimento comercial, como acontece por exemplo com um trabalhador assalariado). Nestes casos, as mulheres não recebiam salários ou retiradas de verba como ocorre por exemplo entre sócios. Ao contrário, estas mulheres assumiam uma posição de "auxiliares" de seus maridos, mas não com a conotação de assalariadas nem como sócias; havia uma mistura de papéis — ora esposas, sócias, ora auxiliares ficando, de certo modo indefinida a sua "identidade profissional". Inclui-se a isto também o fato de que estas mulheres mantinham concomitantemente a responsabilidade pelas tarefas específicas do lar. Com esta postura assumida por estas esposas, a questão do trabalho feminino na gravidez não chegou a gerar "conflitos" nos maridos. Estes, nos pareceram muito "à vontade" com esta questão, pois sentiam-se como responsáveis pela manutenção da família. Vejamos alguns relatos que mostram este aspecto :

Fernando : " (...) aqui a gente se sente bem à vontade. Eu não obrigo minha mulher a trabalhar. É uma opção dela, e eu até gosto que ela fique aqui na loja porque ela me ajuda muito (...) mas neste ponto aí da gravidez, este trabalho favorece muito porque ela não tem que estar trabalhando pros outros que talvez nem respeitassem a condição da gravidez. (...) eu não gostaria de ver minha mulher trabalhando em um emprego aí, e ela concorda. Aqui existe uma liberdade e ela pode também se dedicar em casa que é aqui do lado e.... só isto já vale à pena. Ela se sente bem assim e eu também". (sic)

Hugo : " (...) e aí, quando nos casamos ela deixou o banco onde trabalhava para vir trabalhar comigo. Aqui na firma, ficamos mais juntos, e ela vem por meio período (...) ela fica mais livre para cuidar da casa, fazer compras ... sempre foi assim, e agora com a gravidez, e futuramente depois que o nenê nascer, ela terá também mais tempo. Conversamos muito sobre isto, e achamos que assim é melhor pra nós". (sic)

Bernardo : "nós sempre trabalhamos juntos, desde antes de casar. Ela é uma boa artesã, mas prefere me ajudar nas vendas.... mostrar catálogos, vender, andar, tirar os pedidos(...) é que agora na gravidez, com estes riscos de aborto, ela se afastou e eu tive que assumir um monte de coisas, até alguns trabalhos na casa. (...) mesmo agora que não existe mais perigo, preferi que ela cuide mais da casa, nós já conversamos e eu consigo segurar as finanças, mesmo com um aperto porque agora vamos ter que pagar um vendedor, mas... eu acredito que dá. (...) temos conversado

sobre depois que o nenê nascer, se ela vai ou não voltar a trabalhar e não sei, mas acho que só é melhor quando ele estiver maiorzinho e ela sair para as vendas e eu fico com ele ensinando o ofício " (sic).

Netes casos, pudemos observar, que esta condição de trabalho feminino não muito bem definida em termos de "identidade profissional" assumida pelo casal era vista como natural; havia uma espécie de "cumplicidade" : os maridos sentiam-se bem como os principais responsáveis pela manutenção da família e as mulheres garantiam tanto a necessidade de serem protegidas, quanto o fato de também exercerem atividades não só domésticas.

Este aspecto também foi evidenciado no caso Marcos, quando este relata que a esposa deixou o trabalho numa escola onde lecionava para crianças pequenas. Marcos afirmara que tinha total condição de garantir o sustento da casa e que a esposa também não tinha um salário tão significativo, e também não era legalmente registrada, de modo que isto não justificava *"todo o sacrifício que fazia para ter um retorno muito pequeno"(sic)* . Relata ainda, que a esposa não estava tão satisfeita no trabalho, e a situação da gravidez foi um fator a mais que contribuiu para sua demissão.

Quanto a Damião, a questão do trabalho feminino também não era uma preocupação, já que a esposa não trabalhava fora, dedicando-se atualmente ao término dos estudos, embora expressasse seu desejo de trabalhar após a formatura.

Pudemos observar, em seus relatos e em suas expressões não verbais, que estes homens expressavam um reconhecimento pela necessidade do trabalho da mulher, porém com um certo "afastamento" da idéia de que elas pudessem ocupar um posição competitiva em relação a eles. Vejamos seus relatos :

Fernando : *" (...) não que eu acho que a mulher não tem que trabalhar. Mas é que não é necessário que trabalhe tanto, principalmente agora na gravidez, ela já é uma produção! (sorri). E também, esta é uma função, uma colaboração do marido -- que está esperando esta produção aparecer" (sic)*

Hugo : *" Acho que ela quer trabalhar, então, ela tem mesmo que trabalhar, faz bem, ajuda no aspecto financeiro, mas não com um esforço que prejudique o nenê.(...) Também, se a mulher não tem uma atividade, ela fica chata, começa a implicar com o marido....criar histórias ... tem que fazer alguma coisa " (sic).*

Bernardo : (...) *eu quero que ela volte a me ajudar nas vendas, porque trabalhar faz bem, ...faz bem pra cabeça. Mas acho melhor daqui um tempo, quando ele nascer e estiver maiorzinho*"(sic).

Marcos : "(...) *ela vai decidir se acha melhor voltar a trabalhar ou não, se ela achar que faz bem... eu acho que ela gosta de trabalhar com crianças; sei porque a diretora dela disse pra mim que ela é uma das melhores, mas por enquanto achamos melhor que não, ela só cuida da gravidez e das coisas necessárias pro parto e pra chegada do nosso filhote*" (sic).

O reconhecimento de que a mulher deve trabalhar fora, ou seja, exercer outras atividades além das tarefas domésticas, aparece no discurso destes maridos, contanto que estas não se excedam. Isto, por um lado mostra uma proteção dos maridos pelas esposas e pode estar representando também um aspecto reparatório (visualizaremos isto com mais proximidade a seguir, quando tratarmos especificamente da "provisão"). Por outro lado, também podemos pensar que existe um outro sentido implícito neste relato, o de que não se excedam em atividades de muito destaque, pois poderiam competir com eles, de modo que, é bem melhor que o trabalho feminino seja visto como aquele que : "faz bem para a cabeça"; "ela não fica chata e não cria fantasias ou implica com o marido". Este aspecto, que traz em si todo um componente sócio-cultural, o qual também é compactuado pelas mulheres (como já salientamos anteriormente sobre a conservação de traços burgueses na família moderna), pareceu-nos ganhar todo um "realce" agora, na situação da gravidez. E o relato de Fernando parece evidenciar bem isto, quando expressa que a gravidez já é uma produção.

Pode-se entender, que a gestação - neste momento, para estes pais, estava sendo sentida como uma produção que jamais poderia ser feita pelo homem, mas exclusivamente pela mulher. Havia, portanto, uma necessidade (competitividade) de também ser melhor em algum aspecto (também de caráter produtivo), representado pelo trabalho e pela conseqüente provisão.

• Pais Provedores

Quando examinamos a questão da provisão de cuidados à esposa em gestação, observamos novamente a ambivalência.

RASCOVSKY,(1973), SALAS,(1978) consideram igualmente, que o exercício paterno já se inicia na gestação, quando o marido é capaz de prover sua mulher grávida - emocionalmente e fisicamente (materialmente) de tal modo que consiga dar à ela uma tranquilidade e segurança necessária para o futuro trabalho de parto. Também, as atitudes do marido em relação à esposa neste período de gestação, contribuem para sua aceitação ou rejeição da própria gravidez (para a maneira como ela irá vivenciar as alterações em sua vida, entre estas, as do próprio corpo), MALDONADO (1985).

Entendemos com isto, que nestas atitudes e comportamentos do pai, está implícito também uma quantidade de carga afetiva, a qual pode revelar um certo grau de amadurecimento psicológico.

O provimento de cuidados às esposas em gestação foi um dado unânime entre os pais estudados, porém, cada qual com suas peculiaridades. Das mais variadas maneiras, encontramos uma dedicação, e a expressão de alguns cuidados destes pais como :

- cuidados com a alimentação : - alguns pais passaram a se preocupar em comprar alimentos com maior valor nutritivo do que habitualmente comiam. Também muitos deles relataram que gostavam de preparar, eles mesmos, o jantar ou o café da manhã para as esposas.

Por um lado, nossa percepção com relação a estes pais é que eles pareciam estar numa espécie de "lua de mel" com a situação da gravidez, e com um desejo de que as esposas permanecessem saudáveis, "inteiras", protegendo-as de todo e qualquer "dano". Vejamos alguns relatos :

Hugo : *"Eu não deixo que ela levante primeiro que eu de manhã cedo. Eu mesmo gosto de fazer o café, e faço também uma boa vitamina de leite com frutas para ela, afinal, ela precisa se alimentar bem! São dois agora" (sic)*

Ivan : *"Faço o café da manhã e levo na cama para ela. Sempre fiz isto, mas agora acho que reforço mais a comida (...) também não gosto que ela fique subindo e descendo a escada, e assim, depois de tudo pronto, ela só desce para sairmos para trabalhar" (sic).*

- cuidados com o bem-estar físico e emocional : - a preocupação em assegurar bem-estar às esposas grávidas surge nas mais

variadas formas de atitudes e comportamentos destes pais . Haviam os que se preocupavam em lavar e passar as roupas para que a mulher não se cansasse com estes afazeres; haviam os que se preocupavam em preparar refeições (como relatamos alguns acima); haviam os que selecionavam músicas mais suaves para que a mulher pudesse relaxar-se, ou escolhiam filmes mais românticos.

Cada qual à sua maneira, entendemos que estes pais tinham uma preocupação em garantir uma gravidez mais tranqüila às suas mulheres.

Dos 12 pais, um deles relatou que a esposa tinha uma gravidez mais preocupante nos primeiros três meses. Neste caso (Bernardo), a esposa fizera repouso constante nos primeiros meses, seguindo orientação médica, porque corria riscos de aborto, muito em função da idade (36 anos - e primigesta). [Este dado real também teve influências muito significativas para Bernardo em sua vivência paterna da gravidez, e pudemos observa-las ainda mais, na elaboração das histórias do T.A.T., com o aparecimento de muitas fantasias de morte, que segundo nossa interpretação, foram corroborados com o dado de realidade - já que quando nos contatamos, o casal estava em meados do quarto mes]. Neste caso, Bernardo mostrou-se extremamente preocupado, e nos três primeiros meses teve que assumir toda responsabilidade da casa, com auxílio de uma empregada doméstica.

Com esta exceção, os demais casos passavam por gravidez mais tranqüilas, tanto do ponto de vista físico como emocional. E nossa percepção, no contato com estes doze pais, é que existiam preocupações constantes no sentido de garantir às suas mulheres, e cada qual a seu modo, um certo bem-estar físico e emocional.

Estes comportamentos paternos (ou maritais) traz-nos às afirmações de A. RASKOVSKY (1973) e de E. SALAS (1978), que o exercício da paternidade inicia-se já no momento em que o homem pode oferecer à esposa gestante o provimento de sentimentos e emoções com tal sensibilidade que possa lhe assegurar a tranqüilidade para o futuro trabalho de parto.

Do ponto de vista dinâmico, estes comportamentos também podem nos levar a pensar numa tentativa reparatória, com o surgimento dos sentimentos de angústia e culpa pelas fantasias de ataque antes feitas à mãe, tal como descrito por Melanie Klein e reafirmado por Arminda Aberastury.

Como vimos anteriormente, na questão do trabalho feminino, surge a inveja da capacidade reprodutora da mulher, a qual deve ser compensada pela sua própria produção. Mas surge também o provimento de cuidados à mulher grávida -- um desejo também de protegê-la, de vê-la intacta. E neste momento, podemos lembrar as afirmações de SIMON(1986) que na ultrapassagem ao período passivo-feminino, com a introjeção de uma imago materna mais protetora do que persecutória, poderá propiciar que os desejos com o pai tenham uma outra dimensão - de modo tal que seu desejo de ter bebês com o pai passe a levá-lo a ver na mulher uma criança e irá tratá-la como se ele próprio fosse uma mãe generosa.

Deste modo, temos aqui novamente a ambivalência. E parece-nos que nestes pais, a relação com o objeto interno se exprime : em alguns momentos, com predominância de ataques destrutivos ao objeto, e em outros, com sentimentos de culpa e pesar por estes ataques, levando-os a movimentos reparatórios.

• *As Sintomáticas Paternas na Gravidez (acting out)*

As mudanças de comportamentos ou reações sintomáticas surgidas neste período de gestação, é um dado muito interessante. Os pais estudados manifestaram reações variadas frente à gestação da mulher. Traduzimos estes, tal como DELAISE DE PARSEVAL (1981), como "atuações" (acting out) paternos na gravidez.

Estas reações, vão desde um simples estado mais alterado do nível de ansiedade, até as alterações nos hábitos alimentares e alterações no sono. Surgem também, de forma bastante significativa, as alterações nas atividades sexuais.

Também é interessante relatarmos, que entre os 12 pais, 9 deles tiveram consciência de que tais alterações em função da gravidez; 3 deles não conseguiram fazer esta conexão por ocasião de nossos contatos (referem-se a Carlos, Fernando e Luis).

Quanto às reações observadas:

Alterações nos Hábitos Alimentares

Entre os pais estudados, André, João, Marcos e Geraldo relataram terem tido alterações alimentares. Alguns já bem no início da

gravidez da mulher e outros em fase mais adiantada. Passaram a comer mais que o habitual e reconheceram, de certo modo, que isto estava relacionado com a gravidez. Houveram também períodos em que a alteração inverteu-se para diminuição do apetite como relatam João e Geraldo - neste aspecto, parece-nos interessante observar, que a diminuição do apetite alimentar conjugava-se com um estado mais agitado, o qual parece acontecer muito mais a partir do segundo trimestre em diante - aspectos já destacados por alguns autores como MALDONADO (1985,1989), COLEY & JAMES (1976) - muito embora estes últimos se refiram aos comportamentos mais patológicos, salientam uma maior agitação, no homem, do meio para o final da gravidez da esposa. Entretanto, quanto às oscilações, não pudemos perceber as razões mais profundas, pois acreditamos, que tais circunstâncias só poderiam ser percebidas, em sua essência, com o acompanhamento terapêutico propriamente dito. Veja pontos de alguns de seus relatos :

Hugo : "(...) e estou comendo muito, principalmente coisa doce. Tenho engordado tanto que agora preciso entrar num regime (...) e minha mulher disse que estou comendo mais que ela. É, acho que como ela mesma diz, eu estou 'grávido' (sorri). Isto serve pra você pesquisar"(sic).

João : "(...) agora eu diminui a comida; às vezes nem tenho fome; tenho estado mais agitado, tenho muito trabalho e às vezes nem dá pra comer. Antes, foi logo no começo da gravidez, eu confesso que vinha comendo muito, ainda bem que eu não engordo, senão teria ficado enorme. Sabe, eu até acho que tem muito a ver com a gravidez. Não sei se é por preocupação... é... bem..., mas comigo não é assim, porque quando estou mais preocupado eu como menos. "(sic).

Marcos : "no começo (refere-se ao início da gravidez - 2o ao 4o. mês) comecei a comer mais. Sei que está relacionado com a gravidez. As pessoas falam isto. "(sic).

Alterações do Sono

Bernardo e Marcos relataram períodos de insônia e agitação noturna; André, Damião e Hugo relataram que no início da gravidez tinham uma necessidade de dormir mais do que antes.

Alterações do Estado de Ânimo

Luis, Fernando, Carlos, João, Bernardo relataram que tornaram-se mais ansiosos que antes, uma agitação maior no trabalho, como se tivessem que fazer tudo ao mesmo tempo. Entretanto, estes três primeiros acreditaram que isto se devia ao excesso de trabalho acumulado e, muito embora suas esposas tenham colocado que isto se devia a uma "reação da

gravidez", eles não concordaram, dando as mais variadas justificativas. Reconheceram que neste período ficaram mais preocupados com toda a situação da gravidez (se suas mulheres estavam bem ou não; queriam sempre lhes proporcionar conforto e bem estar, como vimos em "pais provedores") porém, não fizeram nenhuma relação entre agitação e "estado de pai".

Alterações das Atividades Sexuais

Estas alterações foram expressadas por diminuição da frequência das relações sexuais ou por abstinência.

A diminuição da frequência é relatada como: falta de vontade ou desejo de ter relações sexuais com a esposa (mas também não se referem a relações sexuais extra-conjugais, muito embora Luis tenha manifestado interesse por outra mulher) e por períodos de ereção insuficiente.

A abstinência sexual foi entendida por estes dois pais como sendo uma "opção" do casal, tendo partido dos maridos e prontamente aceito pelas esposas.

Bernardo relata que a abstinência começou por causa dos problemas no início da gravidez (riscos de aborto) e por isto ele resolveu não ter mais relações sexuais (mais especificamente a penetração), por precaução "*para não prejudicar o feto e a gestação*"(sic). Mais adiante, ele relata que o casal tem interações afetivas, as quais se resultam em carícias, mas não ocorre a penetração, e também não tem tido ereção suficiente, e também verbaliza : "*tenho muito medo de machucar o nenê e provocar o aborto*"(sic). Já no caso de Marcos, a abstinência sexual foi "optada" pelo casal por volta do 3o. mês, e ele afirma que esta era a melhor maneira de "*dar tranquilidade ao nenê e não machucar*"(sic).

Outros dois pais, Fernando e Carlos, admitem uma certa diminuição do interesse e relatam uma maior frequência de relações sexuais com a mulher de costas (embora com penetração vaginal). Nestes casos é interessante observarmos que existem as relações sexuais com a mulher de frente, mas de outro modo é "*mais confortável*"(sic), "*mais cômoda*"(sic), "*não tem perigo de machucar o nenê*"(sic), "*às vezes penso que posso machucá-la*"(sic).

Nos demais casos, os pais admitem uma diminuição da frequência das atividades sexuais e esta é relatada por todos como uma diminuição do interesse e associado a isto também admitem períodos de

ereção insuficiente. Mas é interessante o fato de que todos os pais referem-se a um receio de machucar o bebê.

Por estes relatos, observamos, que mesmo de formas variadas, as alterações das atividades sexuais (ereção insuficiente, falta de interesse, preferência pela relação sexual com a mulher de costas, ou a abstinência) surgem nestes pais dois pontos comuns:

Um, refere-se ao temor da penetração, acreditando poderem machucar o bebê. E um segundo é que as alterações surgem, ou ganham relevância a partir do segundo trimestre da gravidez, coincidindo com o aumento do volume abdominal na mulher.

Estes dados coincidem com alguns pontos dos achados de HARTMAN & NICOLAY (1966), LINDENBERG (1969), e mesmo com as observações de MALDONADO (1985) e SOIFER (1977) sobre as alterações das atividades sexuais na gravidez. Entre nossos sujeitos não apareceram condutas desviantes como as relatadas por Hartman & Nicolay. Entretanto, tal como entre os autores citados, estas reações são acentuadas com a gravidez mais adiantada, ou seja, a partir do aumento de volume abdominal na mulher, ou com o início de movimentos fetais.

Do ponto de vista da teoria Kleiniana, poderíamos aqui considerar que o *medo da penetração* -- já tão discutido pela ginecologia e obstetrícia, e argumentado por SOIFER (op.cit.), de modo algum é prejudicial ao bebê, mas envolve também crenças e tabus. Entretanto, podemos entender este medo como contendo as fantasias mais primitivas que rodeiam a trama edipiana. Nestas, o bebê pode estar representando objeto interno vingativo que ataca, devora, e pode ficar com seu pênis - (ABERASTURY, 1978). Do mesmo modo, este medo pode estar relacionado a pontos conflitivos em que a união parental não muito bem discriminada (figura parental combinada) sentida de modo muito hostil e muito prematuramente, podem resultar numa dificuldade com a mulher que é capaz de conter os objetos persecutórios dentro de seu corpo -- KLEIN (1932), ABERASTURY (1967, 1978), KNOBEL (1987), SIMON (1986). Acrescentamos ainda os dizeres de SIMON (op.cit.), que no homem, a inveja pelo peito materno dificulta a gratificação oral, cujo ódio e angústias se transferem para a vagina; a vagina se tornando objeto persecutório, serão inevitáveis as perturbações genitais entre elas, a ereção insuficiente ou falta de ereção.

As alterações de comportamento, que estamos chamando de "atuações (acting out) da paternidade, acontecem nos pais, como já citamos, das mais variadas formas, e com "teores qualitativos" diversos, ocorrendo inclusive, mais de um comportamento em um só pai. Isto nos remete à qualidade das vivências infantis de cada pai - na sua individualidade.

Na teoria Kleiniana encontramos os actings out também como uma defesa contra a inveja. O sujeito usa o Acting Out para não se dar conta de suas tendências destrutivas (entre elas, a inveja) e evitar a angústia persecutória ou depressiva.

Como citamos anteriormente, pelas pesquisas realizadas no campo antropológico social pode-se observar que são diversas as sociedades em que pais em gestação apresentam comportamentos diferenciados em função deste período. Estas alterações já são incorporadas culturalmente em forma de costumes, e adquiriram uma conotação ritualística, como por exemplo entre as tribos indígenas.

As interpretações dadas pelos pesquisadores desta área às manifestações desta natureza são as mais variadas, tanto que DELAISE DE PARSEVAL(1981) chama estes estudos de "balaio de gatos em etnologia". Em geral, as interpretações giram em torno do significado "mágico" baseado em suas crenças e por conseguinte, uma certa preocupação em proteger o bebê das influências nefastas.

Entretanto, R. Coelho (citado por esta mesma autora) reconhece, que além das crenças, há uma mobilização de sentimentos do pai em relação à esposa, e chama estes comportamentos de "Ritos de Passagem" de um período transicional.

Podemos pensar, por nossa compreensão psicológica, que nestas culturas, há uma "permissão" para as manifestações das emoções mobilizadas neste período, e que são "controladas" pelas crenças e valores de forma ritualizada, enquanto que na nossa cultura, tais emoções são "represadas" pela "não permissão".

Enquanto que no campo antropológico existe "um balaio de gatos", na nossa área, há uma maior dedicação aos estudos das psicopatologias paternas (manifestações psicóticas) neste período de gravidez/parto/pós parto. De modo que parece existir uma certa "negação" dos pesquisadores aos estudos no campo da "normalidade" paterna.

As manifestações dos sentimentos e emoções estão sem dúvida, relacionadas a uma dinâmica interna que irá variar de acordo com a

qualidade das vivências individuais, bem como do próprio casal, entretanto, os aspectos sócio-culturais também parecem ter um peso significativo. Isto porque, não admitir socialmente esta "vivência", não implica que ela não exista. Seria artificial isolar ou negar os conflitos do pai neste período em relação à mãe : ambos, pai e mãe, são mobilizados durante este período, e passam por uma "crise" neste momento - um momento onde podem ocorrer re-elaborações de situações primeiras (edípicas) de suas vidas, como cita KNOBEL (1987)[talvez, aqui tenhamos também nos defrontado com uma dinâmica semelhante à da adolescência, como um momento de "crise" na concepção eriksoniana tal como coloca BENEDEK(1959), e também a concepção de Síndrome da Adolescência Normal postulada por KNOBEL (1981).

Retomando novamente as interpretações de R. Coelho(citada acima) em que reconhece nas culturas tribais uma certa mobilização de sentimentos em relação à esposa, e, transpondo-as para os nossos casos, à luz de nosso referencial psicanalítico, poderíamos entender estes Acting Out como defesas contra a inveja da maternidade - da capacidade da mulher em conter e reproduzir.

De modo geral, ao visualizarmos a provisão de cuidados dos maridos para com as esposas grávidas, e o surgimento de alterações comportamentais ou reações sintomáticas paternas neste período, podemos pensar na mobilização de situações conflitivas primitivas que são defendidas por tais comportamentos. A tentativa reparatória (pelo ataque à mãe, e o medo do revide, e da conseqüente perda, do aniquilamento) mostra-se pelos cuidados com o objeto (mulher grávida); e a inveja do peito, da mulher reprodutora (também defendida pelas atuações - acting out). Observamos também, que estas alterações de comportamento a que estamos chamando de "atuações" (acting out) da paternidade, acontecem nos pais, como já citamos, das mais variadas formas, e com "teores qualitativos" diversos, ocorrendo inclusive, mais de um comportamento em um só pai. Isto nos remete novamente à qualidade das vivências infantis de cada pai - individualmente.

Terceira Parte

6.1.3. *No momento presente : os pais e o empreendimento da Tarefa Projetiva - T.A.T.*

De modo geral, pudemos observar, nestes sujeitos, uma “adequação” no empreendimento da tarefa projetiva.

Como descrevemos no Método, não adotamos um critério sistematizado de análise do T.A.T. Todavia, numa análise dinâmica, alguns critérios, ou aspectos básicos são sempre considerados em função de sua própria natureza dinâmica, e da possibilidade de percebermos a acessibilidade e flexibilidade do sujeito ao defrontar-se com estímulos de grande carga dramática como é o caso do Teste de Apercepção temática.

Assim, neste primeiro momento, pudemos observar esta adequação na tarefa projetiva pelo fato destes sujeitos terem mostrado:

1- Sucesso frente ao estímulo, não apresentando paralisações totais diante do choque causado pela prancha - estímulo que os impedisse de dar seguimento à tarefa - não apresentando portando, os “fracassos de reação”(comentaremos sobre o tempo de reação mais adiante).

Paralisações parciais foram observadas (imediatamente à apresentação do estímulo) porém, mostraram reações suficientemente boas diante deste impacto, dando prosseguimento à tarefa, conseguindo estruturações das histórias à contento, mostrando inclusive, em muitas das pranchas, construções ricas e bem estruturadas. Não tivemos narrativas absurdas ou vazias (infundadas).

2- Manutenção do Contexto Real - as figuras humanas não aparecem distorcidas (o reconhecimento de idade e sexo por exemplo, em pranchas, são perfeitamente claras e perceptíveis, e estes são mantidos). A construção das histórias não aparecem com imagens distanciadas, fato o que indicaria uma confusão da percepção cognitiva.

A Percepção de figuras humanas mostraram-se adequadas, produzindo respostas elaboradas, mais integradas, indicando boa

capacidade no processo de identificação (certamente que em algumas pranchas e em alguns sujeitos, surgiram algumas percepções delirantes, mas isto foi considerado em relação ao valor qualitativo da representação do estímulo para o sujeito naquele aspecto).

3- No contexto verbal, não surgiram empregos exagerados de respostas clichês - fórmulas verbais pré-fabricadas as quais evitam um envolvimento com a prancha, como aponta SILVA (op.cit). Não percebemos descomprometimento com a produção por parte dos sujeitos. Também não observamos o emprego de palavras inventadas (inexistente na língua portuguesa) ou estereotípias - repetição de fórmulas desprovidas de conteúdo.

Neste sentido, é importante destacar que estes sujeitos mostram em seu desenvolvimento do pensamento verbal, capacidade de simbolização e, portanto, uma capacidade perceptiva relativamente boa da realidade interna e externa - quando de construções de histórias mais elaboradas e linguagem verbal mais rica com aprofundamento na descrição (aspecto também presente nas entrevistas quando da descrição de suas vivências, apresentando riqueza de detalhes e perspicácia na análise de fatos).

Deste modo, o que consideramos nesta empreitada projetiva é principalmente o fato de que ela remete o indivíduo a uma situação conflitante, e para que ele consiga criar uma história, deverá entrar em contato com seus conteúdos internos, com suas representações inconscientes (primários desorganizados, não verbais, regidos pelo princípio do prazer), e ao mesmo tempo precisa transformar este material para atender à tarefa, tendo que organizar com lógica e seqüência, além de ter que manter a relação do conteúdo do discurso com o estímulo exposto (funcionamento do princípio da realidade).

Entre nossos sujeitos, a coerência destes elementos, indica uma adequação no empreendimento da tarefa projetiva. E, muito embora em determinadas pranchas, eles mostrem uma maior dificuldade na elaboração, aparecendo também algumas situações delirantes, eles conseguem se reorganizar, dando seqüência lógica ao discurso - aspectos que foram considerados na análise de modo individual.

Apresentamos a seguir, um quadro com uma síntese de aspectos manifestos das relações objetais - ou dados de superfície - surgidos no T.A.T. em todas as pranchas, nos 12 sujeitos.

No quadro a seguir, procuramos agrupar os elementos de análise e distribuí-los em três categorias, conforme nossa proposta de análise. Estas categorias são: 1) o Herói e os atributos que o envolvem na história; 2) Relações entre os personagens; 3) O contexto real - conforme é percebido pelo sujeito - suas características físicas (tipo de ambiente: interno, doméstico, externo) e emocional (ambiente neutro, escuro, sombrio, alegre, tranquilo).

Quadro II.

Síntese de Aspectos Manifestos das Relações Objetais Apresentados pelos 12 casos, T.A.T.

Pranchas	Atributos do Herói na história	Relação entre Personagens	Contexto Real (figuras, ambiente físico e emocional)
1	. menino só ante ao futuro	solitária, (melancólica)	. indefinido, sombrio, escuro
	. menino triste, com dúvidas	. solitária (com ambivalência)	. indefinido
	. menino esperançoso, com boas perspectivas frente ao futuro	. neutra	. indefinido (alegre)
	. menino submisso aos pais	. solitária, submissão ante a dominação (insegurança)	. familiar - (neutro)
	. garoto com dúvidas frente ao futuro (sobre o que quer e o que não quer ser)	. solitária (com ambivalência)	. neutro
	. menino reflexivo ante o querer ser músico (dúvidas)	. solitária (ambivalência).	. neutro
	. menino sem aptidão	solitária (melancólico)	. neutro
	. menino com dúvidas se segue a si ou ao pai	. ambivalência (submissão ou não, à autoridade)	. familiar (neutro)
2	. moça - educadora, professora, intelectual	. familiar (neutra)	. ambiente externo, campestre - neutro
	. moça - estudante, esforçada, inteligente	. amigável - neutra	. ambiente externo, campestre - agradável
	. moça intelectual com dúvidas - estudar ou ficar terra	. solitária, introspectiva (dúvidas : querer - não querer)	. ambiente externo, campestre - neutro
	. moça intelectual invejosa da humildade, da gravidez da mulher do campo	. causal (ciumenta/invejosa)	. ambiente externo, campestre, familiar, neutro
	. moça esperançosa, idealista	. causal/amigável	. ambiente externo, campestre - agradável

2	.moça bondosa, humilde com anseios de auxílio à família/ filhos aos projetos	. familiar (triangular, amorosa)	. ambiente externo, campestre, familiar - amoroso
	. moça com dúvidas entre estudo e trabalho na terra	. solitária, introspectiva. Ambivalência - entre razão e emoção	. ambiente externo, campestre - neutro
3H	. criança solitária, triste (com carência afetiva; com rejeição)	. familiar (com incerteza se é amado ou não pelos outros)	. indefinido, escuro / melancólico
	. criança solitária, introspectiva com dúvidas sobre seu futuro	. solitária (ambivalente) com indefinição ante o querer e amar e não amar nas relações	. indefinido, neutro
	. criança solitária, introspectiva, com ambivalência entre amar e odiar - família, pais	. familiar(ambivalente - indefinição entre amor e não amor)	. interno (quarto)
	. figura indefinida, andrógena	.solitária(neutra)-indefinição sobre si -quem sou em relação ao outro	. interno (indefinido)
	. figura indefinida, hostil	. causal- agressiva	.indefinido(sombrio)
	. criança magoada, punida, castigada	. familiar (ambivalente - amando e odiando)	. interno - casa (escuro)
	. criança vingativa	. familiar (hostil, agressiva)	. interno(quarto)
	. criança amedrontada, com expectativa e dúvida	.familiar (dúvidas/ambivalência)	. interno indefinido
	. menino inseguro ante estudar ou não	. solitária (ambivalente - razão x emoção)	. indefinido- neutro
	. criança decepcionada, magoada ante a punição paterna/materna	. familiar -ambivalente-dúvidas entre amar e ser punido	. interno (quarto) - escuro, sombrio
	. criança com dúvidas sobre sua masculinidade	. solitária (neutra)	. indefinido
4	. homem - conflitos entre a infertilidade e fertilidade	. familiar - conflitiva (ambivalente)	. indefinido - neutro
	. homem - com dúvidas sobre se vão ou não conseguir um bebê	. familiar conflitiva	. doméstico - neutro
	. homem - com raiva da mulher e quer partir	. familiar conflitiva (hostil)	. doméstico - neutro
	.homem - confuso sobre suas emoções (amar e odiar)	. familiar conflitiva (amor e ódio - ambivalente)	. interno, doméstico-confuso
	. homem-com medo da agressividade frente à mulher, preferindo retirar-se	. familiar conflitiva (amor e ódio - ambivalente)	. doméstico - neutro
	. homem- com medo de não conseguir seu objetivo(fecundar) é confortado pela mulher	. familiar (raiva e ódio)	. indefinido
	. homem - poderoso por sua virilidade	. familiar - amorosa, idealizada	. doméstico- neutro

4	. homem - ciumento	. familiar (ciumenta, invejosa)	. indefinido
	. homem - ciumento, traído	. familiar - triangular (ciumenta, invejosa)	. indefinido
	. homem - frente ao insucesso quer retirar-se	. familiar (depressiva)	. doméstico, interno-neutro
	. homem - confuso diante do trabalho - querer não querer	. familiar (ambivalente)	. doméstico neutro
	. homem - com temores em não ter sucesso na vida	. familiar (depressiva)	. doméstico neutro
6RH	. homem - filho, viril	. familiar - incestuosa/ciumenta	. doméstico
	. homem - filho viril, sedutor	. familiar - triangular incestuosa	. indefinido - ambíguo
	. homem - filho rebelde	. familiar - conflitiva, agressiva	. indefinido - tenso
	. homem - filho que se desentende com pais	. familiar - triangular (conflitiva, agressiva)	. doméstico - tenso
	. homem - filho carinhoso, afetuoso	. familiar - afetuosa	. doméstico - alegre
	. homem - filho indeciso quanto ao casamento/paternidade	. familiar - ambivalente	. doméstico - neutro
	. homem - corajoso perante os pais	. familiar - conflitiva	. doméstico - neutro
	. homem - filho amoroso, inteligente	. familiar - triangular (afetuosa, idealizada)	. doméstico - agradável, calmo, amistoso
	. homem - filho triste, abandonado	. familiar	. doméstico - amistoso
	. homem - filho bondoso, reparador	. familiar - afetuosa	. doméstico - amistoso, tranquilo
	. homem - filho afetuoso, amoroso	. familiar - triangular (afetuosa)	. doméstico - amistoso, tranquilo
	. homem - filho bondoso/corajoso	. familiar - triangular (afetuosa)	. doméstico - amistoso
	. homem - filho temeroso, inseguro	. familiar - busca de afeto (insegurança)	. doméstico - ambíguo
	. homem - filho - confidente, amoroso	. familiar - afetuosa	. indefinido - tranquilo
	. homem - filho - confidente, inseguro	. familiar - conflitiva - depressiva	. indefinido - neutro
7RH	. homem - pai orientador/bom/ poderoso	. familiar - amigável, afetuosa	. doméstico - tranquilo
	. homem - pai severo, punidor	. familiar - conflitiva, ambivalente	. indefinido - tenso
	. homem - pai confidente, orientador	. familiar - amigável, afetuosa	. doméstico - tranquilo
	. homem - pai amigo que divide problemas	. familiar - amigável	. doméstico - tranquilo
	. homem - filho orientado pelo pai	. familiar - triangular (afetuosa)	. indefinido - tranquilo

	. homem- filho problemático diante do pai que orienta	. familiar - ambivalente, agressiva e afetuosa	. indefinido - ambiguo, escuro
	. homem - filho inseguro	. familiar - neutra	. doméstico - neutro
	. homem - filho inexperiente	. familiar - amistosa	. indefinido - neutro
8RH	. adolescente marginal, agressivo, irrecuperável	. familiar agressiva (morte e abandono)	. interno, escuro, agressivo, hostil
	. adolescente hostil, rebelde	. familiar agressiva	. interno, indefinido, (agressivo)
	. adolescente ousado, prepotente, inteligente e capaz	. casual (neutra)	. interno, indefinido (neutro)
	. menino/homem - indefinido sobre futuro	. solitária (neutra)	. indefinido - neutro
	. menino - medroso diante da agressão	. casual (agressivo)	. interno, indefinido (hostil)
	. rapaz - confuso diante da cirurgia (destrutiva ou construtiva)	. casual (tensa, agressiva)	. interno, hospital (tenso)
	. rapaz recordando cena de acidente - agressivo	. casual (tenso)	. doméstico Interno (cabana campestre), tenso
	. rapaz na dúvida sobre o futuro - como médico	. casual (tenso)	. interno (hospital), tenso.
	. rapaz que questiona a morte, o abandono, a agressividade. Tensão diante da morte, agressividade	. casual (tenso)	. interno (indefinido)
11	. narrador (homem) - em meio a um pesadelo/sonho. Tenta matar animal perigoso, mas reprime	. personagem único em meio a animais temerosos , quer a eliminação do perigo, mas teme-o	. indefinido, tenso
	. narrador (homem)- num mundo desconhecido, sente- se perdido e deseja sair	. personagem único, com medo do desconhecido que percebe como desorganizador	. indefinido, desorganizado, tenso
	. narrador (homem) -na idade da pedra observa, expulsa o mundo selvagem mas teme adentrá-lo	. personagem único, observa mas fica de fora da situação, temendo-a	. (externo selva), agressivo, bruto - sem lapidação
	. narrador (homem) - na floresta, observa a agressividade dos animais	. personagem único, observa mas fica de fora da situação, temendo-a	. agressivo- externo (selva)
11	. homem - sentindo temor do desconhecido, em sonho, questiona seus horrores	. personagem único - com temores do desconhecido. Não aceita passivamente, questionando-os	. indefinido, temeroso - hostil
	. narrador(homem) - pensa sobre o céu e o inferno. Questiona o bem e o mal	. personagem único - questiona a ambivalência	. indefinido, fantástico - nuances entre tensão e bem estar
	. homem - corajoso, cavaleiro que irá enfrentar os perigos do desconhecido	. personagem único - quer colocar sua força e coragem à prova	. externo (campo), mas fantasioso - tenso

	. homem -que reflete sobre a vida - o bem e o mal	. personagem único - questiona e reflete sobre a ambivalência	. indefinido - nuances entre tensão e bem-estar
12H	. pai - no leito do filho moribundo	. familiar (de perda, depressão e melancolia)	. doméstico - fúnebre
	. pai - chora a perda do filho e abençoa	. familiar (de perda)	. doméstico - fúnebre, escuro
	. rapaz que se sujeita à hipnose para livrar-se dos males	. casual (submissão para sanar seus conflitos)	. interno, indefinido, neutro
	. pai que pede a deus que não morra o filho	. familiar (perda)	. doméstico - fúnebre
	. padre - que abençoa homem insano/possesso	. casual (apaziguando a agressividade da insanidade)	. indefinido, neutro
	. padre - que dá a extremunção ao homem desconhecido	. casual (perda)	. interno, fúnebre
13HF	. homem - encontra mulher morta, entra em desespero	. familiar (perda)	. doméstico (fúnebre, escuro)
	. homem - bateu na mulher e sente arrependido	. familiar (agressividade e culpa)	. doméstico (agressivo, tenso)
	. homem - encontra mulher morta - sente por não ter pedido perdão, sente por não ter um filho	. familiar (perda e culpa)	. doméstico (ambíguo)
	. homem - chora pela mulher doente	. familiar (melancólica)	. doméstico (escuro, triste, sombrio)
	. homem - sente-se mal diante da não realização sexual	. familiar (tenso)	. doméstico (tenso)
16	. narrador - busca realização no futuro - sexual, financeira, afetiva	sem incorporação de personagens	indefinido - neutro e futurista
	. narrador - busca de futuro idealizado - ausência de hostilidade, agressividade, igual	. personagens destituídas de inveja, hostilidade	. indefinido - neutro
	. narrador -busca de futuro idealizado e estabilidade familiar	. personagens destituídas de hostilidade e afetuosas	. externo campestre, agradável ou indefinido e agradável

No quadro acima, pode-se observar que nem sempre aparecem 12 características para cada prancha. Isto porque algumas mensagens foram aglutinadas, dado à similaridade (ou aproximação do conteúdo trazido); também em outras aparecem mais de 12 características devido a existência de mais de uma mensagem ou atributo ao herói por um só sujeito.

Os três itens observados destes conteúdos de superfície no T.A.T., indicam uma adequação na elaboração das histórias (ainda que apareçam as mais variadas figuras de identificação com os personagens - já que isto depende do individual de cada sujeito). As identificações feitas do sujeito com o Herói = personagem central por eles apontados, são analisadas segundo as características de personalidade atribuídas ao personagem, as relações estabelecidas com os outros personagens (quando existem nas pranchas); ou também quando sugeridas pelo sujeito, como por exemplo na prancha 1 : *"O menino está refletindo sobre seu futuro, e pensa que poderá ser um músico tão bom quanto seu pai"*. O pai não aparece como personagem na prancha, mas é trazido pelo sujeito na elaboração da história de forma adequada (numa conexão harmônica com sua narrativa).

Como pudemos observar, aspectos negativos como por exemplo - distorções delirantes em relação ao estímulo apresentado, identificação com herói morto, com figuras estilizadas (seres irreais/inanimados) ou com Deus e o demônio, com figuras andrógenas despersonalizadas, não foram observados. Embora apareçam algumas distorções delirantes em alguns sujeitos e em algumas pranchas, isto é analisado em relação ao valor qualitativo - o significado que teve a estimulação apresentada para o sujeito, e o conteúdo latente que ela traz. Isoladamente estas não comprometeram o empreendimento da tarefa como um todo.

O contexto Real foi percebido com adequação (embora sempre consideramos suas variações) dentro daquilo que a prancha oferece, ou seja, foram percepções adequadas considerando-se o todo. No contexto real - aparecem ambientes externos, ou internos (em ambiente fechado), ambiente doméstico (quando referem-se a casa, habitação), e muitas vezes o ambiente não é definido na narrativa. Também verificamos as atribuições emocionais neste ambiente, se elas aparecem adequadamente na narrativa.

De modo geral, quanto a estes três aspectos analisados, neste momento inicial da análise do T.A.T., consideramos uma adequação no empreendimento projetivo, desde uma visão global, dinâmica.

Quanto ao tempo de reação (inicial e total) do sujeito frente ao estímulo apresentado, fizemos uma avaliação agrupada em termos da média obtida por cada sujeito em relação ao total de pranchas (quadro III).

Muito embora não haja um "tempo de reação ideal" demarcado, existe, com relação ao tempo de reação inicial, uma faixa que se situa entre

5 a 25 segundos, segundo alguns autores como SILVA (op.cit.); mesmo assim, é necessário que se tenha uma compreensão total da prova, como por exemplo : - um tempo de latência muito curto indica que o indivíduo se lança na situação (mas se a história é bem estruturada, pode indicar uma vivacidade, e capacidade de adaptação; ao contrário, se a estruturação é confusa, pode indicar uma certa impulsividade, já que o sujeito não conseguiu articular suas idéias antes de verbalizá-las); e um tempo de latência longo indica que o sujeito se contém (mas se a narrativa apresentar-se bem construída, articulada, tem indícios de um controle sobre a ansiedade; ao contrário, a confusão com pausas e hesitações mostram uma dificuldade de controle sobre a ansiedade, havendo inibição e presença de muitas defesas).

Com relação ao tempo total, também não existe uma média pré-estabelecida, existe um ritmo individual e este é sentido ao examinarmos a extensão e a construção da história. Entretanto, alguns autores citam que o tempo muito longo e confusão no relato, é comum em pacientes psicóticos FRANÇA e SILVA(1984), e pacientes orgânicos,SILVA(1989)

Quadro III

Médias de Tempo de Reação Inicial e Tempo de Reação Total Obtidas por cada sujeito no T.A.T.

sujeitos	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M
tempo reação												
T. reação inicial	5	4	3	6	3	3	5	6	6	7	7	6
T. reação total	11	13	8	9	7	7	10	13	10	15	13	12

Há variações tanto entre os sujeitos, quanto em relação à cada estímulo apresentado ao mesmo sujeito - dependendo então do impacto causado em cada um, de acordo com suas próprias características pessoais. Entretanto, não aparecem estagnações (paralisações) frente ao estímulo com incapacidade de construção das histórias (certamente que em determinadas

pranchas, aparecem a confusão como forma defensiva primitiva, dado à natureza do conteúdo conflitivo despertado e isto é considerado em nossa análise; entretanto, ao considerarmos a capacidade do indivíduo de se reorganizar e fazer a construção de cada história e de passar pela prova total - das 11 pranchas, podemos dizer que houve uma adequação no empreendimento da tarefa projetiva).

Estes aspectos, de certa maneira também são dados que dizem respeito ao grau de ajustamento do sujeito frente à situação atual.

Com relação a este "ajustamento" do sujeito frente às situações vitais, é importante lembrarmos, que os 12 pais estudados se dispuseram voluntariamente a participar do trabalho, continuaram no processo até o final (durante todo um mês ou mais), e estabeleceram conosco uma relação afetiva que nos proporcionou todo andamento do trabalho. Tal situação já mostra um certo grau de ajustamento, de uma disponibilidade em falar sobre si mesmos, sobre seus sentimentos mais íntimos, e sobre suas relações pessoais, não demonstrando um grau de persecutoriedade pela situação da pesquisa que os fizesse abandonar o processo.

Por outro lado, também lembramos, (como relatamos no método) que 05 cinco sujeitos, após encaminhados e contactados conosco, não compareceram, mesmo sendo procurados depois e 02 casos deixam o processo antes mesmo da aplicação do instrumento projetivo (sendo estes dois pais que vivenciavam relações familiares conflitivas). Percebemos assim, que estes pais não conseguiram passar pelo processo, já que teriam que se defrontar com conflitos que não suportariam entrar em contato.

De certa maneira, estes pais que permaneceram conosco neste processo, já por esta razão demonstraram certa condição adaptativa.

6.1.4 Algumas Peculiaridades do Mundo Interno

Muito embora, no decorrer do trabalho já tenhamos falando do mundo interno, queremos fazer aqui, algumas considerações mais específicas, as quais são em grande parte, visualizadas através do T.A.T.

6.1.4.1 O sistema Tensional Dominante

Como já temos observado ao longo deste estudo, a maneira com que o indivíduo lida com os acontecimentos vitais é derivada das suas relações objetais mais precoces. O manejo frente aos estímulos, às situações que ora se apresentam em sua vida, traduzirão a força do sistema tensional dominante. Deste modo, temos interpretado este dinamismo interno a partir : da percepção que os indivíduos têm da situação presente (que é a própria vivência da gestação: trazida à nós através das situações de entrevistas e das próprias pranchas - estímulo na situação do T.A.T.) e das expectativas inconscientes: os desejos, os temores que surgirão como consequência, e das defesas mobilizadas ante à situação fantasiada.

Apresentamos a seguir uma síntese dos resultados agrupados destes aspectos latentes, no T.A.T. feitas após a análise dos dados de superfície. Entretanto fizemos um agrupamento mais sintetizado e global, a partir das principais fantasias que surgiram de forma mais significativa nestes 12 pais.

Quadro IV
Agrupamento de Aspectos do Sistema Tensional Dominante
apresentados nos 12 casos no T.A.T.

DESEJOS	MEDOS	DEFESAS
. de conhecer o desconhecido . de conhecer e adentrar no interior do objeto . de tomar para si os conteúdos do interior do objeto . de atacar e destruir o interior do objeto (perigoso) . de reproduzir e engendrar como a mulher (mãe) . de união com o pai . de ser forte e viril para penetrar e fecundar . de união com a mãe . de eliminar o pai (atacar e destruir) . de ser como o pai (de possuir o que ele possui) . de restaurar o que ele mesmo acredita ter danificado . de reproduzir e criar . de dependência infantil . de maior integração	. do desconhecido (do inconsciente e da loucura) . do interior do objeto que pode ser perigoso . da punição Materno/Paterno . da castração primitiva (do seu lado horroroso "não masculino") . da punição materno/paterno . da punição materno/paterno (massgenitores aliados) . medo do pênis paterno, castrador-incorporado . de surgir a impotência . de ser castrado na penetração . da punição paterna pelo desejo da mãe (castração paterna) . da morte do abandono . do medo de ser eliminado . do igualmente pela culpa . do medo de ser eliminado pelo filho . da castração . de sua própria hostilidade e sadismo-(do que há de terrível dentro de si) . de não ter recursos suficientes para reparar . de sua impotência (seu não masculino) surgir . do que pode ocorrer da despersonalização, da loucura	. Regressão (N) . Identificação Projetiva(A) . Identificação Projetiva com a mãe (A) . Identificação Projetiva com o pai (A) . Identificação Projetiva Maciça (P) . Formação Reativa(A) . Controle(A) . Deslocamento (N) . Repressão (N) . Sublimação (N) . Idealização (P) . Negação (P) . Controle Onipotente (P)

(A) defesas mais adaptativas/ (P) defesas mais primitivas/ (N)defesas mais neuróticas
- segundo G.Piccolo (1989)

As relações inconscientemente desejadas (que representam as relações fantasiadas com o objeto - na medida em que as necessidades mais precoces foram ou não satisfatórias), as situações temidas (que são representantes da gama de sentimentos ameaçadores de grande carga ansiosa - surgidos destes mesmos desejos fantasiados) e os recursos defensivos que o indivíduo dispõe, (segundo dados quadro II), são visualizados nestes doze pais das mais variadas formas.

Estas formas, ou maneiras com que constroem as situações fantasiadas, são, sem dúvida muito particulares. Fizemos um agrupamento segundo a nossa interpretação de cada caso em particular e extraímos delas a "essência" do que estava demonstrado nas fantasias e consideramos também a repetição delas nos casos.

Sabemos, que estas relações mais precoces não são de todo satisfeitas (ou totalmente elaboradas) nos indivíduos humanos, de modo que, em cada etapa de crescimento/desenvolvimento, existirão oportunidades de re-elaboração (conceito de crise).

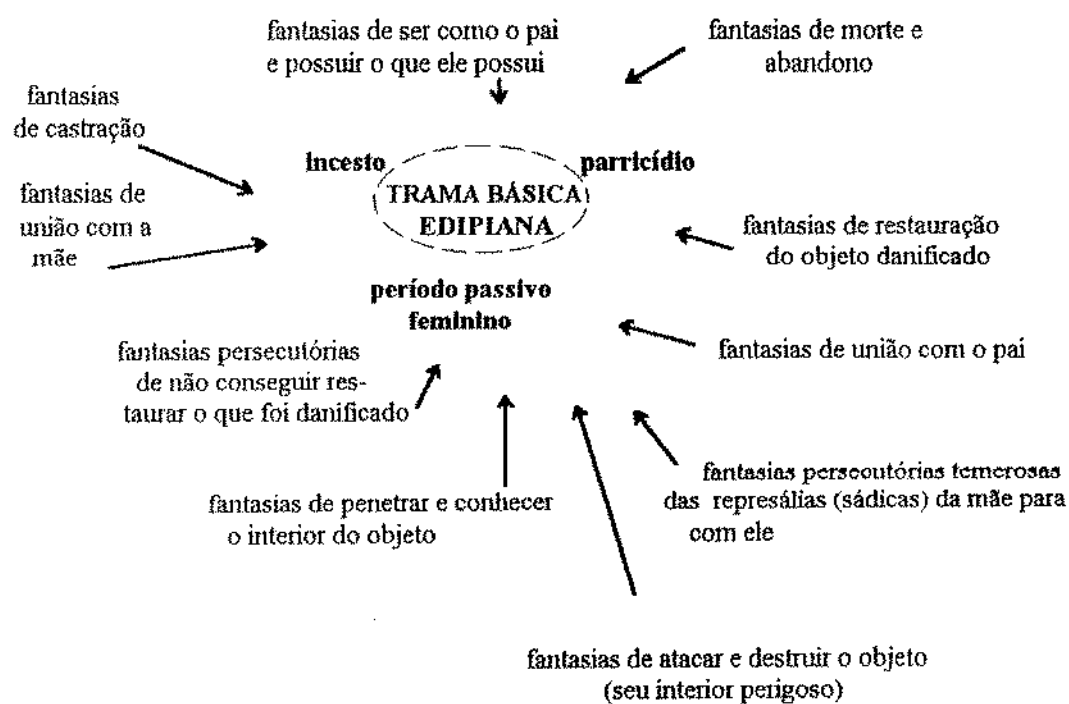
E, considerando que a situação de gestação de um filho é uma destas etapas, é que através destes 12 sujeitos, encontramos, em um primeiro plano, um ponto comum. Este ponto comum é justamente a mobilização - de fantasias (em geral defensivas) e que giram em torno de polos conflituais (traduzidos pelos desejos em confronto com os medos). Os polos conflituais, que são apresentados através das mais variadas formas de construção fantasmática também revelam-nos outros pontos comuns: remete-nos à visualização de aspectos do mundo interno aqui transparecidos como típicos da situação edipiana.

Estes polos conflituais que remontam à situação edipiana, e que são apresentados das mais variadas formas, demonstram, que em cada pai a construção da fantasia depende de sua própria personalidade - de suas vivências, de sua vida pessoal com seus recursos internos) e com os mais variados "valores" (em termos de qualidade destas vivências precoces). Em outras palavras, as fantasias ora revelam situações mais primitivas, ora mais evoluídas (dentro da trama edípica) e com um grau de intensidade (carga ansiosa) que irá variar de sujeito para sujeito. Entretanto, surgem em todos os 12 sujeitos.

A nossa percepção desta mobilização, pode ser esquematizada da seguinte forma:

FIGURA 1

Esquemática Simbólica das Fantasias em torno da Trama Edipiana



A mobilização de situações conflitivas (polos conflituais) referentes à situação edipiana (esquema fig. 1)- onde visualiza-se fantasias primitivas ou mais adaptativas (pulsões pre-genitais e genitais) nos leva às afirmações de KNOBEL (1987) de que com o nascimento de cada filho ou de cada neto, há uma possibilidade de re-elaboração da situação dramática básica, já que conflitos são reativados, e a re-elaboração dependerá da dinâmica, e da força do sistema tensional dominante de cada pai: da intensidade dos desejos e temores, e de suas articulações com os esforços defensivos empreendidos pelo ego neste momento atual.

À primeira vista, quando observamos estas fantasias - girando em torno de pólos conflituais, com cargas de raiva/ódio/inveja, poderíamos pensar em "distúrbios do desenvolvimento sexual" devido às fortes repercussões destas primeiras situações ansiógenas sobre o desenvolvimento sexual do menino (agora pai).

Entretanto, temos que observar ainda, a quantidade e a qualidade dos recursos defensivos utilizados por estes pais. Em nossos contatos, pudemos observar atitudes, disposições comportamentais e a capacidade destes sujeitos diante das "tarefas" empreendidas durante este período. Estas "tarefas", que seriam traduzidas pela própria disposição para falar e expor sobre o sua própria vida, sobre sua intimidade, bem como o enfrentamento da tarefa projetiva (como já abordamos anteriormente) - mostram uma certa capacidade do sujeito em poder entrar em sua intimidade, defrontar-se com seus aspectos mais íntimos e retornar à realidade presente - podemos aqui lembrar BION (1967) e também A. FREUD (1965) quando utiliza-se de um modelo espiral em que o desenvolvimento implica em regressões temporárias para atingir progressões seguintes.

Com relação à realização da prova projetiva, podemos lembrar PICCOLO (1989), que diz que a tarefa projetiva leva o sujeito à uma aproximação com uma criação ou recriação de um objeto - uma tarefa reparatória. Neste nosso estudo, entendemos que a prova projetiva, ao ser realizada a contento pode já mostrar uma certa capacidade de sublimação e reparação (as quais estão indissoluvelmente unidas). Ainda segundo esta autora, o grau desta capacidade pode ser observado na atitude depressiva adaptativa - visualizada pela preocupação com a introspecção, autocrítica, valorização - aspectos observados nestes pais.

Assim, a mobilização de aspectos primitivos que representam também pontos conflitivos no desenvolvimento mais precoce, são perfeitamente

possíveis, porém, não podemos considerá-los como próprios da "personalidade patológica"

. Considerações sobre algumas defesas

Na ilustração destas fantasias (seja na criação da narrativa - TAT, ou em passagens das entrevistas), procuramos observar a construção e explorar os recursos defensivos utilizados pelos sujeitos. Muito embora, como já citamos, estas situações são particulares, apenas por questão didática, - distribuimos em : a) defesas mais evoluídas (adaptativas e neuróticas) e b) defesas mais primitivas (psicóticas), segundo PICCOLO (op.cit.)

Nestes pais estudados, podemos observar o surgimento de defesas primitivas e mais adaptativas e neuróticas em diferentes situações (fato que novamente chama à atenção para questão da individualidade de cada pai - da qualidade de suas vivências mais precoces).

Ao apresentarmos a situação fantasiada, que traz o componente desejado inconscientemente, as consequências temidas, e a modalidade defensiva, não estamos nos preocupando com "rótulos", mas sim com a compreensão do processo dinâmico vincular de que fazem parte. Para tal, ainda seguimos as considerações de PICCOLO (op.cit.) que salienta : a) qual a defesa; b) que características configurativas ela apresenta (plasticidade, rigidez), o que também revela uma maior ou menor evolução, ainda que a defesa seja típica de etapa mais primitiva do desenvolvimento.

Identificação Projetiva - as I.P. são marcadas pela quantidade de sadismo, e correspondem à fixação/regressão em etapas primitivas do desenvolvimento, onde certamente já existiram características patológicas. Na teoria kleiniana, a I.P. é típica da posição esquizoparanóide, funcionando de um modo em que as partes projetadas não sofrem alterações, criando assim uma linha demarcatória.

Não observamos, no âmbito geral das "tarefas" realizadas pelos pais, uma constância, no sentido de empreitadas com excessivo sadismo, excessiva inveja, a ponto de alterar em demasia a evolução, com identificações projetivas caracterizadas com extrema violência e desintegração total do objeto como nos

quadros psicóticos, que segundo BION (1967) mostra-se em aspectos dissociados e fragmentados projetados no objeto, desintegrando-o em partes mínimas, já que a inveja, a hostilidade e a angústia são muito intensas (objetos bizarros).

Observamos, que as I.P. surgem em função da inveja, da hostilidade, porém não chegam a criar uma situação extremamente persecutória, a ponto de o ego reagir, diante do estímulo, com a despersonalização.

De modo geral, é observado que as Identificações Projetivas aparecem em certas situações que certamente remontam a períodos muito conflitivos do desenvolvimento. Mas, seguindo a orientação de PICCOLO (op.cit.), vemos que há um certo predomínio do ego em utilizá-las como meio de manter o controle daquilo que fora depositado.

Podemos observar em alguns casos :

1o) Carlos : T.A.T - Prancha 4

"Estes parecem ser os pais do garoto do castigo (refere-se à história da prancha anterior). O pai não gostou do que o garoto fez. Mexeu no canivete que era do pai e isto é muito perigoso. Mas o pai está muito bravo... ele está fusilando de raiva, e quer repreender... acho que vai bater no garoto. E a mãe está segurando o pai e lhe dizendo para ter mais calma, paciência com o filho (é necessário que se dê educação e não é só através de punição). A mãe deseja isto, ela é mais ponderada" (sic).

inquerito : "acho que ele vai acabar cedendo. Com o pedido da mãe ele vai acabar por conversar com o garoto e vai dizer que ele poderia ter se machucado muito".

A narrativa desta história mostra, além de outros aspectos, um **desejo** de controlar a situação (uma vez que ele já mexeu no pênis), mas também aparece o **medo** de que a agressão não seja controlada (de que ele seja destruído). Faz então uma Identificação Projetiva com a mãe, e através desta identificação, tenta controlar, apaziguar a agressão. [vemos também nesta narrativa, como é difícil para Carlos ver dois -- o casal mãe - pai, é por isso que coloca o garoto na história, mesmo não existindo esta personagem na prancha].

2o) Carlos - T.A.T. Prancha 1

" Hum...

Este parece comigo quando era garoto. Eu tinha uma foto assim..... só que eu tinha um livro e não um violino...hum, eu...., o garoto está pensando em como vai ser seu futuro - se tem aptidão para a música, e também está pensando se vai ou não, se é isto que ele quer ou não. Digo isto pela posição dele na foto; o garoto tem as mãos na

cabeça. Acho que é isto aí, o garoto está pensando sobre seu futuro, sobre sua aptidão para a música e ele quer ser um Beethoven"(sic)

Frente à este estímulo, Carlos faz uma Identificação Projetiva maciça a princípio, faz uma pausa para tentar organizar-se (manter o controle) e continua como que : se não soubesse de si, se tem ou não "aptidão", se terá um futuro próspero ou não; e depois idealiza ser um Beethoven. Ao mesmo tempo que deseja o controle, teme em perdê-lo.

3o) André - T.A.T. -Prancha 1

"Bem... vejamosUm menino com um violino . Deixe-me verEste quadro me lembra uma fantasia de infância. Eu gostaria de ter aprendido a tocar um instrumento. Mas eu não tenho aptidão (...) (sic)".

Neste caso também vemos a Identificação Projetiva maciça do sujeito com o estímulo apresentado.

Idealização - a idealização defende o ego de ansiedades persecutórias, afasta o objeto bom da perseguição para torná-lo invulnerável. A intensidade da idealização está diretamente relacionada à intensidade da perseguição frente ao objeto; é uma defesa que resulta de ansiedades persecutórias (medo de ser atacado e destruído pelo objeto) . Por outro lado, a Idealização é precursora do objeto bom. Mas seu excesso trava a relação com o objeto real. Entretanto, certa quantidade se mantém na vida adulta (como os ideais de vida) PICCOLO (op.cit.).

Podemos observá-la :

1o) Carlos - Prancha 1 (como já citamos acima)

" (...) o garoto está pensando em como vai ser o seu futuro - se tem aptidão para música e também está pensando se vai ou não, se é isto que ele quer ou não. Digo isto pela posição dele na foto, o garoto tem as mãos na cabeça. Acho que é isto aí, o garoto está pensando sobre seu futuro, sobre a sua aptidão para a música e ele quer ser um Beethoven"(sic).

A idealização surge diante do temor em não conseguir o que deseja (e ser atacado) e aparece como um ideal (ser alguém importante, notado, admirado).

2o) Hugo Prancha 1

"O menino está pensando. Ele está olhando para o violino e... ele está triste também. Ele está imaginando o seu futuro. Pretende ser um violinista, acho que quer ser um grande violinista, e ele tem condições é só querer"(...) (sic)

Aqui a idealização também surge como ideal de vida. Embora duvide disto, crê que tem condições.

3o) Marcos - prancha 4

" (...) este casal, ...ele é um grande cara. É um atleta famoso, pratica judô, e é bem sucedido na vida. O casal é satisfeito, mas tiveram uma briga, um desentendimento porque ele tem um campeonato e não pode dispensar tanta atenção à ela. Ela sente ciúmes. Ele está nervoso e quer sair um pouco, está preocupado com sua profissão, com sua carreira, afinal, ele tem todo um preparo físico e uma disposição que o coloca numa posição superior a outros atletas, e ela deve compreender (...) " (sic).

A idealização é expressada aqui, no tipo de construção do personagem escolhido. A ênfase na força, na indestrutibilidade - com uma aparência defensiva frente ao medo da fraqueza e de dúvidas sobre sua potência/virilidade.

Negação e Controle Onipotente - respondem à impotência do ego frente aos impulsos destrutivos que foram projetados no objeto. Durante a posição depressiva, a negação e o controle onipotente fazem parte das defesas maníacas frente à perseguição e à dor. A negação se propõe negar tanto a destruição do objeto quanto os sentimentos de dor. Está ligado à fantasia de controlar o objeto, negando o medo da separação e da dependência, favorecendo as fantasias de reparação onipotente do objeto, PICCOLO(op.cit.).

1o) Carlos - Prancha 13HF

"Parece que a mulher morreu.... Bom,... Ele levantou-se da cama, trocou de roupa para trabalhar e viu a mulher morta. E, o que fazer..."

Este devia ser uma casal feliz; um casal tranquilo, davam-se bem entre eles e com as pessoas, com todos. Entendiam-se bem com a família, com os vizinhos . Um casal perfeito. E ela, ela era uma excelente mulher, muito admirada em seu trabalho, e em casa era muito produtiva.

Eles são sem filhos. Ela teve uma parada cardíaca, acho.. Ele está perdido..... não sei se agora vai querer voltar para casa depois do trabalho....tudo lembra ela"(sic)

inquérito - " acho que o coitado terá que viver de lembranças boas , senão ele também morrerá (...) " (sic).

Observamos que, ele elimina a mulher, mas não suporta as fantasias de morte e de destruição feitas por ele (negando), e tenta enaltecer a figura feminina de maneira onipotente durante toda narrativa, dando também um desfecho que novamente procura excluir a dor (viver de lembranças boas).

Defesas de Controle Obsessivo

Entre as defesas de controle obsessivo, é importante diferenciar, ainda segundo PICCOLO (op.cit.), o controle onipotente (defesas obsessivas patológicas - psicóticas) do controle obsessivo adaptativo.

O dano ao objeto e a dor de tê-lo atacado (destruído), inerentes à situação depressiva, trazem a inibição e o controle da agressão. O controle visa preservar o objeto da própria agressão e o ego do sofrimento. No início da posição depressiva o objeto ainda não pode ser reparado (ódio ainda grande); o dano não será negado maníacamente (o ego já conseguiu perceber o dano). Surge então a possibilidade de proteção e cuidado do objeto contra novos ataques : controlar o vínculo hostil com o objeto antes dissociado.

Na evolução normal, os mecanismos anal retentivos atuam modificando os mecanismos prévios anal expulsivos - de identificação projetiva excessiva. O "reter, "conter" os impulsos e os sentimentos, permitem o estabelecimento de limites do ego (e discriminação dentro-fora), favorecendo a noção de juízo da realidade.

Formação Reativa - mantém a dissociação entre o vínculo de amor e o agressivo estabelecidos com o objeto. Apesar da bivalência, corresponde aos ganhos da posição depressiva. Supõe uma preocupação pelo dano causado e o medo de não poder reparar.

1o) João- Prancha 3 RH-

"Parece que este não é um lugar comum. A cama parece de cimento. Parece que ... é um hospício ou uma prisão. A pessoa - a moça está descontrolada. Ela não aparenta ser louca...parece que está meio...não sei, acho que não revoltada, mas sim angustiada com algo... Bom, num quarto de hospício, parece que está lá porque a colocaram lá, mas ela não é louca.

Aqui no chão tem algo que não sei o que é, talvez um osso ou uma arma. E parece que ela está fazendo uma prece. Quer se refugiar em algo que justifique que ela não é louca.

Pelas roupas parece que não é pobre. Está também transmitindo uma pena. É um quadro triste. Não sei se ela quer que sintam pena dela, mas dá para sentir"

A narrativa nesta lâmina mostra o desejo da dependência infantil (de ser cuidado), juntado com o desejo de maior integração. Segue-se então um temor da loucura, da perda de controle, de ser abandonado. O conteúdo defensivo surge como repressão e formação reativa.

Observa-se então, o reforço dos limites modificando os mecanismos expulsivos de ataque, mas estão subjacentes as ansiedades persecutórias (medo de enlouquecer, desorganizar, de ser desorganizado) relacionados com a fantasia (medrosa) de assumir a agressão dissociada (parte da ambivalência).

2o) Carlos - Prancha 3RH

"Ah! Este aqui está de castigo! Homem ou mulher!?"

Bom, os pais o colocaram de castigo e agora ele está sofrendo. Acho que ele transgrediu, não obedeceu alguma coisa e por isso a pena..... Ah! ele mexeu em algo cortante, aqui está, do lado dele, olha só. E agora.... acho que ele está magoado, triste mas está pensando : - Não devo fazer isto de novo.

INQUER. Sobre este algo errado - "Ah! acho que ele pode ter feito ...Pode ser que ele pegou o canivete do pai, pois o pai não gosta que mexa nisto, é perigoso, cortante. A mãe ficou brava e coloca-o no castigo. O pai vai chegar e querer saber também".

Sobre o que vai ocorrer após isto - "O pai vai chegar e pode punir também. E o garoto certamente irá reconhecer que errou, ele não quer magoar o pai e nem a mãe, isto foi uma falha de criança". (sic)

Observa-se na narrativa o desejo de ser como o pai, de possuir as coisas do pai, seguindo de um medo primitivo de castração e, em meio à confusão, surge também a formação reativa como defesa, numa necessidade de reforçar o vínculo amoroso, controlando o vínculo hostil na relação ambivalente.

Repressão - está relacionado em parte com a negação (responde à fantasia de não necessitar conhecer algum aspecto do objeto - se não o conheço não existe). Supõe uma dissociação mais evoluídas - pois ele é possível como resultado de uma elaboração da posição depressiva.

1o) João - Prancha 1

"Este é um menino com um instrumento, um violino, e ele está triste e pensativo. Ele está pensando sobre seu desejo de tocar...deseja ser músico. Mas está triste porque o instrumento pertenceu a alguém muito querido, ao pai ou à mãe, não sei bem. É a tristeza, esta saudade, e por causa da perda deste alguém querido, de quem ele amava tanto (...)"(sic)

Esta parte da narrativa mostra o desejo da dependência infantil (olhando para o futuro sente tristeza, saudade do que já viveu), com medo da

perda (aniquilamento), da fragmentação do ego. Usa da repressão para conter, para controlar (reprime porque está triste).

Como mecanismo mais adaptativo, marca a possibilidade de clivagem entre as fantasias e entre a vida consciente e inconsciente, embora não seja uma divisão rígida, mas com condições de permitir que o ego tenha uma conexão com fantasias ou recordações funcionalmente reprimidas.

Deslocamento - o perigo e a persecutoriedade atribuídas ao objeto externo odiado são transferidas (deslocadas) para outros objetos externos que passam a ser temidos e evitados. Implica também numa dissociação entre o vínculo agressivo e o amoroso.

1o) Damião - Prancha 8RH

"O rapaz, após ter conversado com o pai sobre a possibilidade de fazer medicina, e, pensativo, vem à sua mente uma lembrança de umas férias na fazenda, quando um empregado machucou-se muito quando o barco virou pelo ataque de jacarés; foi horrível. Os amigos cuidaram dele e tiveram sucesso apesar das condições do local - improvisaram tudo num palheiro, com lamparina e tudo, usaram o que dispunham, limparam os ferimentos, esterelizaram, e tiveram êxito. Creio que a recordação traz dúvidas sobre seus estudos, mas mostra-lhe como deve proceder".

Faz a dissociação dos conteúdos bons e maus, deslocando a situação persecutória (jacarés que machucam) para outra pessoa, onde ele fica como expectador. Tenta também limpar os machucados (danos ao objeto) tentativa de reparação (porque traz dúvidas sobre o estudo - não sabe se pode ou não com os horrores).

Sublimação - pressupõe a renúncia a um fim instintivo, ou a um objeto, e ao mesmo tempo uma revivência da renúncia ao seio.

1o) Geraldo - Prancha 7RH

"Hum estes deixe-me ver

Um homem mais velho ,talvez o pai sim, o pai e o filho. O mais moço é esperançoso, embora esteja preocupado, talvez porque tenha dúvidas sobre o futuro.

O mais velho pensa no futuro do filho, quer tudo de bom para ele , claro que quer a seu modo - o pai quer a estabilidade profissional do filho. Os dois querem a mesma coisa, porisso conversam .

Antes eles eram mais amigos....bem eles ainda são, sempre foram muito próximos, mas agora é diferente. Acho que antes o pai mimava mais o filho, fazia seus gostos. Agora, existe amor, mais é diferente, o filho cresceu e o mundo exige dele mais e mais. Exige -se no trabalho, no estudo, e um possível casamento que virátambém exigirá.

Eles estão juntos, pode-se ver pela gravura; mas estão ...ambos mais velhos. O jovem deseja alcançar seu espaço, e sabe que haverá mudanças : ser profissional, ser

marido e possivelmente pai. E, este parece ser o exato momento em que o jovem diz ao pai que as coisas se repetem. E o pai lhe diz que isto é natural, é da vida humana.

Acho que este é uma cena, um momento na vida destas duas pessoas. Eu chamo-o de 'Transformação'.

Aparece na narrativa um desejo de dependência infantil, mas com capacidade de crescimento. A identificação com a figura do pai o possibilita isto, de modo que, ele deseja o que o pai tem - pênis, a mãe, -revela quando diz. *"Ambos querem a mesma coisa"(sic)*, mas num nível mais evoluído. Faz uma discriminação entre interno e externo, mostrando melhor alcance genital. Tem capacidade de criar, produzir (formar família)- [Jovem esperançoso], mas também oscila, tem temores em fracassar e por isso a dependência infantil [jovem preocupado].

Como podemos observar neste item sobre algumas das defesas , segundo nossa percepção de análise, elas variam de muito primitivas até mais adaptativas e neuróticas (pela classificação de Piccolo)

As oscilações ocorridas no emprego das defesas certamente dependem da construção e da finalidade da fantasia: a oposição entre o que se deseja e o que se teme como consequência. E isto é, certamente, muito particular em cada pai, como o é em cada sujeito humano.

Entretanto, é importante salientar, que em geral, as defesas adaptativas e neuróticas predominam sobre as primitivas - psicóticas, mostrando que, embora o sujeito faça regressões, elas são temporárias. Embora surja grande angústia, isto é o que ABERASTURY (1978) coloca sobre a paternidade, a qual pode ser mais ou menos difícil de enfrentar, mas nunca é fácil.

Nesta oscilação entre os aspectos mais primitivos e mais evoluídos, pode-se notar que surge, em determinados momentos, um predomínio de ataques destrutivos ao objeto - ante ao surgimento de sentimentos de ansiedade confusional - persecutórios, e o ego recorre às defesas mais primitivas, levando o sujeito a regredir no tipo de relação estabelecida com o objeto.

Nestes momentos em que predominam a ansiedade confusional, são evidenciados ataques sádicos ao objeto (superego primitivo), e aparecem também grande angústia e culpa persecutória. Na procura de alívio, aparecem outras defesas, também primitivas, como a identificação projetiva maciça e o controle onipotente do objeto.

Nestas situações, observa-se que há todo um enfraquecimento do ego e acentua-se a atuação do superego primitivo. Ocasões estas em que pode-se pensar na percepção da relação edipiana como - figura parental combinada. Pode-se pensar em pontos conflitivos de período muito primitivo em que as pulsões pré-genitais estão presentes - a inveja, o ódio aparecendo como consequência da frustração oral que desperta na criança (agora pai em regressão), os prazeres dos seus pais em verdadeira "copulação oral". A mãe (identificada agora com a esposa) que a criança (agora pai) deseja, dá-lhe pouco. A frustração, a inveja, que contém impulsos violentos também são componentes da construção de fantasias primitivas de penetrar no corpo da mãe e roubar o que ela retém (inveja -- roubo de Laio) - ABERASTURY (1967, 1978); KLEIN (1932).

Neste ponto, poder-se-ia pensar em uma vivência invertida do Édipo. Porém, entendemos isto como "momentos regressivos", pois na produção projetiva como um todo, não prevalecem os impulsos destrutivos fazendo com que o ego utilize-se somente, ou maciçamente das defesas primitivas, e não existe uma verdadeira fixação no primitivismo - como uma fixação oral do pênis paterno - KLEIN (1928, 1932), SIMON (1986).

Em alguns momentos, com a ansiedade confusional, com um enfraquecimento da capacidade egóica, o ego ainda procura utilizar-se de defesas mais adaptativas, como as de controle obsessivo. Já em outros momentos, aparecem controles egóicos mais maduros e existem movimentos reparatórios e possibilidade de crescimento. A capacidade de entrar em depressão e diminuição da onipotência das defesas também surge em momentos variados, e isto revela uma melhor capacidade de integração egóica - surgindo defesas neuróticas como o deslocamento, a repressão e a sublimação, mostrando portanto, capacidade de estabelecer relações positivas - (nestas ocasiões, nas histórias, foi comum o surgimento de idealizações do pai que adquirem características de homem bom, poderoso - desejando possuir o que ele possui. São as Identificações com aspectos positivos - superego bom).

Nestas situações, pôde-se notar a capacidade depressiva na construção de narrativas bem elaboradas, e fora da tarefa projetiva, pode-se observá-la na capacidade de expressão (ainda que de modos variados) nos contatos destes homens com as esposas - em momentos mais sublimes, como aqueles em que podiam sentir o bebê (momentos em que narravam-nos sobre como podiam sentir o filho - ou passando solução oleosa na região abdominal da mulher, ou quando acariciavam a mulher e seu ventre...etc.).

Por estes momentos, entendemos que estes pais podiam sentir o filho também como um "produto" deles, ainda que este estivesse no ventre da mulher.

6.1.4.2 *Considerações sobre algumas emoções básicas*

Os sentimentos/emoções que iremos abordar em seguida estão relacionados à inveja e à gratidão [impotência, amor, ciúme]. E, muito embora os sentimentos possam estar entrelaçados, queremos observar situações em que alguns deles surgem com mais clareza neste período vivenciado pelo homem.

Sobre a Inveja

Na teoria kleiniana, a inveja é uma emoção primária, de base constitucional, que nasce com o ser humano, e também modifica as concepções das posições esquizo-paranóide e depressiva, bem como traz modificações às relações objetais do complexo de Édipo e na conseqüente vida posterior.

Notamos que a inveja se faz presente em todo este processo, e já nos referimos a ela na maior parte dos dados discutidos anteriormente. Nossa intenção em separar e dar destaque a estas emoções básicas é apenas para referenciá-las como pontos fundamentais na compreensão da psicodinâmica paterna, já que tanto os pontos conflitivos quanto as elaborações são acompanhadas destas emoções.

a- Inveja nas Histórias do T.A.T.

Podemos observar com clareza, o aparecimento da inveja da capacidade feminina de gestar no T.A.T. :

Bernardo - prancha 2

"Dificuldades tenho dificuldades para contar algo Bom, esta é uma cena no campo. Mulher com os livros, é a dona da fazenda. A fazendeirona. Ela está olhando os outros no trabalho, o colono e sua mulher o mulher do colono parece estar grávida. Ela está com inveja da mulher do colono que está lá....."

Pensativa esta dona fazendeira. Ela gostaria de trocar de lugar com a outra, com a empregada, que tem menos posição que ela, menos dinheiro, é humilde, mas tem um marido trabalhador e vai ter um bebê dele. Esta dona pode estar dando as costas para a felicidade conjugal.... É uma cena antiga, pela aparência das pessoas....Bom vou chamar esta de 'Olhando o alheio'. "(sic)

INQUER. - "Ela estava com o saco cheio de ficar em casa, ela não tem namorado porque vive longe nesta fazenda e saiu um pouco.

Agora acho que ela tentará ser mais amiga da mulher do colono e aprender mais com esta empregada." (sic)

Nesta narrativa já podemos observar a inveja em toda sua plenitude. O sujeito faz uma identificação projetiva maciça com a moça (invejosa) que tem o poder, mas não pode engendrar. A única saída que tem, não é destruir a empregada, mais sim aprender com ela - entender com se pode fazer isto, como ela consegue engendrar e amar o marido trabalhador. A inveja de ambos como casal também é observada (o casal em coito e em plenos gozos, que podem trazer bebês).

João - Prancha 4

"Parece que está querendo sair uma briga. Aqui parece que a mulher ou amante está tentado controlar o homem para que ele não avance em outra pessoa. Lá no fundo tem outra pessoa, uma outra mulher, de pernas cruzadas.....e.....é, parece que é uma boite (uma casa noturna) ...ou....hum!.... uma casa de prostituição. E a mulher está tentando controlá-lo. Não dá para saber se ela é a namorada, mulher dele, ou se ela é umaprostituta da casa. Ela não aparenta não. Mas a outra do fundo sim, esta está mais à vontade - está na espreita para ver se a briga surge ou não, mas também está meio assustada.

No fundo também tem algo escrito, mas não dá pra ler, para definir.... É uma confusão.

Mas ele não quer entrar também mais lá, e ela fala com ele. Ele agora acho que quer ir embora e quer brigar, está confuso e ela o segura. Ela consegue segurá-lo, ela pode fazer isto com seu jeito de ser. Ele, tem raiva, está confuso e tem até medo.

INQUER. - Ele vai embora e não vai entrar. Seria muito pior. Acho que alguém fez uma discussão, não sei porque e ele ia brigar, ia bater e ia apanhar muito também. Ele precisa ir para acalmar-se. Não sei realmente se ela é mulher ou amante, se é a namorada dele que encontrou lá no prostíbulo e então está com raiva..... Fica indefinido."(sic)

O conteúdo desta narrativa mostra a confusão e uma cisão - mulher(mãe), mulher(amante). E na narrativa também fica a dúvida : se vão brigar ou não; e se não brigarem fica o lado bom (lado meigo - mãe), se brigarem fica o lado hostil (lado agressivo/sádico - mulher - amante).

Aparece também na narrativa, um delírio (onde o sujeito vê outra mulher de pernas cruzadas) que na prancha estímulo é uma gravura na parede. Então, novamente há a cisão ; mãe e prostituta. De modo que ele se vê numa confusão entre as duas mulheres (a que é mãe e a que é prostituta).

A mulher pode segurá-lo "pode conter com seu jeito de ser" - sendo amante ou sendo mãe, ela pode conter (pode conter quantos homens quiser iguais a ele), pois pode conter bebês.

Ele tem raiva e medo - não vai entrar porque dentro tem objetos(bebês) que estão dentro, que podem ser bons ou vingativos - tem medo desde desconhecido.

Assim, além de fazer a cisão entre a mãe e a prostituta, também aparece a confusão (contra a inveja). A base da confusão está na falha da clivagem primária entre o bom e o mau objeto, ficando confuso quanto às qualidades dos objetos substitutos (mulheres boas ou más) não é necessário invejá-lo, já que são de qualidade duvidosa.

Carlos - Prancha 16

"Vou chamar este de : 'Igualdade para todos'.

O branco representa a paz, a ausência de de maldade. Sem inveja, seríamos todos amigos, principalmente as crianças, indefesas O branco é a ausência de discriminação racial, que todos desejamossim esta igualdade homens e mulheres, negros e brancos .

Na guerra há discriminação Lembrei-me de Hitler agora, com todas as barbaridades que fez : a discriminação entre as pessoas, as experiências biológicas, aquelas mulheres e homens judeus....que horrível, isto é cruel.

Acho que este quadro é a ausência disto tudo. Ele é a paz e a igualdade"(sic)

Na narrativa surge o desejo de igualdade - Homens e mulheres, sem "inveja" (homens e mulheres podendo ambos gerar e reproduzir, sem preconceitos). Projeta a necessidade de controle para a mulher-Hitler (indiscriminação entre sexos , mulher com pênis e com bebês) que interfere na fecundidade, na reprodução. E se esta mulher for controlada, controla-se a inveja e as fantasias de morte também (crianças indefesas, sem morte). Este controle pode favorecer uma tranqüilidade quanto ao sentimento de inveja da mulher - do seu poder de reprodução.

Podemos fazer uma conexão também entre Inveja e Culpa na teoria kleiniana. Lembramos que a culpa só pode ser sentida quando o ego mais inteiro se relaciona com o objeto completo e reconhece o dano causado no objeto amado, sendo então perturbado por este objeto superegóico atacado. E, se a culpa é sentida prematuramente, por um ego ainda incapaz de suportá-la, ela é vivenciada então como persecutória (objeto que provoca culpa, provoca perseguição). De modo que, estes conflitos primitivos vão mostrar uma

dificuldade na angústia persecutória ou na angústia depressiva, porque ambas se confundem.

b- a Inveja no Relato Verbal

No contexto das entrevistas, também pode ser muito bem observado o conteúdo invejoso latente :

Na entrevista com Carlos, quando abordamos a questão dos sentimentos e reações em relação à gravidez, as possíveis mudanças no comportamento, Carlos diz à princípio, que na sua vida "nada havia mudado", pelo menos que ele pudesse relacionar com a situação atual e em seguida justifica-se : *"Claro, estou mais preocupado, mais ansioso agora porque tenho mais responsabilidades que antes, mas acho que não há nada de extraordinário nisto(...) estou mais ansioso, preciso resolver as coisas mais rápido , acho que nisto estou diferente, embora sempre fui meio agitado..... aumentou um pouco, mas sou o mesmo"(sic)*. Neste ponto podemos observar a necessidade de manter o controle - que é uma das características de Carlos. E ele continua ..*"minha esposa e eu estamos bem, acho que paramos um pouco de sair tanto à noite para nossos passeios - (barzinhos, cinema), por causa da gravidez, e estamos mais caseiros. Nossa relação afetiva, o amor tudo é como antes..... acho que....bem, as relações sexuais diminuíram um pouco a frequência, mas é por causa da gravidez, os cuidados que a gente tem que ter, neste período a gente tem que dar mais afeto, carinho, e também tem que ter cuidado com o nenê na barriga (...) minha mulher está como antes, tão bonita quanto.....não...ela está mais bonita....e se você a ver de costas, vai notar que o corpo dela está perfeito, torneado como antes, nada mudou nela"(sic)*.

Neste relato observa-se o desejo de controlar a todo instante as suas reações, sensações, temores despertados pela gravidez. Necessidade de controlar mudanças em sua vida (mudança implica em perda) . Necessidade de controlar sua agressividade (tendo que dar mais carinho e afeto e menos interações sexuais - que podem agredir o bebê, e, claro, ser agredido de volta), e controlar sua agressividade para não machucar o bebê, não matá-lo (este bebê intruso- e invejado- que entrou em sua vida para "mudá-la"), mas não suportaria a perda e a culpa.

Por outro lado, quando se refere ao corpo torneado da mulher de costas, nega a barriga - o bebê e a própria capacidade da mulher de conter.

Durante a entrevista com Luis, quando falava sobre sua vida cotidiana, ele relata que gosta muito de chegar em casa (agora depois do 4o. mês da gravidez) quando a barriga realmente já está maior, e passar solução oleosa em toda região abdominal da esposa. Diz que estes momentos dão-lhe a

oportunidade de se aproximar muito dela e do filho, dizendo que são momentos inesquecíveis. E, durante esta conversa, logo após esta fala, recorda-se que havia sentido atração por outra mulher e precisava muito falar sobre isto agora e diz : - *"esta garota trabalha comigo há anos, e eu nunca havia notado o corpo dela; e isto foi há um tempo atrás, uns dois meses mais ou menos. Não cheguei a ter nada com ela, mas senti atraído, afinal ela é realmente escultural o corpo dela é perfeito. Fiquei meio assim 'vidrado' nela, e isto durou quase um mês, eu nem conseguia trabalhar direito; um colega chamou minha atenção, eu não fazia as coisas direito. Sabe, homem quando fica apaixonado, fica bobo. Mas, minha esposa não sabe nada, eu não contei apesar de que agente não tem segredos, mas isto não, não quero magoá-la. Ela percebeu que eu estava meio distante dela, uma falta de atração sexual, e ela disse que era por causa da gravidez.....coitada, mal sabe....., mas ela não merece isto(...) bom, aí a coisa passou, eu desencanei e tentei me aproximar mais da M. (esposa) e com mais carinho. Acho que voltei ao normal"(sic).*

Pode-se observar que Luis lembra-se da atração por outra mulher logo após ter se referido à barriga (o carinho que dispensa passando óleo no abdômem da mulher grávida). A barriga que já havia despontado, traz a persecutoriedade no pai (também porque não sabe se dentro tem bebês amorosos ou vingativos), procurando assim uma mulher com um corpo escultural, (uma que não tem bebês), pois também esta sem bebês não se necessita invejar. Notamos também que neste período, em que a inveja estava atuando sobretudo, houve uma queda na sua produção (na sua capacidade de criar, de produzir) - e sobre isto podemos lembrar SIMON (1986) que ao se referir à inveja na teoria, cita que a inveja da criatividade materna(de produzir bebês) perturba o processo criativo; a figura superegógica sobre a qual essa inveja é projetada fica muito persecutória e interfere no processo de pensar, e esta é uma situação em que a projeção em vez de ser dirigida para fora é dirigida para dentro (objeto interno) constituindo-se um superego invejoso.

Mas a culpa o traz de volta, e podemos pensar que a necessidade de contactar com a barriga quando passa-lhe solução oleosa, é uma forma de reparar o dano antes causado ao objeto bom.

. Sobre a Impotência

Referimos à impotência anteriormente quando tratamos especificamente das reações sintomáticas nos pais. Retomamos agora a noção de impotência como uma emoção básica e relacionada com a inveja.

O sentimento de impotência é uma consequência da inveja. SIMON (1986) ao se referir a esta emoção básica na teoria kleiniana, afirma que, a

inveja pelo peito liga-se ao desenvolvimento do ciúme, que é baseado na rivalidade com o pai, acusado de ter ficado com o peito e com a mãe. Esse ciúme caracteriza os estágios primitivos do Complexo de Édipo - que como vimos, surge com a posição depressiva.

No homem, a forte inveja pelo peito materno dificulta a gratificação oral, cujo ódio e angústias, se transferem para a vagina. Quando a vagina se torna objeto persecutório, são inevitáveis as perturbações da potência genital : como ereção insuficiente, falta de ereção, ou mesmo ejaculação precoce (aspectos que nos referimos anteriormente em "sintomáticas paternas na gravidez").

o sentimento de Impotência no T.A.T.

Marcos - Prancha 13 HF

'Frustração' - "É uma típica cena de falta de realização sexual. São namorados, pode-se notar pela cama de solteiro. Ele foi até a casa dela após terem saído para dançar, e tudo estava bem. Mas parece que ele não a satisfaz sexualmente. Acho que foi rápido..... não, ele não conseguiu e agora se sente mal com isto. Veste-se para ir embora. Parece que no momento é ruim a sensação para ambos, principalmente para ele, tão macho... mas creio que ele estava cansado pelo excesso de trabalho e isto se resolve na segunda vez" (sic).

Nesta narrativa, a qual Marcos deu nome de "Frustração", mostra claramente a angústia de não ter conseguido ter uma relação sexual completa (penetração), ferindo principalmente sua masculinidade/virilidade - fazendo uma identificação projetiva maciça com o estímulo.

A seguir, apresentamos também na mesma prancha (13 HF) outra narrativa, em que podemos observar a dificuldade do sujeito em chegar a narrar aquilo que queria, que o estímulo lhe provocou de fato :

João - Prancha 13 HF

"Um quarto de solteiro. É a casa da moça. Será que aconteceu uma briga e ele bateu nela? Não sei se são irmãos..... porque no quarto tem abajour, mesa Acho que são amantes. Se eles são amantes não tiveram relação sexual porque estão com roupas. Mas ela está angustiada e ele também, porque aconteceu algo ou melhor, não aconteceu algo que eles queriam que acontecesse e estão frustrados, e ela.... ela não está desmaiada, ela está frustrada".

INQUER. *"É típico. É um casal casado. Eles partiram para a relação sexual e não deu certo. Ambos ficam pensando o que fizeram de errado para não dar certo. Acho que não sei, fica em aberto "* (sic) (refere-se ao desfecho final).

Nota-se, por esta narrativa, a sua dificuldade em chegar ao ponto da impotência sexual, e mesmo no final da narrativa não consegue expressar a decepção pela insatisfação. E mesmo com o inquérito, notamos que não finaliza, deixando o final em aberto, com muitos temores em relação à sua própria impotência.

. Sobre o Ciúme

O ciúme também é um derivado da inveja , mas também relaciona-se com o amor. Ao examinar este conceito kleiniano, SIMON (1986) cita que o ciúme, embora sendo baseado na inveja, envolve relações amorosas (pelo menos com 2 pessoas) . Relaciona-se principalmente ao amor que o sujeito sente como seu e que lhe foi tirado pelo rival.

A situação ciumenta irá surgir em função da instalação edipiana, onde o pai aparece como rival.

A fantasia ciumenta (incestuosa) aparece por exemplo :

André - Prancha 6RH

"Parece que tudo aqui tem relação com família. (refere-se às pranchas vistas até agora).

Aqui temos um filho que é reprimido pela mãe, por alguma coisa que fez. Talvez tenha chegado tarde em casa e é apenas coisa de mãe que se preocupa com assalto, roubo.etc. Mas este é o lado dele, de jovem que está aproveitando a vida.Mas também..... acho que é isto, ele está dizendo que vai casar porque engravidou a moça e a mãe dele, com ciúme....e talvez porque ele é seu filho único, é orfão de pai. Mas ele diz à mãe que se sente na obrigação de casar, pois ele é responsável e sério e que também gosta da outra (da moça).

A decepção da mãe é grande. Mas ele vai sair, e a mãe vai chorar muito..... e aí, as coisas vão se engatinhando, devagar, e eles vão se aproximando. Ela vai aceitar a idéia, e vai mimar a criança e será tudo bem. Porque se não houver aceitação, há a separação. Mas neste caso, eles vão se aproximando. Sempre se tem problemas de aceitação com nora, mas vai dar certo.

INQUER. - *Porque a decepção da mãe é grande ? - " porque ele é filho único e não tem pai. A mãe teme em ficar sozinha e perdê-lo para outra mulher (a nora) que não sabe quem é."*(sic)

Nome da história - *"O filho que irá se casar"*

A narrativa mostra uma fantasia de "provocação" de ciúme na mãe, numa tentativa de seduzí-la, exibindo-lhe o pênis viril, capaz de engendrar uma mulher (como a mãe). A situação revela a tentativa de sedução materna, a fim de triunfar sobre o pai rival, que lhe provocara ciúme (o qual ele elimina).

. Sobre o Amor

A capacidade de amar é inata, vinda do instinto de vida. O amor implica na construção segura do bom objeto, KLEIN (1960). E o bebê que tem forte capacidade de amar e pode sentir gratidão, tem profunda relação com o bom objeto e suporta temporariamente a inveja, o ódio e o ressentimento quando o objeto se ausenta.

Quando as emoções hostis se acalmam com o retorno do peito, o bebê sente que recuperou o bom objeto e, como diz SIMON (1986) isto alicerça o ego.

Este aspecto também é muito bem argumentado por BION (1967) quando fala do surgimento do "aparelho para pensar", onde a capacidade do bebê suporta a angústia da frustração pela expectativa de um seio ausente - desenvolve um "aparelho para pensá-lo"- surgindo assim a capacidade de pensar, criar.

A gratidão, para a teoria kleiniana, é um dos maiores derivados da capacidade de amar. Como cita SIMON (op.cit.), quanto mais gratificantes e freqüentes as experiências com o peito, maior a satisfação e a gratidão, influenciando na capacidade para fazer reparações e sublimações. Isto porque as relações amorosas com o objeto consolidam sua instalação no mundo interno como "o bom objeto" e sua identificação com ele. Quando o ego, por qualquer razão, ataca o bom objeto, sente-se com forças para repará-lo, e o próprio objeto atacado sendo bom (bom superego) suporta os ataques sem se tornar mau e até colabora com o ego na tarefa reparatória. Pelas mesmas razões, o ego, aliado ao superego, pode modificar sua destrutividade e reparar, sublimando.

Emanuel - Prancha 2

"A moça é uma professora designada a dar aulas numa escola de roça. Esta é sua chegada, ela observa Aquelas pessoas sofridas pelo trabalho bruto. O homem trabalha duro, são humildes, sua mulher está grávida. Seu filho também será um deles, e destinado ao peso duro do trabalho braçal.

Creio que o pensamento da professora..... veja, ela tem um semblante bom, tranqüilo, acho que ela pensa na esperança e na confiança de levar o conhecimento dela, sua cultura e sabedoria ao povo humilde - ao filho do casal. Mas ela também pensa que ali também terá uma boa experiência, porque também aprenderá com a simplicidade e o amor deles"(sic)

A narrativa em geral mostra relações afetivas, desejo de ensinar (da professora) e a recepção de informações (afetivas) do casal humilde (amoroso). Mostra uma troca mais amadurecida.

Damião - Prancha 6RH

"O filho saiu do trabalho e passa pela casa dos pais . Pergunta pelo pai que ainda não chegou do trabalho. Veio para dar uma notícia boa para os pais, mas não aguenta a ansiedade e vai logo dizendo à mãe que conseguiu fechar aquele negócio que havia antes combinado com o pai. Conseguiu comprar a casa própria para eles, como sempre eles quiseram. A figura não mostra uma felicidade como se fosse um carnaval, como quem ganha na loto ou coisa assim, é uma felicidade diferente, como muito afeto, porque a compra não foi por ganhar na loto, foi à custa de muito trabalho, e isto é melhor". (sic)

INQUER. "É porque este rapaz sempre quis ajudar o pai, para garantir a tranqüilidade deles na velhice. Agora eles poderão estar com os netos, com a alegria de estar na casa que é realmente deles". (sic)

Na narrativa aparece a tarefa reparatória à mãe (o pai não está) mas pressupõe-se sua existência (superego em conexão favorável). A reparação está em querer devolver integridade ao objeto (tranqüilidade da mãe na velhice, junto com o pai - antes invejado).

A relação pressupõe gratidão, que como mostra SIMON (op.cit.) está ligada à generosidade. Tendo assimilado um objeto bom, o sujeito se sente rico e compartilha seus bens internos com outros e, esse relacionamento, permite-lhe introjetar um objeto externo mais amistoso sucedendo novo enriquecimento.

Observa-se também, que é salientado na narrativa o fato de que consegue restaurar (dar tranqüilidade com a casa) `a custa do seu esforço interno - também com a necessidade de mostrar à mãe o quanto ele é bom (tanto quanto o pai), mas isto está certamente sublimado.

Durante este estudo, com as considerações feitas até aqui, pensamos que conseguimos ter uma compreensão melhor do nosso problema inicial, onde perguntávamos - como seria esta psicodinâmica paterna em um momento da vida do homem que seu filho está sendo gerado, porém encontra-se no ventre de outra pessoa. E pensamos que Geneviève Delaise de Parseval tem toda razão ao dizer que como Zeus, com sua filha Palas Atena, ele não o gera no ventre, mas na cabeça.

Existia, nestes pais estudados, todo um processo de ser pai. Uma mobilização de uma gama de emoções que, mesmo que em alguns momentos não lhes tenha sido perceptíveis em nível consciente, mesmo que em alguns pais tenha existido uma necessidade maior de controle, ou ainda momentos de muita ansiedade, tensão, também houveram momentos de depressão e integração, o que implica, sem dúvida num verdadeiro "estado de pai".

A mobilização de conteúdos intra-psíquicos é um "fato"- um remanejamento libidinal. Não pudemos negar isto neste estudo. E, sem dúvida isto nos traduziu a reativação de períodos muito primeiros da vida - do Édipo precoce Kleiniano. Pudemos também perceber, em alguns momentos e em alguns pais com mais clareza, a possibilidade de elaboração de pontos conflitivos e uma capacidade de integração - representados pela capacidade de amar e restaurar.

Contudo, pensamos que o meio sócio-cultural inibe sim, a expressão de muitas emoções do homem neste período. Em várias passagens pudemos nos defrontar com esta questão, como por exemplo - no surgimento da fantasmática da esterilidade, na qual, ainda que conteúdos internos tivessem tendo toda uma representação qualitativa, a capacidade de fecundar sendo associada à prova de masculinidade, e a vergonha de ter que assumir isto perante o grupo social a que pertenciam, mostra toda uma raiz cultural, que sem dúvida incrementa toda a angústia.

Abrimos aqui um parêntese para dizer que este aspecto poderia gerar belos trabalhos futuros, dando margem tanto aos estudos de natureza epidemiológicas, com amostras maiores e estratificadas, quanto estudos de natureza qualitativa, mais profundos, que pudessem buscar a compreensão dinâmica psico-social - por exemplo em estudo de caso único.

Voltando à questão sócio-cultural, mesmo a questão do "homem frente à identidade profissional da mulher grávida", mostra que além do componente

invejoso - deste momento da vida, compreende-se uma certa quantidade de esteriótipos, frutos da questão sócio-cultural vigente.

A própria inveja, que marca esta dualidade Homem X Mulher, além dos conteúdos inerentes ao ser humano, carregam demasiadamente as implicações sócio-culturais, que inibem a verdadeira introjeção e expressão do "par parental".

Mas, quanto a este último aspecto, o qual não tratamos propriamente neste trabalho, é um grande tema aberto a inúmeros trabalhos futuros.

6.2 Um Caso Ilustrativo

(Caso André)

O Contexto Sócio-Cultural-Familiar

André conta 32 anos de idade, possui nível escolar superior, está casado há 3 anos e 6 meses espera seu primeiro filho. Quando nos contatamos pela primeira vez, revelou-nos que sua esposa estava no final do 3o. mês da gravidez, e quando terminamos o trabalho, já estavam vivenciando o final do 4o. mês.

Trabalha como administrador (setor financeiro) numa empresa pública, assim como sua esposa, a qual ocupa cargo em secretaria administrativa.

O casal apresenta situação financeira estável (considerando-se que possuem casa própria - em condições favoráveis com relação à estrutura, saneamento e localização; outros bens móveis como automóvel, telefone, entre outros, e um nível salarial que garante-lhes um certo grau de conforto e bem estar físico-material).

Sua família de origem, bem como a de sua esposa, têm um padrão sócio-econômico equivalente ao que o casal vive atualmente. E, ele afirma que embora seu pai lhe sustentasse o estudo universitário, trabalhava paralelamente para ter seus próprios recursos extras (livros, passeios, etc.).

As relações com as famílias de origem do casal não nos pareceram prejudicadas. Os pais de André vivem juntos, moram próximo à sua casa; ele tem uma irmã mais velha já casada, e os contatos com estes familiares são constantes, bem como com os sogros e cunhados. Estas relações pareceram manter certa estabilidade, com independência entre as famílias.

O casal também demonstrou bom relacionamento afetivo. Pudemos observar este aspecto também quando estivemos juntos em três ocasiões : sendo uma vez em sua casa, e outras duas vezes quando a esposa de André veio apanhá-lo após duas de nossas sessões; ocasiões em que também conversamos sobre a situação atual (gravidez/cotidiano/lazer/expectativas).

Vida Cotidiana e Gravidez

Como o casal trabalha na mesma empresa, ambos vão juntos de casa para o trabalho, e também retornam costumeiramente juntos. Durante o dia, falam-se por telefone ou almoçam juntos.

A gravidez ocorre sem transtornos, têm feito acompanhamento pré-natal em seu ginecologista/obstetra, e ambos não querem saber o sexo da criança, mas fantasiam que será um menino.

André : Marido Provedor

André tem acompanhado a esposa ao médico em grande parte das consultas, tem se interessado por leituras sobre bebês, acompanha a compra e a escolha do enxoval, e se preocupa com o bem-estar da mulher. Auxilia-a nas tarefas domésticas para não cansá-la, preocupa-se também com sua alimentação e tranquilidade. E, de modo geral, pudemos perceber que dá assistência básica necessária à mulher, para que a gravidez ocorra a contento do ponto de vista físico/material.

Quanto aos aspectos emocionais, muito embora ele relate que tem estado muito ansioso, e que tem "comido exageradamente" e engordado muito, não entendemos que seu nível de ansiedade venha perturbando a relação do casal. As preocupações que tem demonstrado com relação à garantia de uma gravidez tranqüila, tem mostrado que como marido, propõe-se a fornecer o máximo de provimentos materiais e emocionais que ele pode dispor.

O Casal e o Lazer

André e a esposa são "mais caseiros", como ele mesmo afirma. Não saem muito de casa aos finais de semana, e quando o fazem, vão ao cinema, às compras para o enxoval do bebê, ou em raras festas. Preferem estar em casa descansando, lendo, ou sentados à varanda em companhia dos pais ou da irmã de André que tem um bom relacionamento com o casal. André afirma que seu principal divertimento, e a esposa concorda com ele durante nossas conversas, são as férias anuais. Estas são muito esperadas pelo casal, que procura sempre passá-las no litoral, em casa alugada.

André e o Desejo Manifesto por um Filho

André diz que depois de 4 anos de namoro, durante todo seu período universitário, resolveram se casar e preferiram optar por um tempo sem filhos. Afirma que o casal precisava experimentar um tempo de vida em comum, saber sobre esta "*certeza de que realmente continuaríamos juntos para o resto da vida*"(sic) para depois incluírem filhos nesta relação.

André diz: *"tinha certeza que amava minha esposa quando nos casamos e que também era amado, mas cada um vem de uma família diferente, com costumes diferentes e creio que existe um período de adaptação para o casal. Nós precisávamos deste tempo"*(sic). E, depois de 2 anos e meio de casados diz que já começaram a pensar em filhos, e diz : *"conversamos e resolvemos que era isto que queríamos, achamos que estava faltando um filho para nos completar"*(sic).

André diante da esterilidade fantasiada

Após terem conversado, resolveram suspender as pílulas anti-concepcionais que a esposa tomava. Passados 4 a 5 meses sem a ingestão de anti-concepcionais, a mulher não engravidara, e surgiu uma preocupação no casal, ao imaginarem/suspeitarem de uma possível esterilidade. Afirma que conversaram muito sobre isto e ambos estiveram muito tensos neste período.

Em seu relato, ainda na atualidade, vemos esta angústia, ao relembrar este período, que fora muito significativo para ele, vejamos :

"(...) tive muito medo de que eu pudesse ser a causa dela não engravidar..., que eu pudesse ter problemas....é, de ser estéril. E sei que é muito maldoso de minha parte, mas eu preferia que fosse dela o problema, e não meu. Imagine!Ah!...eu nem posso pensar, como é para um homem ser estéril(..) sei que existem vários tratamentos agora, mas deve ser muito complicado e muito difícil, (...)" (sic).

Neste período, a preocupação em fecundar tornou-se ponto pacífico para André. Ele necessitava fecundar a mulher, como que para provar que podia fazê-lo. O casal passou a manter relações sexuais no período fértil da mulher, e isto parece ter se tornado a preocupação central da vida deles.

Durante sua narrativa, percebíamos como era angustiante para ele relembrar todo este período. Era como se a fecundação fosse uma questão de "honra", como quem tem que mostrar sua masculinidade/virilidade. Como se a fecundação tivesse que acontecer como uma obrigação (como uma prova) e não mais como uma decorrência do prazer.

O temor de sua feminilidade

O seu horror diante desta fantasia de esterilidade, tinha para André uma conotação de Impotência, de Castração - de homem sem pênis.

O esquematização desta esterilidade fantasiada em André poderia ser a seguinte :

QUADRO V

Esquematisação do temor da Parte Feminina do Eu em "André"

Condições	Síntese	União	Consequência
<u>Desejo</u> Ausência de esterilidade Ausência de Impotência Ausência de Castração	Formação do Masculino	Masculino e Feminino	Formação de um novo ser
<u>Fantasia Temerosa</u> Esterilidade Impotência Castração	Não-Masculino	Feminino e Não- Masculino	Sem concepção do ser

O contato com este "Não Masculino" implica num temor que certamente traz em si, muito dos aspectos culturais típicos de sociedades predominantemente masculinas (patriarcais), que como sugere MONICK (1993), o homem não pode ser vulnerável : ser vulnerável, dominável, passivo, vencível, é igual ao **nada** ; em seus aspectos psicodinâmicos, "não masculino" é um terror.

Numa concepção Bioniana, as mulheres, já possuem o feminino (continente) que representa a capacidade de receber, de conter o masculino (contido). Assim, se não há alucinações de contido, significa que a castração foi bem sucedida = ao NADA.

A exacerbação destes conteúdos tiveram implicações muito fortes em André. E, só com o fato da confirmação da gravidez, na atualidade, parece não ter "sanado" esta ferida, pois, além da angústia mostrada em sua fala atual, podemos visualizar, através do T.A.T., como este ponto volta à tona, na construção de sua história; e , como este aspecto está relacionado com suas vivências edipianas; vejamos :

Prancha 3H - nome história : "A Mágoa"

(t.r 15") - *"Este caso me parece uma criança decepcionada com algo. Parece estar deprimida; fez algo errado e e está deprimida, foi repreendida pelo pai, ou talvez até pela mãe, e fica assim, isolada.*

Parece que no chão tem um brinquedo. Me lembra a questão da educação de crianças - me lembra até o rigor de meu pai.

O que ele pode ter feito de errado? Ele pode ter pego um brinquedo que não é próprio para meninos : - ou coisa de adultos ou até mesmo os que são para meninas, e o pai não gostou. Ele também pode ter furtado algo..... Mas aí entra uma questão : antes de dar o corretivo é necessário analisar, verificar se é mesmo malandragem ou se não é uma dificuldade dele.

E neste caso o pai foi muito severo, rigoroso. E pode ser até que o garoto não cometeu nenhuma infração, coisa tão grave. Por isto é preciso analisar. E espancar não é correto, prefiro o castigo como meu pai fazia.

Mas, neste caso a criança vai ficar lá, até que os pais vão ceder, vão ponderar" .(sic) (t.1.12')

A narrativa sugere uma emersão de vários conflitos, mas parece-nos que o falo é seu ponto central :

Ele furtou algo, ou mexeu em algo que não lhe pertencia:

{ ou o que era de adultos (pênis adulto que pode copular; o
o sexo para adultos - o coito dos pais.

{ ou o que era só para meninas (bebês)

E por isto foi punido : { cortaram-lhe o pênis

Nas relações entre personagens aparece : - os pais puniram (pai ou mãe?), ambos. Mas o pai foi mais severo, deu-lhe um corretivo rigoroso. E na narrativa ele diz "*prefiro o castigo, como o meu pai pai fazia*", que poderia ser o inverso : "*não prefiro o castigo como meu pai fazia*", e também disse anteriormente que "*me lembra até o rigor de meu pai*", o qual terá que ponderar, que ceder, que abrandar este castigo, esta punição, para que ele se sinta livre para copular e fecundar a sua mulher agora.

Entendemos que o estímulo propiciou o ressurgimento das fantasias de castração. A exacerbação de toda esta angústia, "a mágoa" como ele mesmo denomina.

Também é interessante observarmos, como esta angústia fora tão intensa para André, que ao sentir-se "castrado", não consegue "fazer bebês"- não consegue reproduzir sua espécie e seu nome. Ele deseja que o pai lhe liberte disto, amenizando, ponderando.

Na prancha seguinte, aplicada após esta, mostra novamente seus conflitos diante desta esterilidade fantasiada:

Prancha 4 - Nome da história "Problemas para engravidar"

(t.r. 3") *"Hum!... Cada vez vai ficando pior. Me dá a impressão de um casal jovem. Me parece que estão em casa, tem um quadro na parede que não sei o que é... Bom, eles estão querendo um bebê e não estão conseguindo. E o homem pensa, será que sou eu? E a mulher lhe conforta, dizendo: - ou será que sou eu!*

É algo complicado de se lidar.... ou não vão ter um filho por um problema físico, ou vão ter e tudo bem.

A mulher é mais calma, já o homem pode tomar decisões sem pensar. Ela o apoia. Acho que a cena indica este dilema.

INQUER. - *"Acho que, se este casal tiver com problemas de natureza simples, tudo vai se resolver em pouco tempo. Mas pode ser problema físico mais grave, e, ele não vai aceitar uma mulher que não lhe dê filhos..... Mas neste caso adotariam um, talvez.... Acho que lhes dar um final feliz: eles vão continuar tentando e vão conseguir, afinal, hoje tem até inseminação artificial". (sic) . (t.t.15')*

Na narrativa, vemos que André se acha diante de algo muito complicado de se lidar, como ele mesmo infere: *"...ou não vão ter um filho por problema físico", "mas pode ser um problema físico mais grave" = um pênis amputado.*

Mais à frente, ele narra que *"ele não vai aceitar uma mulher que não lhe dê filhos"* - esta fala poderia simplesmente traduzir um aspecto sócio-cultural (de que o homem necessita perpetuar seu nome, sua linhagem). Cremos que este conteúdo está presente, mas também verificamos mais à frente, no término da narrativa: *"(...) vão conseguir, afinal, hoje em dia tem até inseminação artificial"* - o que indica que ele acaba por admitir que o problema não era o da mulher lhe dar um filho, mas sim o de que ele não poderia dar-lhe (recorrendo à inseminação artificial). Deste modo, *"não poder aceitar uma mulher que não lhe dê filhos"* pode estar traduzindo também não aceitar a sua amputação (sua feminilidade).

A narrativa demonstra claramente a corroboração com os dados da realidade - uma realidade que também girou em torno de uma esterilidade fantasiada, a qual, por sua vez, também surgiu por uma mobilização de conflitos pelo simples fato de André se achar diante da possibilidade de ser pai.

André fala sobre a Fecundação

Neste período, ainda antes da gravidez/fecundação, André relata que o casal resolveu procurar um médico ginecologista, o qual os tranquilizou bastante. André não chegou a fazer os exames, nem mesmo a esposa, e 2 mês depois ela já engravidara.

Fala deste momento com muita alegria e emoção. Relata que ele mesmo fora buscar o exame no laboratório, e ele mesmo o abriu. Diante da emoção do resultado positivo, André disse que saiu com o carro e errou o caminho de volta por duas vezes, necessitando parar para ter certeza de qual era o local que se encontrava, e diz " *Eu estava completamente aéreo, e cheguei a fazer tanta confusão, que precisei parar para ver onde eu realmente estava*"(sic).

Neste momento, quando lhe perguntamos o que havia sentido, ele responde : " *não sei bem, era muito confuso, eu me sentia leve, nas nuvens, feliz, e queria dizer a todos que ia ser pai; e ao mesmo tempo eu pensava... a responsabilidade agora vai pesar mesmo*"(sic)

A emoção de André ao ler o resultado do exame era, como ele mesmo diz, confusa , pois muitos sentimentos, sensações surgem ao mesmo tempo, com este impacto. Dizer a todos que iria ser pai, soa como que "mostrar aos outros seu atestado de masculinidade, de ser capaz de reproduzir, de perpetuar, de continuidade de seu nome; e sentir leveza é sentir que está livre da fantasia consciente de não ser capaz.

E quando diz que pensava na responsabilidade que isto implica, por um lado mostra sua dúvida (ambiguidade), e por outro, é como se André estivesse se tornando mais adulto - como seu próprio pai. Ele tinha pois, em mãos um atestado que lhe garantia a capacidade de ser pai, como seu próprio pai.

André expõe sobre a sedução e o Incesto

Nossa percepção foi a de que André precisava revelar que podia engravidar uma mulher, que podia ser tão poderoso quanto seu pai. Mas que também precisava ser autorizado pelos pais - pelo pai . Isto pode ser visto no T.A.T :

Prancha 6 RH- nome da história : "O filho que irá se casar"

(tr. 3") " *Parece que aqui tudo tem relação com família (refere-se às pranchas vistas até agora). Aqui temos um filho que é reprimido pela mãe, por alguma coisa que fez. Talvez tenha chegado tarde em casa, e é apenas coisa de mãe que se preocupa com assalto, roubo etc. Mas, este é o lado dele, de jovem que está aproveitando a vida.....Mas, também ... acho que é isto, ele está dizendo que vai se casar porque engravidou a moça, e a mãe dele, com ciúme.... talvez porque ele é filho único, é orfão de pai. Mas ele diz à mãe que se sente na obrigação de casar, pois ele é responsável e sério e que também gosta da outra (da moça). A decepção da mãe é grande. Mas ele vai sair, e a mãe vai chorar muito.... e aí, as coisas vão se engatinhando, devagar, e eles vão se aproximando. Ela vai aceitar a idéia, e vai mimar a criança e será tudo bem. Porque se não houver aceitação, há separação. Mas neste caso, eles vão se aproximando. Sempre se tem problemas de aceitação com nora, vai dar tudo certo". (sic) (L18")*

Nesta narrativa, ele exhibe à mãe todo seu poder, ele mostra à mãe como pode fecundar uma mulher tal como seu pai. Mas elimina o pai da história - a fantasia do incesto ocorre com o parricídio, (é necessário eliminar Laio para seduzir e se acasalar com Jocasta).

Entretanto, parece-nos que o que fez, nesta construção fantasiosa, foi na verdade um "jogo de sedução" com a mãe, que terá continuidade, a seguir (na prancha seguinte), quando constroi outra fantasia, que lhe possibilita se aproximar do pai, saber mais sobre ele (na verdade sobre a mãe- como o pai é capaz de copulá-la e fecundá-la), pois precisa ser como ele para saber fazer. Vejamos a próxima narrativa :

Prancha 7RH - nome da história : "Conversas íntimas entre pai e Filho"

(t.r 4") - *"Aqui tem -se uma relação entre pai e filho. Mas aqui não está parecendo um semblante de bronca. Acho que é um conselho. Um filho que está perguntando para o pai, por exemplo.... é, ele está para casar e nunca teve uma relação sexual antes. Ele pergunta então, como deve proceder, como as coisas funcionam e como é a vida afetiva em geral.*

Ele me parece ser uma pessoa bem sucedida na vida, socialmente falando, e parece ter adequação - parece ser educado, um rapaz bom.

Acho que o pai responde a ele o que se pode e também aquilo que não pode fazer; o que se deve almejar para a família que agora irá constituir".(sic)

INQUER. - sobre o que deve ou não fazer : *"O pai lhe orienta que tenha carinho com a mulher". Sobre as relações sexuais - "O pai lhe diz que elas acontecerão normalmente, porque isto é fruto do amor. Diz que não tem um procedimento padronizado, é apenas para deixar fluir o amor e que tudo lhe transcorrerá bem".*

Entendemos, entre outros aspectos trazidos pela fantasia, que ele necessita saber como o pai sabe, e com este conhecimento poderá realmente procurar a conseqüente copulação/fecundação. O pai sabe como fazer, por isso é melhor aproximar-se dele como um bom filho, adequado e bem sucedido - ainda que só socialmente, pois sexualmente ainda não é bem sucedido e, com o pai ele vai aprender (aprender e titular-se, ter um atestado de sabedoria - o qual só o pai poderá lhe fornecer).

Por um outro lado, também tem a intenção de mostrar-se como o bom filho, de não provocar a ira do pai, pois com isto ele também pode sentir segurança de que seu pênis não seja amputado .

Do Pai ao Avô

Mas, é interessante observarmos na sequência das pranchas, que na próxima construção projetiva (prancha 8RH - Intervenção Cirúrgica), como André dá sequência à relação pai-filho, conseguindo despejar toda agressividade que antes controlara (pois parece que o pai não lhe deu toda "receita", não lhe autorizou totalmente) E, a raiva do pai punidor-castrador reaparece, com fantasias de morte e destruição, mostrando novamente a sua eliminação; podemos observá-la na narrativa :

Prancha 8 RH - nome da história "O marginal"

(1r.3") - *"Este é difícil, posso pensar um pouco? Hum....."*

Uma operação, um médico, um menino. O médico está extraindo uma bala,, e aqui este menino, este jovem... Acho que a gente vê casos assim... Adolescente que usou a arma de maneira inconseqüente e, do outro lado vê-se aqueles que tentam salvar vidas.

E porque isto aconteceu? Acho que pode ser o ambiente familiar ruim, a criança não cresce num ambiente saudável. E é isto um marginal.

Mas também pode ser o contrário, o adolescente observa o pai que fora assassinado...e, como fica um filho sem pai?

Mas, aqui esta criança, este jovem, sei lá, ele está parecendo ser aqueles do tipo que vão para a FEBEM; e ele poderá assassinar mais pessoas. É isto que enche as cadeias. E eu pergunto, o que de bom ele pode trazer? A morte!"(sic)

IINQUER - *"É a questão da marginalização. Menino que mata, e eu acho que isto não tem jeito...reabilitação. Talvez é só mesmo ficando preso".(sic) (1t. 18')*

A narrativa mostra-nos uma confusão entre o menino e o jovem (não sabe se é menino ou jovem), decide-se então pelo adolescente - que é realmente o período da confusão. E nesta confusão, fica em dúvida entre o bem e o mal (seu lado que mata e seu lado que salva vidas). Seu lado agressivo é muito forte, e este lado deseja eliminar o pai, mas não aguentaria a culpa posterior, então prefere apenas ver o pai assassinado (mas não por ele), e as nuances de culpa surgem em : *"como fica um filho sem pai?"* Sabendo então que a agressividade é grande e, não sabendo como reabilitar-se, prefere prendê-la (na cadeia). É seu desejo conter toda esta grande agressividade.

Na história de vida de André, conceber um filho era, em algum ponto, substituir o pai - matá-lo simbolicamente ou permitir que ele morresse. A morte simbólica de seu pai faz com que este se torne avô. Este aspecto é

evidente quando ao dar a notícia ao seu pai da gravidez confirmada de sua mulher, André vai entrando em casa dos pais, com alegria, exibindo o exame e chamando : - *onde está o vovô, onde está!*

Continuando com os dados de vida de André neste período, observamos que a gravidez da mulher vem transcorrendo sem problemas. Quando nos contatamos, estavam entrando no quarto mês de gestação. Ele nos relata sobre suas reações e seus comportamentos.

André agora quer "Paternar"

André relata-nos que engordara 3 quilos, e que tem comido exageradamente. Sobre isto verbaliza : *"É interessante, minha esposa já me chamou atenção sobre eu estar comendo demais. Estou, acho que estou mais ansioso. Ela disse que eu é que estou criando barriga e que parece grávida. É, acho que sim, mas sinto mesmo é uma fome danada"(sic)*

Ele relata que tem procurado praticar mais esportes para perder um pouco de peso, mas quando se dá conta, acabou por ganhar mais. Pelo seu relato, André pareceu-nos estar querendo mais engordar do que perder peso; e, sente-se bem e sorri quando associa o "engordar" com a "gravidez", e diz : - *"É, ela tem razão, parece que também estou grávido"(sic)*

Pela inveja, faz uma identificação com a esposa gestante que lhe permite sentir, neste momento, tal como ela (mulher), a sua criatividade feminina, seu prazer, seu mistério : - a capacidade de engendrar. Esta passagem permite a André também conter o bebê em seu ventre, fantasmaticamente. Seu período passivo (homossexual) agora mobilizado, permite-lhe "mexer em coisas (brinquedos, bebês) que eram só para meninas"- (aspecto descrito por A. Aberastury), sem ser punido pelo pai, que neste momento se encontra fora - na condição de avô.

O surgimento das fantasias de morte

Mas, também como pode ser esperado, a identificação se transforma em ambivalência, e surgem também fantasias de morte. As pulsões sádicas também são sentidas em relação à gestante (o culminar de sua inveja), bem como a consequente culpa. No TAT, nas pranchas 11 e 13HF - surgem as fantasias de morte da mulher e do filho, na 12H, as fantasias de morte do filho (objeto vingativo, persecutório).

Prancha 13 HF - Nome da história : "A decepção"

(tr.4") - *"Quadro triste,. Quadro de perda, embora suave. Aqui o homem e a mulher...ele morre e ele está triste. Neste caso não existe uma áura, mas acho*

que é porque o filho é uma coisa mais sua (obs. compara-a com a prancha anterior - "Hipnotizador" que acabara de descrever). Não é que não se considere a mulher, mas é diferente.....

Mas também é um choque, pois ela não poderá mais dar um filho. E eles nem tiveram tempo de começar.

Esta perda é difícil, algo que se guarda dentro, mas que se pode recomençar com outra pessoa - ninguém pode viver sozinho, e ele poderá ter um filho com outra mulher; mas claro, isto o marcará para sempre.

Sabe, aqui ele nem teve tempo para conversar com ela; ele a encontrou morta, e isto é sufocante, porque ele não teve tempo de se desculpar com ela. Estes quadros fazem a gente refletir.....

Mas acho que pode ser outra coisa, outra situação também. É a questão do não entrosamento sexual, entre este casal e eles ficam chateados. Sabe, parece que não foi perfeito, e isto pode ser explicado porque é algo que pode acontecer. A mulher não se realizou e isto irá atrapalhar o relacionamento deles."(sic) (LL17")

INQUER. - Quanto às situações que ele considera que realmente aconteceu - "acho que podem ser muitas situações neste quadro, mas aqui eu consigo ver estas duas - uma é a mulher encontrada morta e outra é o não entrosamento sexual. É fico com as duas situações.

Na primeira situação - "ela morreu de repente, ele foi pego de surpresa, ele não esperava por isto embora ela já estivesse adoentada."

- "não teve tempo de se desculpar por uma série de coisas. às vezes ele foi rude com ela sem que tivesse merecido, sabe...coisas de casal. E mesmo que não tenha sido nada tão grave, sempre fica aquele remorso".

Na segunda situação - sobre atrapalhar o relacionamento "sabe, é que se não existir a satisfação sexual, também não haverá uma satisfação total na vida, porque a satisfação total é em todas as áreas, e então estará faltando uma delas".(sic)

Na primeira versão da história, surge a fantasia de morte da mulher - uma "surpresa" que antes fora desejada (pela inveja) e mais ou menos esperada (pois ela estava adoecida = grávida), mas que nunca se esperava que realmente acontecesse (ter que suportar a perda). Suportar a perda é muito difícil, então pode-se "imediatamente", na fantasia, refazer a vida com outra mulher, "ninguém viver sozinho"(sic). Esta outra lhe dará outro filho(pois o outro também já está morto, morreu na barriga da mulher adoecida). E quanto à culpa, mesmo que ele não tivesse realmente matado-a (encontrou-a morta), ele não teve tempo de se desculpar, assim, para não ficar com todo este pesar,

prefere agora transferir a construção da história para uma outra situação, mas também não tem sucesso, cai noutro pólo conflitivo (a impotência sexual). Deste modo, impotente que está, não pode gerar mais bebês - observando-se um outro movimento libidinal.

Entendemos, que é como se a dinâmica psíquica funcionasse num "vai e vem" - em torno destes pólos conflitivos dentro da própria situação edipiana, mas que ora é mais primitivo, ora pouco mais evoluído. A estimulação externa (o TAT, e alguns pontos da entrevista) o remete a estes pólos que estão certamente "sensibilizados" pela própria situação da gravidez.

Do pai ao filho, do filho ao pai

As fantasias são também ambíguas : do ataque pode surgir o revide (como ele vivenciou antes na fantasia de castração), e este revide lhe é traiçoeiro, pois, estando agora na posição de pai, também poderá sentir o ataque de seu filho (que em certas passagens pode ser um perseguidor - o objeto vingativo). De modo que, a relação dele com seu próprio pai interno, repete-se agora, na fantasia, com seu próprio filho.

O temor destas fantasias persecutórias de morte e destruição (revidadas) contra ele, levam André a períodos de impotência sexual. Relatamos que nos últimos tempos (refere-se ao período do terceiro mês gestação até o momento) tem tido dificuldades em manter relações sexuais, pois não consegue, muitas vezes, ter ereção suficiente. Isto o deixa muito angustiado, e afirma que a esposa lhe conforta, dizendo-lhe que isto tudo é muito em função da gravidez, e que outras amigas já lhe revelaram terem passado pela mesma situação.

Entendemos que André sentia-se muito desconfortado com isto, e que também estava pedindo nosso "aval" - (como técnica em saúde mental, talvez eu pudesse lhe responder se aquilo era ou não normal). Preferimos devolver-lhe a questão neste momento. E ele me diz, que não há nada de mais horrível para um homem, como o fato de sentir-se incapaz, impotente (como que ele mesmo lhe passasse o atestado de incompetência e de anormalidade).

Vemos neste ponto, a grande angústia de André, que faz um movimento que o leva a um ponto anterior (novamente a necessidade de um "atestado" que lhe capacite ser pai, ser homem, ser viril, ser macho).

André e a Idealização

Ao falar sobre seu bebê, sobre como o imagina, André diz que só consegue pensá-lo já como um menino, de bom tamanho, correndo, tendo os

cabelos anelados como os dele. Diz que nestes momentos de fantasia, imagina tudo muito calmo, em paz e harmonia : ele, sua esposa e seu filho nas férias no litoral sempre esperadas seu filho crescendo, indo à escola, e diz : *"imagino tudo tão bom, tão feliz... nós três. E isto é só o começo, nós queremos mais filhos... sabe, eu sou um homem feliz. Felicidade é isto, tem-se altos e baixos, e existem momentos tão bons na vida, que vale à pena serem vividos.... eu acho que ser pai é um destes"*(sic)

A construção de uma fantasia consciente com amor, harmonia, faz com que André construa um futuro idealizado, onde pode excluir as hostilidades que surgem de seu próprio interior. Mas, mesmo valendo-se desta idealização, ele sabe que é muito difícil conseguir esta plenitude almejada, porque ele sabe que tem suas fraquezas. Porém ele parece não desistir de tentar. Isto pode ser visto no T.A.T., nas pranchas 16 e 1. Vejamos a prancha 16 :

Prancha 16 - Branca- nome da história : "O Futuro"

(tr 2") - *"Este é difícil, mas é muito bem bolado. Bem, o que posso lembrar dentro deste branco..... O próprio branco. O branco me lembra o que se almeja na vida, a felicidade, aquilo que procuro.... que quero realizar. É o casamento, o ter filhos, a harmonia familiar.... e se a gente consegue chegar lá tudo bem, mas a gente pode morrer no meio do caminho e...*

É isto aí, é o sentido de realização que vale; de se sentir completo : a realização sexual, a realização financeira, a afetiva E o branco é isto, é esta batalha boa, é a busca para a realização"(sic) (t.t.4')

No caso André, nosso caso exemplo, podemos observar, que toda esta "fantasmática" vivenciada neste momento da paternidade, ou do "tornar-se pai", é a tradução da mobilização de situações primitivas do desenvolvimento (em especial do conflito edipiano). Esta "fantasmática" é um conjunto de fantasias das mais variadas que giram em torno de pólos conflitivos.

Estes pólos conflitivos, que estão implicados na trama edipiana, são expressados através da construção de fantasias ambíguas - já que compõem os desejos, mas também os medos.

É interessante também observarmos, que em meio à esta mobilização aparecem algumas reações sintomáticas (alterações na alimentação, de estado de ansiedade, de sono no início da gravidez, e das atividades sexuais) as quais foram percebidas por ele, bem como por sua esposa e foram associadas à gravidez.

Neste sentido, concordamos com DELAISE DE PARSEVAL (1981) quando comenta que estas reações no homem no período de gestação, sempre foram estudadas no campo da psicopatologia, e que de certa maneira também estas reações, sempre foram encobertas por um "véu" patriarcal; ou seja, na maioria das vezes isto ficou oculto :

- pelo próprio sujeito (no âmbito do sistema defensivo do tipo "coisas só para mulheres", sem fazer a conexão sintoma-estado de pai, como ocorreu em Carlos, Fernando e Luis).

- pela própria sociedade em geral, por um sistema defensivo (negação) que fez da gestação/parto/puerpério um problema exclusivo das mulheres, limitando o homem à uma dimensão simbólica (sobrenome, linhagem).

Vemos, que no caso André (e não só no caso André), ele faz a associação sintoma-paternidade e chega a admitir, durante nossas conversas que sentia-se bem com isto, com o que chamamos "paternar".

Em André, (e também não só em André), o que acontece em sua dinâmica interna, se passa de maneira atemporal e desordenadamente, ou seja, ao mesmo tempo em que faz uma construção fantasiada que remete aos conteúdos primitivos - do início do conflito edipiano, movimenta-se também para pontos que caracterizam o declínio ou o auge da trama. Isto parece mostrar que os pólos conflitivos giram em torno da trama, mas não de pontos estáticos, mas sim de todo conjunto, de forma dinâmica - a depender do que a estimulação o remete naquele momento.

Entretanto, tornar-se pai em André, caracterizou muito a relação dele com o seu próprio pai, trazendo muito fortemente à tona : o choque diante da transgressão do incesto, e o medo da castração.

Conceber um filho, para André, colocou-o diante da perda : tinha que permitir a morte simbólica de um pai, e nos pareceu estar caminhando para a construção de outro pai, a que chamamos avô- parte boa = superego bom.

Não vimos em André a elaboração disto, porque não acompanhamos o caso terapeuticamente e sim observamos momentos desta passagem pela paternidade. Mas entendemos que tornar-se pai em André só se completaria com a aceitação desta ambiguidade inerente ao ser humano.

6.3 Breve Nota Sobre Saúde Mental e Paternidade

Não é uma tarefa fácil a de entrar na questão da tão discutida - Saúde Mental, e tanto mais ousado é ter a pretensão de intercambiá-la com Paternidade.

Enveredar pelo campo penoso que é a definição de conceitos não é nossa pretensão. Nossa idéia em inserir aqui esta nota, faz-se apenas pelo fato de que, durante todo este trabalho falamos de fantasias com conteúdos muito primitivos, de pontos conflitivos, de recursos egóicos empobrecidos e ao mesmo tempo fizemos observações sobre recursos mais evoluídos, e sobre capacidade de integração. E, falamos de "normalidade".

Durante todo este trabalho nos referimos a este "vai e vem" - uma ambivalência, a qual chegamos a entender como algo similar ao que ocorre na adolescência, observado por KNOBEL (1981), ou como em etapas outras da vida, onde enfrentamos situações de perdas - lutos = ganhos, entre estes o casamento, o nascimento de filhos ou de netos (KNOBEL, 1987).

Dentro desta concepção, também entendemos, como A. FREUD (1965), que o processo evolutivo normal se faz com regressões temporárias, porém, deve-se acrescentar a capacidade de sair delas, retomando às progressões, como consequência.

Assim entendemos este momento da paternidade.

Mas, não podemos deixar de citar o que pensa Melanie Klein sobre saúde mental, uma vez que foi sua teoria a que nos respaldou até aqui.

KLEIN (1960), afirma que o conceito de Saúde Mental é complexo e multifacetado, uma vez que se baseia num interjogo da vida mental - os impulsos de amor e de ódio, porém a capacidade de amar deve ter o predomínio.

Pelas suas concepções, em sua explanação sobre Saúde Mental, fazendo referência sobre uma personalidade bem integrada, Klein acredita: na força de caráter, na capacidade de lidar com emoções conflitantes, e por conseguinte, um equilíbrio entre vida interna e realidade externa, bem como a coesão das diferentes partes da personalidade.

A força de caráter tem origem em processos muito arcaicos, na relação com a mãe - onde a criança vivencia os sentimentos de amor e de ódio, e o êxito nesta relação é extensivo às relações posteriores.

Fundamentalmente, o equilíbrio para Melanie Klein, depende de um certo grau de insight sobre os impulsos e emoções contraditórias e a capacidade para enfrentar os conflitos internos, sendo que uma forma de se observar este equilíbrio é também através da adaptação à realidade externa, contanto que não haja interferência na liberdade das emoções e pensamentos do indivíduo.

Neste momento, vendo desta maneira, poderíamos pensar que as concepções Kleinianas não condizem com o que entendemos sobre "saúde mental" nestes pais, ou neste momento da paternidade. Entretanto, mais adiante Melanie Klein afirma, que falar em equilíbrio não quer dizer que deva-se evitar os conflitos; pressupõe-se uma força que enfrente estes conflitos e uma capacidade para lidar com eles.

Observa-se, nestes conceitos Kleinianos, que com este interjogo, as muitas dificuldades internas e externas serão enfrentadas, mas se o predomínio da capacidade de amar prevalecer, o sujeito encontrará meios de lidar com os conflitos de tal modo, que terá mais facilidade em experimentar prazer e gratidão.

Assim, não estamos de nenhum modo nos contrapondo aos conceitos Kleinianos, considerando-se que neste momento há um enfrentamento de situações conflitivas, mas também é mais uma etapa do desenvolvimento, e uma "reorganização" em pleno período genital. É o predomínio da capacidade de amar sobre toda carga hostil e inveja que determina a saúde mental neste momento. As reações que consideramos "normais", ou próprias deste período, representam uma diversidade de arranjos defensivos que os sujeitos podem arrumar diante de todo um remanejamento libidinal que certamente ocorre neste momento; porém, com suficientemente capacidade de reparar -- amar.

===== *Capítulo VII* =====

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de "momentos" do período da gravidez nestes 12 homens que seriam pais pela primeira vez, nos fez visualizar vários aspectos e nos fez formular muitas outras perguntas, que só poderão ser respondidas com a continuidade do estudo desta temática tão rica e ainda muito pouco explorada.

Em primeiro lugar, gostaríamos de pontuar, que mesmo diante das restrições deste nosso estudo ele pôde responder, ou pôde visualizar, alguns pontos muito importantes da psicodinâmica paterna.

O grande ponto deste estudo, é que com ele pudemos observar nestes 12 casos de "primipais", que houve uma mobilização interna, ou seja, houveram remanejamentos libidinais em função da gestação.

A gravidez da mulher provocou nestes primipais esta mobilização, que por sua vez, indicou um equilíbrio instável da personalidade, e certamente temporário, que inclui movimentos ou oscilações regressivas e progressivas. E vimos isto como sendo uma espécie de período de *crise*.

Estas oscilações regressivas os remetem ao conflito edipiano, fundamentalmente, e colocam este "agora pai" em contato com seus pais da infância mais precoce. Este é sem dúvida, um momento de *crise*, no qual estes homens poderão ter oportunidades de fazer elaborações de pólos conflitivos muito precoces destas relações primeiras com seus pais - tal como coloca KNOBEL (1987) - que Laio e Jocasta interagem com Édipo num contínuum indefinido helicoidal, sendo que neste período de nascimento de cada filho, há a oportunidade de re-elaboração, já que a situação drâmica é a mesma (remele-os à situação edipiana).

Também é interessante ressaltarmos, que sendo este um período de crise, transicional, não podemos entender este mundo fantasiado (que contém as mais regressivas e primitivas fantasias, com recursos defensivos muitas vezes precários) como critério de avaliação normal e patológico. Neste sentido, o emprego dos instrumentos utilizados neste nosso estudo (TAT, e a Entrevista Clínica), tiveram uma conotação psicodinâmica, compreensiva, e não de critério avaliativo de personalidades normais e patológicas.

A mobilização destes conteúdos internos, depende da história pessoal de cada pai, mas é interessante colocarmos, que existiram, por esta mobilização, reações sintomáticas e/ou alterações de comportamento em todos estes 12 primipais - compreendidas como conteúdos defensivos.

Estas reações sintomáticas, chamamos de *atuações* (acting out da paternidade). Estas *atuações* - que foram as reações ligadas às alterações da alimentação, do sono, do estado de ânimo e alterações das atividades sexuais, foram entendidas como sendo *reações defensivas contra a inveja* - da capacidade feminina de criar, engendrar, por toda espécie de fenômenos fisiológicos similares à da gestante (e que puderam ser vivenciadas pela identificação com a esposa).

As alterações das atividades sexuais, especificamente, são também reações defensivas contra a inveja (como a preferência pela relação sexual com a mulher de costas - um negação da barriga avolumada). Períodos de ereção insuficiente ou abstinência (também são sentimentos de impotência ligados à inveja) e relacionam-se às fantasias persecutórias em relação ao bebê no útero (o bebê que ataca, que revida os ataques que o pai também fizera ao interior de sua mãe. Este bebê pode ser sentido como objeto interno vingativo, que pode ficar com seu pênis para ele, castrando-o → medo primitivo).

Por outro lado, o temor à castração também aparece como vindo do pai como medo do revide às fantasias incestuosas → neste caso, a esposa é vista como mãe.

Entretanto, estas fantasias aparecem misturadas, desordenadas, nesta dinâmica, dependendo do momento e da qualidade do que o estímulo (TAT e entrevistas) mobilizou naquele instante. E certamente, isto também depende da história pessoal, de vida, de cada pai.

De modo geral, também pudemos entender, que em determinados momentos, nesta mobilização, existiram conflitos nos pais :

- em relação à esposa (mãe)

- em relação à criança (objeto vingativo)
- em relação aos seus pais.

De certo modo, parece também que a paternidade mostra que :

- . o pai (marido, sujeito pesquisado) - ora é pai, ora é filho
- . a criança - ora é filho (objeto de amor), ora é filho (objeto vingativo)
- . a mulher - ora é esposa, ora é mãe

É neste sentido que vemos que há toda uma mobilização conflitiva (dinâmica), num vai e vem, que depende tanto dos momentos em que ele se encontra, quanto da sua história pessoal.

Desta maneira, entendemos que a paternidade é, tal como os autores escrevem sobre a mulher, um momento de crise, é transicional, mobilizando e remetendo o homem ao contato com pólos conflitivos mais variados (dependendo de sua história individual), mas que, sem dúvida, estão vinculados à trama básica edipiana - dependendo da evolução libidinal de cada um - das "resoluções edipianas" e dos arranjos defensivos que o indivíduo encontra no decorrer de sua vida.

Considerações Sobre o Estudo e o Método Utilizado

Este estudo não teve a intenção de se realizar como uma forma de diagnóstico da personalidade e, portanto, de estabelecer critérios de avaliação. Por outro lado, também não se realizou como um estudo clínico de natureza terapêutica que pudesse mostrar a evolução dos casos de pais em gestação. Nossa proposta foi apenas a de um registro, ou uma ilustração de acontecimentos, reações, emoções, fantasias de pais em momentos do processo de gestação de um filho. Por isso é que, de início, já colocamos nossas limitações e foi com elas que trabalhamos.

Podemos ainda dizer, com todas estas mesmas limitações, que o caminho ainda necessita ser muito explorado, e as descrições aqui feitas estão longe de ser conclusivas. No exercício da prática clínica necessitamos de muitos conhecimentos, todavia, precisamos buscá-los mais.

Assim, este estudo se coloca como uma porta que se abre, ou melhor, como um tateador da ponta de um 'iceberg da paternidade' - usando da expressão de Geneviève Delaise de Parseval - que tem muito a ser explorado.

Contudo, ainda que com todos os limites, e abertos à toda a crítica que venhamos a ter, reconhecemos que o caminho metodológico adotado permitiu-nos “sentir com os pais”, “saber sobre eles” e “compreendê-los”, neste breve período em que estivemos juntos. E isto nos trouxe indicativos de que as emoções do homem no período de gestação de um filho são muito ricas e precisam ser mais conhecidas e reconhecidas por parte dos clínicos, mas não somente com o cunho psicopatológico, mas sob um ponto de vista de um período de transição e transformação, que envolve a ambivalência afetiva, pois, implica em ganhos e perdas.

Foi este método que nos possibilitou esta vivência com o homem pesquisado, compreendendo-o como um ser que sente, que tem angústias e satisfações, que tem desejos e temores, que ora é um menino e ora é um homem, e não um conjunto de componentes que, juntados, formam um todo humano.

Isto nos remete agora à importância do trabalho integrado em saúde, lembrando ainda que foi desta necessidade que nasceu o interesse por este tema.

A Importância da Compreensão dos sentimentos paternos na Gravidez para o Trabalho Multiprofissional em Saúde

Destacamos, que uma maior compreensão da psicodinâmica da paternidade neste período da gestação poderia trazer aos profissionais da área da saúde (e não só de saúde mental), uma visão mais global do homem, enquanto pessoa, que passa por um processo.

Muitos trabalhos de natureza profilática poderiam ser realizados. Entre eles, os grupos de orientação de pais (pai e mãe) gestantes ou em preparação; grupos de orientação de sala de espera, entre outros. Mas, para esta realização, há uma necessidade de se ampliar esta visão sobre a “realidade paterna” que, como vimos, não se reduz à legalidade, aos aspectos inter-culturais e raciais, e nem ao semear o esperma no coito fecundante. Junto a estes fatores, existe toda um *vivência* - a psicodinâmica paterna. Mas, as emoções, sensações, prazeres e desprazeres do homem neste período têm sido, de certo modo, negados - tanto no âmbito social quanto no âmbito clínico - no que diz respeito à falta de estudos sobre a “normalidade paterna”.

A obliteração desta vivência paterna, contribui para a cristalização de esteriótipos e imagens simplistas de que o homem é desajeitado, indiferente ou insensível com relação à gestação e ao bebê muito pequeno, favorecendo assim, uma divisão rígida no papel dos sexos : a mãe que procria e o pai que assiste -- o espectador.

Todavia, a ampliação desta concepção, e a compreensão / desmistificação de tais esteriótipos pode partir de nós mesmos, e principalmente de nós - profissionais da saúde - que hoje lidamos e vivenciamos uma ciência fragmentada com necessidade de ser repensada, pois lidamos com "pedaços humanos" que precisam ser integrados. Neste sentido, entendemos que a visão do trabalho integrado - interdisciplinar (*) que propõe disciplinas cambiantes e intercambiantes teria muito a contribuir.

Também concordamos com MALDONADO (1985), que a visão integrada de trabalho, contribui para a elaboração da pessoa humana que cada profissional tem dentro de si, em nível emocional, e isto também implica na estruturação de seu relacionamento com o paciente (e acrescentamos, também com as demais disciplinas intercambiantes). A partir de um conhecimento melhor de si mesmo, das limitações inerentes ao ser humano, o profissional pode trabalhar melhor sua onipotência - descobrindo sua força e também a força do outro.

(*) o conceito de Interdisciplinaridade aqui referido, baseia-se nas propostas de Hilton Japiassú - "Interdisciplinaridade e Patologia do Saber" - Imago, 1982.

Gostaria de finalizar este trabalho com uma nota mais pessoal e prática do que acadêmica. Refere-se à surpresa, de alguns profissionais, diante do fato de ser uma mulher a que se dedica ao estudo da paternidade.

Geneviève Delaise de Parseval também faz este questionamento em seu valioso trabalho "A Parte do Pai", e penso que ela responde muito daquilo que eu gostaria de dizer.

Repito um primeiro ponto concordando com esta psicanalista, que tal situação não é de se causar tanta estranheza, desde que tem sido assim na nossa história psicanalítica. Os estudos sobre maternidade, relação materno filial, e sobre a infância, foram muito bem desenvolvidos, por homens, como - R. Spitz, S. Lebovici, D. Winnicott, entre muitos outros. Lembramos também, que Sigmund Freud dedicou muito de seu tempo ao estudo da histeria feminina para reconhecê-la, mais tarde, também nos homens.

E, como esta mesma autora já afirmara, esta observação está longe de ser irônica, muito pelo contrário, nestes trabalhos estão contidas muitas das sustentações que hoje embasam a prática clínica da psicologia de desenvolvimento, e a estes estudiosos muito devemos.

E, como tem sido assim na história da psicanálise, já não era mais para se causar estranheza, pois os primeiros estudos sobre paternidade foram desenvolvidos por mulheres - como T. Benedek, e depois, num outro referencial, por A. Aberastury, sendo que esta última só o faz buscando e ampliando os profundos conceitos de Melanie Klein - uma mulher.

Entretanto, em cada passo deste estudo, procurei - enquanto psicóloga e mulher, compreender o pai - ser humano e homem, evitando idéias estereotipadas de homem e de mulher, que funcionam como verdadeiros biombo ideológicos sobrepostos à realidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A.. (1967) - La Existência de la Organización Genital en el Lactente. *Revista Brasileira de Psicanálise* 1(1): 18-46, 1967.
- ABERASTURY, A.. (1978)- "A Paternidade" in: A. Aberastury & E. Salas (ED), *A Paternidade : um enfoque psicanalítico*. (1o. ed. bras.), Porto Alegre : Artes Médicas, 1985.
- ABERASTURY, A. & SALAS, E. (1978) - *A Paternidade ; um enfoque psicanalítico*. (10 ed bras.), Porto Alegre : Artes Médicas, 1985.
- ALMEIDA FILHO, N. (1985) *Epidemiologia das desordens Mentais da Infância no Brasil*. Salvador : Centro Editorial e Didático da UFBA, 1985.
- ARIÈS, P. (1973) - *História Social da Criança e da Família*. (2o.ed. bras.), Rio de Janeiro : Editora Guanabara, 1981
- ARRUDA, S.L.S.de (1991) - Vivências Clínicas de um Grupo de Mães, cujos Filhos estão em Ludoterapia. *Tese Doutorado - FCM* Unicamp, 1991.
- BADAINES, J. (1976) - Identification, Imitation, and Sex-Role Preference Father Present and Absent Black and Chicago Boys. *Journal of Psychology* 92 (1) : 15-24, 1976.
- BARCLAY, A. & CUSUMANO, D. (1967) - Father Absence Crosses Identity, and Field - Dependent Behavior in Male Adolescents. *Child Development* 38 (1): 243-250, 1967.
- BEJIN, A..(1987) - "Le Mariage Extra-Conjugal D'aujourd'hui ". In : P. Ariès et A. Bejin (Org.) , *Sexualités Occidentales - communications* 35. Paris : Points, 1984.
- BELLAK, L. (1975) - *The Thematic Apperception Test, The Children's Apperception Test, and The Senior Apperception Technique in Clinical Use*. London : Grune & Stratton Edit., 1975.

- BENEDEK, T. (1959) - Parenthood as a developmental phase. *Journal Amer. psychoanal. Ass.*, 7, p. 389, 1959.
- BILLER, H.B. (1970) - Father Absence and the Personality Development of the Male Child. *Developmental Psychology* 12(2): 181-201, 1970.
- BILLER, H.B. (1971) - The Mother-Child Relations and Father Absent Boy's Personality Development. *Merril-Palmer Quarterly* 17 (3) : 227-441, 1971.
- BILLER, H.B. & BLANCHARD, R.W. (1971) - Father Availability and Academic Performance Among Third Grade Boys. *Developmental Psychology*, 4: 301-5, 1971.
- BION, W.R. (1967)- *Estudos Psicanalíticos Revisados*. (trad. do orig inglês *Seconds Thoughts*) Rio de Janeiro : Imago Editora, 1988
- BLEGER, J. (1984) - *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*. (1o. ed. bras.), Porto Alegre : Artes Médicas, 1984.
- BLEGER, J. (1979) - *Temas de Psicologia: Entrevista e Grupos*. (5o. ed. bras.), Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.
- BOTEGA, N.J. (1989) - Lidando com o Psíquico, Encaminhando ao Psiquiatra. *Tese Doutorado - FCM, Unicamp*, 1989.
- BRONFENBRENNER, U. (1967) - The Psychological Costs of Quality and Equality in Education. *Child Development* 38 (4): 909-25, 1967.
- CAMPOS, J.C. (1979) - Ausência Paterna: Correlatos Cognitivos e de Personalidade dos Filhos em Idade Pré-Escolar. *Tese Doutorado, Inst. Psicol. USP, São Paulo*, 1979.
- CARVALHO, I.A.G. (1976) - Efeitos da Ausência Paterna sobre o Motivo de Realização : Um Estudo com Adolescentes do Primeiro Grau. *Dissertação de Mestrado, Inst. Psicol. USP, São Paulo*, 1976.
- CARVALHO, R.M.L.L. de (1992) - Ludoterapia Psicanalítica com Crianças e Adolescentes Institucionalizados. *Tese Doutorado - FCM, Unicamp*, 1992.

- CARVALHO, IL.A. (1989) - Reflexões sobre o Pai : um estudo sobre a construção da paternidade na história de vida e desenvolvimento do sujeito. *Dissertação de Mestrado, Inst. Psic. USP*, 1989.
- CASSORLA, R. M. S. (1981) - Jovens que Tentam Suicídio. *Tese Doutorado - FCM*, Unicamp, 1981.
- CASTRO, A.S. & CROCHUIA, E. (1969) - *A B C do Direito Romano*. São Paulo : Sugestões Literárias, 1969.
- CAVERNAR, J. & BUTTS, N. (1977) - Fatherhood and Emotional Illness. *Americam Jour. of Psychiatry*, 134, abr., 428 431, 1977.
- CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO e Legislação em Vigor - comentado por Theotônio Negrão. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais (10o. ed.), 1991.
- COLEY, D. & JAMES, B. (1976)- Delivery : a Trauma for Fathers? *The Family Coordinator*, out. 1976.
- DAVIDSON, F. ; DEFRANCE, J.; FACY, F.; (1982) - Recherche D'une Typologie des Junes Toxicomanes. *Psychiatrie de L' Enfant*, 25 (2) :295-318, 1982.
- DELAISE DE PARSEVAL , G. (1981) - *A Parte do Pai*. (1o. ed. bras.), Porto Alegre : L & PM Editores S/A, 1986.
- DOWLING, C. (1981) - *Complexo de Cinderela* (1o.ed bras.) São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- FRANÇA e SILVA, E. (1984) - *O Teste de Apercepção Temática de Murray : T.A.T. na cultura brasileira*. Rio de Janeiro : FGV- Edit. da Fundação Getulio Vargas, 1984.
- FREUD, S. (1921) - Psicologia de Grupo e Análise do Ego. Identificação. Vol. XVIII, In: Edição Standard Brasileira das *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, A. & BURLINGHAM, D. (1958) - *Meninos sem Lar*. Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1958.

FREUD, A. (1965) - *Infância Normal e Patológica : determinantes do desenvolvimento*. Rio Janeiro : Zahar, 1971.

GARZA, F. et al (1977)- *Adolescencia Marginal e Inhalantes*. México: Editorial Tribas S/A, 1977.

GOLDENBERG, M. (1991) - *Ser Homem, Ser Mulher : Dentro e Fora do Casamento. Estudos Antropológicos*. Rio de Janeiro: Edit. Revan, 1991.

HATMAN, A. & NICOLAY, R. (1966) - Sexually Deviant Behavior in Expectant Fathers, *Journal of Abnormal Psychology*, vol.71 (3) : 232-234, 1966.

HEIMANN, P. (1952)- "Certas Funções da Introjeção e da Projeção no Início da Infância. In : M. Klein et. al. (Org), *Os Progressos da Psicanálise*. (3o. ed. bras.), Rio de Janeiro : Editora Guanabara, 1986.

HETHERINGTON, E.M. & DEUR, J. (1971) - The Effects of Father Absence on Child Development. *Young Children* 26 (1): 233-48, 1971.

HERRMANN, F. (1983) - *O que é Psicanálise*. São Paulo : Brasiliense, 1983.

HOTT, J.R. (1976) - The Crisis of Expectant Fatherhood. *American Journal of Nursing*, Set.: 1436-1442, 1976.

ISAACS, S.(1939) - Criteria for Interpret. *International Journal of Psychoanalysis*, vol XX, 148-1160, 1939.

ISAACS, S. (1952) - A Natureza e a Função da Fantasia. In: M. Klein et al (Org), *Os Progressos da Psicanálise*. (3o.ed.bras.), Rio de Janeiro : Editora Guanabara, 1986.

KALINA, E. & KORIN, E. (1976) - A Família do Drogadito. In: E. Kalina e S. Kavadloff (ED). *Drogadição: Indivíduo Família e Sociedade*. (1o. ed. bras.) Francisco Alves Editora S/A, 1976.

KLEIN, M. (1928) - "Primeiras Fases do Complexo de Édipo". In : M. Klein (ED), *Contribuições à Psicanálise*. (trad. edição Inglesa de 1965- 2o.ed.bras.-), São Paulo : Mestre Jou, 1981.

- KLEIN, M (1931)- Uma contribuição à teoria da inibição intelectual". In: M.Klein (ED), *Contribuições da Psicanálise*. (trad. edição Inglesa de 1965 - 2o. ed. bras.-), São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- KLEIN, M. (1932) - "Primeiros Estágios do Conflito Edípico e da Formação do Superego". In : M.Klein (ED) , *Psicanálise da Criança*. (2o. ed. bras.), Rio de Janeiro : Mestre Jou, 1975.
- KLEIN, M. (1945) - "O Complexo de Édipo à Luz das Primeiras Ansiedades". In : M. Klein (ED), *Contribuições à Psicanálise*. (2o.ed. bras.), São Paulo : Mestre Jou, 1981.
- KLEIN, M. (1952) - "Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides". In: M. Klein et al. (Org), *Os Progressos da Psicanálise* . (3o. ed. bras.), Rio de Janeiro : Editora Guanabara, 1986.
- KLEIN, M. (1960) - *Inveja e Gratidão - e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KNOBEL, M. (1987) - O Vínculo entre Pais e a Estruturação Edípica na Configuração dos Distúrbios Psicossomáticos. *Estudos de Psicologia* 4 (1): 9-16, 1987.
- KNOBEL, M. (1976) - Síndrome da Adolescência Normal. In: A.Aberastury e M. Knobel (ED), *Adolescência Normal*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1981.
- KNOBEL, M. (1977) - *Psiquiatria Infantil Psicodinâmica*. Buenos Aires : Paidós, 1977.
- LAPLANCHE, J.L. & PONTALIS, J.B. (1967)- *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa : Moraes Editores, 1986.
- LIENBERG, B. - Expectand Fathers. *Child and Family*, verão : 267-278, 1969.
- MALDONADO, M.T., et. al (1979) - *Nós Estamos Grávidos*. Rio de Janeiro : Bloch Editores, 1979.
- MALDONADO, M.T. (1985) - *Psicologia da Gravidez*. Petrópolis : Ed. Vozes, 11o. ed., 1991.

- MALDONADO, M.T. (1989) - *Maternidade e Paternidade : situações especiais e de crise na família - Vol.II*. Petrópolis : Vozes, 1989.
- MEYER, L. (1983) - *Família: Dinâmica e Terapia - uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MELATTI, J.C. (1980) - *Índios do Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec - Convênio Inst. Nacional do Livro e Ministério da Educação e Cultura, 1980.
- MINUCHIN, S. (1982) - *Famílias : Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1982.
- MONICK, E. (1991) - *Castração e Fúria Masculina: a ferida fálica*. (1o.ed. bras.), São Paulo: Edições paulinas, 1993.
- MURRAY, H.A. (1943) - *Teste de Apercepção Temática (manual)* (1o. ed. bras., traduzida da edição castelhana de 1964), 1973.
- OCAMPO, M.L. & ARZERNO, M.E.G. (1979) - A Entrevista Inicial. In: M.L.Ocampo (ED). *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. (5o. ed. bras.), São Paulo : Martins Fontes Editora, 1987.
- PICCOLO, E. G. de (1979) - "As Defesas nos Testes Gráficos", In : M. L.S.Ocampo (Org), *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. São Paulo : Martins Fontes Editora, (5o. Ed. bras.), 1987.
- PRADO, D. (1981) - *O que é Família*. (12o. ed.), São Paulo :Brasiliense, 1991.
- PUENTE, M. de La (1989) - *Referenciais Evolutivos para um Psicodiagnóstico da Criança*. (anotação para o ensino de Psicologia Médica da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP), Mimio., 1989.
- POSTER, M. (1978) - *Teoria Crítica da Família*. (1o. ed. bras.), Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1979.
- RASKOVSKY, A. (1973) - *Conocimiento del Hiro*. Buenos Aires: Orion, 1973
- SALAS, E. (1972) - *Algunos Fundamentos Teoricos y Problemas Técnicos*

- en los Grupos de Orientacion de Padres. *Rev. Argentina de Psiquiatria y Psicologia de la Infancia y de la Adolescencia*, Asappia Paidós 3(2): 295-301, 1972.
- SALAS, E. (1970) - Los Padres y la Identidad. *Revis. Psicoanalisis*, 28 (1), 1970.
- SALAS, E. (1978) - "Resenha Bibliográfica Sobre Paternidade", in : A. Aberastury & E. Salas (ED) *A Paternidade : um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1o. ed. bras., 1985.
- SALEM, I (1985) - "A Trajetória do Casal Grávido". In: S. Figueira (Org), *Cultura da Psicanálise*, São Paulo : Brasiliense (1985).
- SILVA, M.C.M. (1989) - *T.A.T. , Aplicação e Interpretação do Teste de Apercepção Temática*. São Paulo : EPU - Edit. Pedagógica Universitária, 1989.
- SIMON, R. (1986) - *Introdução à Psicanálise : Melanie Klein*. São Paulo : Edit. Pedagógica e Universitária - EPU, 1986.
- SOARES, C.A. (1986)- *Estudo das Repercussões em Filhos da Ausência Paterna e da Desarmonia Conjugal Através de Comparações entre Grupos*. Tese Doutorado, Fac. Ciências Médicas/Unicamp, 1986.
- SOIFER, R (1977) - *Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério*. (6a. ed.), Porto Alegre : Artes Médicas, 1992.
- TRINCA, W. (1984) - *Diagnóstico Psicológico : Prática Clínica*. São Paulo: EPU, 1984.
- VIZZOTTO, M. M.(1989)- Ausência Paterna e suas Associações à Psicodinâmica e ao Aproveitamento Escolar da Criança. *Dissertação de Mestrado*, PUCCAMP, 1989.
- VOLPE, M.R.H.B. & ALVIN,R.C. (1986) - O Papel do Pai. *Boletim da C.E.P.P. vol IV, no.1*(1o. sem.), 1986.

ZILBORG, G. (1931) - Depressive Reactions Related to Parenthood.
American Journal of Psychiatry no.10, 926-962, 1931.

ANEXOS

SÍNTESE DE
PRINCIPAIS ASPECTOS DO CONTEÚDO MANIFESTO / T.A.T.
(Caso - André)

Conteúdo/ Pranchas	tema (mensagem)	Percepção e Características do Herói	Características e Relações entre Personagens	Percepção do Contexto Real (figuras/objetos/ ambiente)
1 "Menino e o Violino" T. Dado : <i>Tentativa de Vencer</i>	menino reflexivo diante do instrumento quebrado. Diante da não Realiza- ção/frustração. (conflit o entre o desejo de realização X frustração)	sexo- M Menino - triste, solitário.	personagem único. triste, solitário	adequação na percepção de objetos, figuras. ambiente escuro depressivo
2 "moça Campo" Título Dado : <i>A Continuidade</i>	moça quer ensinar os mais humildes a ler, escrever, refletir. O filho do casal terá mais sorte. (desejo de melhores condições de vida pela via educativa)	sexo- F Moça professora, educadora	Familiar - amistosa, amorosa (percepção da relação triangular)	adequação na per- cepção de objetos, figuras. Ambiente externo- campo, roça. neutro
3H "Curvado Sobre Divã" T.Dado : <i>Mágoa</i>	Menino punido pelo pai por ter pego objeto sem permissão (punição paterna sem ponderação)	sexo- M Menino - triste, só, magoado	familiar - mágoa, raiva despertada frente à severidade	adequação na per- cepção de objetos figuras. - ambiente interno (doméstico) - depressivo
6RH "Filho que Parte" T. Dado : <i>O filho que vai se casar</i>	Filho que engravidara moça e irá se casar, desperta ciúmes materno. (situação clumeta da mãe para com o filho)	sexo-M Homem(filho) viril, que engravidou mulher e provoca ciúmes	familiar - relação amorosa, com sedução, ciúme.	adequação na per- cepção de objetos ambiente interno, com nuances de sedução (meia luz)
7RH "Filho que Parte" T. Dado : <i>Conversas Íntimas Pai e Filho</i>	Filho pede conselhos ao pai sobre vida afetiva/sexual, diante do casamento (orientações do pai p/ filho inexperiente)	sexo- M Homem (filho) curioso, e inexperiente	familiar - amorosa, amistosa (aconselhamento)	adequação percep- ção de objetos/figuras Ambiente neutro
8RH "Intervenção Cirurgica" T. Dado : <i>O Marginal</i>	Adolescente marginal (de ambiente familiar ruim) - assassino, irrecuperável. E médicos que curam. (instinto agressivo e o ambiente familiar - os conflitos entre o bem X mal)	sexo -M Adolescente - agressivo, hostil	relação causal - tensa	adequação percep- ção ambiental ambiente interno (hospital) com percepção de tensão

11 "Paisagem Primitiva" <u>T. Dado</u> : <i>Diante do Desconhecido</i>	Homem diante de algo desconhecido e temeroso (morte, futuro) e reflete so-caminho a trilhar - bem e mal (temo-res diante do futuro desconhecido)	sexo- M Homem - temeroso, com dúvidas sobre futuro	personagem único reflexivo e com muitos temores diante do desconhecido	adequação de percepção ambiental retratada ambiente tenso, cheio de expectativas temerosas
12 H "O Hipnotizador" <u>T. Dado</u> : <i>O pai diante da Morte</i>	Pai diante do leito de morte do filho- abençoa. (sofrimento diante da perda do filho)	sexo - M Homem (pai) melancólico, ante a perda	familiar - pai e filho (depressão e melancolia)	adequação da percepção objetos/figuras ambiente triste, escuro, melancólico
13 HF "Mulher na Cama" <u>T. Dado</u> : <i>A Decepção</i>	1a. versão- Homem que encontra mulher morta; sente por não ter-lhe pedido perdão/sente por ela não ter-lhe dado filho (perda, abandono, raiva pela falta de filhos) 2a. versão - homem não consegue satisfazer a mulher sexualmente. (situação de impotência e raiva)	sexo- M Homem- impotente diante da morte e/ou diante da incapacidade de virilidade	familiar - relação de perda, raiva, abandono e paralização diante da morte/impotência	adequação de percepção de objetos, figuras Ambiente tenso,
16 "Branca" <u>T. Dado</u> <i>O Futuro</i>	Centraliza a busca de realização futura : realização financeira, afetiva sexual, - visualizada através da harmonia familiar (filhos e casamento)	não surgem personagens incorporados	_____	narrativa ambiental neutra, futurista (com boas perspectivas)
4 "Mulher que Retém o Homem" <u>título Dado</u> : <i>Problemas para Engravidar</i>	Conflitos de casal que não consegue engravidar (conflitos diante da possibilidade de esterilidade/infecundidade)	sexo- M Homem inquieto e impotente	familiar - casal em conflito. Mulher calma tenta confortá-lo (tensa, conflitos diante da esterilidade)	adequada percepção de objetos, figuras. ambiente interno, doméstico- tenso e conflitivo.

SINTESE DOS PRINCIPAIS ASPECTOS DO SISTEMA TENSIONAL DOMINANTE
T.A.T.
(CASO, ANDRÉ)

Conteúdo/ Pranchas	Mensagem Subjacente	Necessidades do Herói - DESEJOS	Situações Temidas ANGÚSTIAS/ MEDOS	Reações Defensivas DEFESAS
1 "Tentativa de Vencer"	. desejo de tocar um instrumento (produzir criar) mas não se sente capaz, . deseja restaurar o instrumento (seus conteúdos) como faz a mulher	. de restaurar o objeto danificado . de criar (e procriar) . de crescer	. de não ter recursos suficientes para restaurar o objeto danificado . medo de fracassar	. idealização . identificação projetiva
2 "A Continuidade"	Superar os seus conteúdos (instintos) mais primitivos por via reparatória	. de crescer . de criar . educar (reparar)	. de não ter recursos	. idealização . repressão
3H "A Mágoa"	angústia sentida pela punição que lhe foi dada	. de roubar os conteúdos do corpo (pênis e bebês) . de criar e engen- drar	. da castração	. repressão
4 "Problemas para engravidar"	conflito diante da fantasia de esterilidade	. de potência . de criar . de reproduzir . de fecundar	. de ser estéril . da feminilidade . da castração . da impotência . da sua homossexualidade	identificação projetiva
6 RH "O filho que irá se casar"	fantasias de incesto. Tenta mostrar à mãe suaviridade (e que não é impotente). Aquele que pode dar-lhe bebês tal como o pai. Tenta triunfar sobre o pai em sua ausência (é orfão)	. de ser viril . de ser forte . de penetrar e fecundar . de eliminação da figura paterna (parricídio)	. de sua impotência . da castração . de ficar impossi- bilitado de fecun- dar	. formação reativa . deslocamento

7RH <i>Conversas Íntimas entre Pai e Filho</i>	fantasias da cena primária inveja o pai e por isso aproxima-se dele para saber o que o pai sabe	. de ter o que o pai tem : pênis, virilidade, a mãe)	. da castração paterna	. identificação projetiva . idealização . deslocamento
8RH <i>"O Marginal"</i>	adolescente = que não é adulto nem criança (confusão) que é agressivo e mata . Elimina o pai.	. de agredir . de eliminar o pai	. teme perder o controle e morrer (ser aniquilado, ou enlouquecer) . teme sua própria agressividade	. repressão . deslocamento . confusão
11 <i>"Diante do Desconhecido"</i>	temores diante do futuro, do desconhecido (daquilo que o filho pode representar - o desconhecido) diante da morte, do abandono	. de conhecer o desconhecido . de penetrar no desconhecido . de encarar o desconhecido	. do aniquilamento . da morte . do abandono	confusão
12H <i>"O pai diante da morte"</i>	. ambivalência - diante do desejo de morte e da culpa. . por ter desejado eliminar o pai, teme ser eliminado pelo filho . como Laio, para não ser eliminado pelo filho, identifica-se com o pai e elimina o filho.	. de eliminar o filho antes que ele o elimine	. da culpa (de não suportá-la) . da morte . do aniquilamento	. formação reativa . negação
13 HF <i>"A Decepção"</i>	traz conteúdos de morte (de eliminação da mulher por ele invejada) traz conteúdos de impotência	. de eliminar a mulher com seus conteúdos (que pode conter os bebês e os pênis)	. da castração . de ficar com o pênis retido no interior do corpo feminino	
16 <i>"O Futuro"</i>	traz conteúdos idealizados - o que gostaria de ser - com ausência de agressividade	. de alcançar o idealizado	. da falta de recursos, da despersonalização	. idealização . racionalização